

RAFAEL ANTUNES MACHADO

**“A GENTE TEM A EXPERIÊNCIA DO BARRO”:**

entre Artesãs, Joana, Rafaéis e (quem sabe?) uma  
etnomatemática junto à decolonialidade



Ilustração: Gildásio Jardim

<https://m.facebook.com/gildasio.jardim>



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

Rafael Antunes Machado

**“A GENTE TEM A EXPERIÊNCIA DO BARRO”:  
entre Artesãs, Joana, Rafaéis e (quem sabe?) uma etnomatemática junto à  
decolonialidade**

Belo Horizonte  
2021

Rafael Antunes Machado

**“A GENTE TEM A EXPERIÊNCIA DO BARRO”:  
entre Artesãs, Joana, Rafaéis e (quem sabe?) uma etnomatemática junto à  
decolonialidade**

**Versão final**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes

Área de concentração: Educação

Linha de pesquisa: Educação Matemática

Belo Horizonte

2021

M149a  
T Machado, Rafael Antunes, 1987-  
"A gente tem a experiência do barro" [manuscrito] : entre artesãs,  
Joana, Rafaéis e (quem sabe?) uma etnomatemática junto à decolonialidade /  
Rafael Antunes Machado. - Belo Horizonte, 2021.  
124 f. : enc, il.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação.

Orientador: Filipe Santos Fernandes.

Bibliografia: f. 112-114.

Apêndices: f. 115-124.

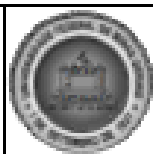
1. Educação -- Teses. 2. Etnomatemática -- Teses. 3. Matemática --  
Estudo e ensino -- Teses. 4. Matemática -- Métodos de ensino -- Teses.  
5. Artesãos -- Teses. 6. Artesanato -- Aspectos sociais -- Teses. 7. Artesanato  
-- Aspectos educacionais -- Teses. 8. Modernidade -- Teses.  
9. Descolonização -- Teses. 10. Jequitinhonha, Rio (MG e BA) -- Educação --  
Teses.

I. Título. II. Fernandes, Filipe Santos, 1988-. III. Universidade Federal  
de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

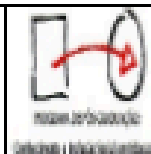
CDD- 510.07

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E  
INCLUSÃO SOCIAL



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**"A GENTE TEM A EXPERIÊNCIA DO BARRO": entre Artesãs, Joana, Rafaelis e (quem sabe?) uma etnomatemática junto à decolonialidade**

**RAFAEL ANTUNES MACHADO**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.


Aprovada em 12 de março de 2021, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Filipe Santos Fernandes - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Carolina Tamayo Osorio  
Universidade Federal de Minas Gerais

  
Prof(a). Sônia Maria Claretto  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

  
Prof(a). Diogo Matos Pinto  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

  
Professora Dra. Rosimar de Fátima Oliveira  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação:  
Conhecimento e Inclusão Social - FAE/UFMG

Belo Horizonte, 13 de julho de 2021.

*A Joana.*

## AGRADECIMENTOS

Deixei aqui, por último, porque achei que seria mais fácil. Mais um engano. Bom... começo ou fim, fácil ou difícil, não me aterei muito a linearidades. Ser grato parece complicado, ainda mais nos dias de hoje, não é? Deixem-me tentar colocar em palavras, então, o que transborda pelo corpo.

Existe algo pleno que, para mim, está acima de tudo. Há gente que chama de **Deus**, de Energia, de Cosmos, de Natureza, de Intuição e de tantos mais. Sou grato, então, a essa **Força Especial** que, sem sombra de dúvidas, limpa a alma e acalma o coração.

Sou grato, ainda, às forças regidas por essa Força Especial: **Wilson**, meu pai (ou Popi), **Marília**, minha mãe, **Juliano**, meu irmão, **Viviane**, minha irmã e **Gercina**, segunda mãe. Cheguei até vocês para aprender continuamente e crescer.

Há anjos – anunciados ou não – e *beija-flores* que trazem mais texturas e cheiros ao dia-a-dia. Costumo chama-los de amigos. Nem tudo são flores, que fique claro! E a essa realidade, sou grato. Algumas vieram desde sempre – **Isabela** e **Fernanda** –, outros chegaram na faculdade – **Juninho** e **Lu** –, mais um tanto apareceu dentro da escola – **Dani**, **Marcelo**, **Talita**, **Cláudio**, **João Marcos**, **Bi** e **Calais** – e outras lindezas chegaram no Mestrado – **Gleice** e **Luana**. Como não me lembrar de uma grande amiga e confidente? **Belo Horizonte!** Oh, cidade deliciosa! Meu encanto!

Quando fiz minha primeira matéria na FaE, lembro-me de uma colega da turma falando: “É aquele menino que é nosso professor? Ele é da matemática? Em uma disciplina de *discurso*? Ele vai fazer o quê, mandar a gente contar página?”. Existe uma lenda segundo a qual o pessoal da matemática só sabe fazer conta. Ai, ai! O menino, no caso, é o **Filipe**. Melhor: Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes, orientador desta dissertação. Obrigado por acolher e potencializar minhas ideias. Mais ainda, obrigado por bancar o meu jeito um tanto *cerrado* de escrever.

Quando saí da faculdade, parecia um filhotinho assustado. Em 2011, com um tantinho de nada de experiência, uma escola me acolheu e, em 2021, continuo aprendendo e me resignificando. Aos amigos e colegas do **Colégio Maria Clara Machado**, super obrigado! Ali, de fato, *uma* educação é realizada.

Um pouco mais experiente do que em 2011, em 2019 começo na **Escola Municipal Murilo Rubião**, Murilão. Oh, turma boa! Ali a vida acontece em sua

totalidade. Nunca presenciei a realidade de uma escola pública de educação básica, mas, se todas fossem como o Murilo, a educação no Brasil seria um tanto mais bonita! Obrigado por me mostrar essa realidade. Obrigado, direção e coordenação, pela acolhida, confiança e cuidado.

Querida **Profa. Dra. Cláudia Oliveira Santos**, orientadora da minha monografia na Licenciatura em Matemática e amiga que me ajudou na escrita do projeto de seleção para o Mestrado em 2019. Olha o que temos aqui em mãos: nasceu!

Se há um pessoal que sabe muito – mas muito, mesmo – é o da Educação Matemática da FaE. Orgulho-me de fazer parte desse time que mobiliza a educação de forma indescritível. Agradeço às professoras e ao professor pelas constantes revisões do projeto de pesquisa e pelas ricas discussões. Também, aos colegas da turma de 2019, **Gleice, Renata, Dani, Diana, Paulo e Rodrigo**. Saudades de papear no estacionamento com vocês depois da aula...

Agradeço à **CAPES/PROEX** pelo apoio ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social.

Agradeço, ainda, à **Profa. Dra. Sônia Maria Clareto**, à **Profa. Dra. Carolina Tamayo Osorio**, à **Profa. Dra. Vanessa Sena Tomaz**, à **Profa. Dra. Carolina do Socorro Antunes Santos** e ao **Prof. Dr. Diego Matos Pinto**, que compõem a banca desta dissertação, pela disponibilidade e, certamente, pelas valiosas observações que emergirão destas páginas.

Registro agradecimento especial a **Tereza, D. Pêdra, Deuzani, Zezinha, Terezinha e D. Faustina**. Sem a disponibilidade, atenção e o carinho com que me receberam, certamente as páginas seguintes teriam menos cor e menos afeto. Fui responsável e tive zelo por suas vivências e falas, cuidei para que minha escrita contemplasse a grandeza das suas vidas, pelo menos as partes que se dispuseram a partilhar comigo.

**Cerrado**, o senhor é incrível e encantador. Quem sabe, sedutor? A você, todo o meu respeito e gratidão. Seus frutos são mais doces, suas flores mais intensas e sua gente mais grandiosa. Seus mitos são mais vivos e sua colheita... Ah... se o cultivo não é bom, do casamento da água com a terra nasce o barro. E, com o barro, as suas artesãs perpetuam os saberes que o senhor vê de perto. Cerrado, não se acanhe pela falta de chuvas nem se amedronte pela máquina do eucalipto. O senhor existe, o senhor resiste, o senhor vive, o senhor ainda guarda veredas que são só suas e, no



momento certo, em sua gentileza, as compartilhará com a *sua* gente. Obrigado por me receber e me encantar ainda mais. Espero, de todo o corpo, fazer jus à sua majestade.

Por fim, agradeço ao **amor**... Reticente.

## RESUMO

Não contem ao Rafa que eu me atrevi a escrever isso aqui. Fica sendo segredo nosso. Vocês devem estar se perguntando quem está escrevendo. Não, não é o Filipe. Mais adiante, descobrirão. Quis fazer isso aqui no lugar do Rafael porque ele costuma divagar demais e, como aqui é um resumo, preciso ser assertiva. Bom, por onde começar? Talvez dizendo que aqui perceberão fluxos de memórias, vivências e experiências que afetaram dinâmicas entre professor, pesquisador, campo e Academia, quem sabe? Aliás, o título desta dissertação já traz algumas incertezas. Tais comoções eclodem a partir de um desejo que se consolida no Rafa em revisitar a sua prática enquanto professor de Matemática. Melhorá-la? Com base em qual referência? Modificá-la? Sensibilizá-la, talvez? Ou sensibilizá-lo? O que ele não sabia, entretanto, é que o seu percurso no mestrado e na escrita reconfiguraria sua trajetória atravessada por fagulhas da Modernidade e da Etnomatemática junto à decolonialidade. Que encontrarão nesta pesquisa? Perguntas e inquietações, dentre elas de que forma a decolonialidade ajuda a compreender essa noção de *uma matemática*, com artigo indefinido mesmo. Haverá sinalização de caminhos seguidos ou a seguir? Haverá pistas? Não, mas polifonia ecoada através do Rafael pelas vozes de seis artesãs do barro das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, no município de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil e pelas vozes de pesquisadores que contribuem para que as fronteiras da Educação Matemática e da Etnomatemática se tornem, cada vez mais, fluidas, porosas, mutáveis. Somada à polifonia, espaços para quem lê... espaços a vagar, a habitar, a construir, a (re)configurar. Como as perguntas e as vivências se articulam metodologicamente? Partindo dos sentidos do pesquisador, uma metodologia entre perguntas, entre afetamentos, ressaltando a experiência como fagulha essencial neste processo de pesquisa. Resultados? Olha... aqui dependerá das aberturas de cada uma e cada um que lê. Se perguntas constarem como resultados, as páginas seguintes estarão repletas de descobertas!

Palavras-chave: Artesãs. Experiência. Decolonialidade. Modernidade. Etnomatemática.

## ABSTRACT

Don't tell Rafa that I dared to write this here. It is going to be our secret. You might be wondering who is writing. No, it's not Filipe. Later, you will find out. I wanted to do this here in Rafael's place because he tends to digress too much and, as this is a summary, I need to be assertive. Well, where to start? Maybe by saying that here you will notice flows of memories and experiences that affected the dynamics between professor, researcher, field and Academy, who knows? By the way, the title of this dissertation already brings some uncertainties. Such commotions erupt from a desire that is consolidated in Rafa to revisit his practice as a Mathematics teacher. Improve it? Based on which reference? Modify it? Sensitize it perhaps? Or sensitize him? What he didn't know, however, is that his path in the master's and in writing would reconfigure his trajectory crossed by the sparks of Modernity and Ethnomathematics together with decoloniality. What will you find in this research? Questions and concerns, including how decoloniality helps to understand this notion of mathematics, as something indefinite. Will there be signs of paths followed or to be followed? Will there be clues? No, but polyphony echoed through Rafael by the voices of six clay craftswomen from the communities of Campo Buriti and Campo Alegre, in the municipality of Turmalina, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brazil and by the voices of researchers who contribute to the frontiers of Education Mathematics and Ethnomathematics become increasingly fluid, porous, changeable. Added to polyphony, spaces for those who read... spaces to wander, inhabit, build, (re)configure. How are the questions and experiences methodologically articulated? Starting from the researcher's senses, a methodology between questions, between affectations, emphasizing the experience as an essential spark in this research process. Results? Well... it will depend on the openings of each and every one who reads this. If questions appear as results, the following pages will be full of discoveries!

Keywords: Craftswomen. Experience. Decoloniality. Modernity. Ethnomathematics.

## LISTA DE FIGURAS

Foto 1 – Captura de tela do meu celular em 20 de fevereiro de 2020 .....	<b>38</b>
Foto 2 – Captura de tela do meu celular em 07 de fevereiro de 2021 .....	<b>60</b>
Foto 3 – Captura de tela do meu celular em 04 de junho de 2020 .....	<b>98</b>

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trechos das entrevistas com as artesãs.....	55
--	----



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AP</b>	Amapá
<b>CEFET/MG</b>	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
<b>Covid-19</b>	<i>Corona Virus Disease 19</i>
<b>EMATER</b>	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais
<b>FaE</b>	Faculdade de Educação
<b>IPHAN</b>	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
<b>MG</b>	Minas Gerais
<b>SAP</b>	<i>Second Audio Program</i>
<b>SUV</b>	<i>Sport Utility Vehicle</i>
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>Olá!</b> .....	<b>14</b>
<b>1 um certo tanto do que me atçou a pesquisar</b> .....	<b>15</b>
1.1 <i>mensagem via fogos de artifício, em 2004</i> .....	15
1.2 <i>rendas de bilros me fazem pensar</i> .....	18
1.3 <i>mensagem via whatsapp, em 2020</i> .....	20
<b>2 um certo tanto de mim</b> .....	<b>22</b>
2.1 <i>atravessando-me pelas salas de aula fora da FaE</i> .....	22
2.2 <i>atravessando-me pelas salas de aula da FaE</i> .....	25
2.3 <i>atravessando-me por vieses de uma Etnomatemática</i> .....	26
2.4 <i>atravessando-me por um método</i> .....	34
2.5 <i>atravessando(-me pel)o campo, (pel)os gêneros e (pel)o cerrado</i> .....	41
<b>3 estranhamentos que me fazem</b> .....	<b>52</b>
3.1 <i>estranhando(-me em) categorias</i> .....	52
3.2 <i>estranhando(-me em) potencialidades</i> .....	59
3.3 <i>estranhando(-me em) brutalidades (ou a Modernidade)</i> .....	63
3.4 <i>estranhando(-me em) novas caixas de ferramentas</i> .....	68
3.5 <i>estranhando(-me em) a Universidade</i> .....	78
<b>4 diálogos</b> .....	<b>85</b>
4.1 <i>diálogos entre Rafeais e suas notas sobre a experiência</i> .....	85
4.2 <i>diálogos entre Rafeais e a Matemática</i> .....	89
4.3 <i>entre desobediências e poder</i> .....	101
<b>5 preciso, realmente, dar uma cara de fim?</b> .....	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>112</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>115</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS</b> .....	<b>115</b>
<b>APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE TRECHOS DAS ENTREVISTAS</b> .....	<b>116</b>
<b>APÊNDICE C – APRESENTAÇÃO INICIAL DA PESQUISA</b> .....	<b>120</b>
<b>APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	<b>121</b>
<b>APÊNDICE E – CARTA DE SEÇÃO DE DIREITOS</b> .....	<b>124</b>

Olá!

Sou o Rafael Antunes Machado, Rafael Machado, Rafael, Rafa, Tuca (para meu pai, que não chamo de *pai*, mas de *Popi*, também não me perguntem o porquê), Cazuzza (para meus alunos), “*princeso*” (também para alguns alunos), Rafael orientando do Filipe<sup>1</sup> (como me conhecem na Linha de Educação Matemática do Mestrado), dentre outros... Várias denominações, nomes distintos que emergem em locais diferentes, cada um com sua particularidade, peculiaridade e historicidade. Rafaéis em multiplicidade, não em totalidade. Inacabados, em movimento.

Basta trocar as lentes com as quais enxergar. Aliás, a diferença está em quem enxerga ou na complexidade da nossa multiplicidade? O ato de trocar as lentes é suficiente ou o que importa é o que escolho mostrar?

Nas páginas seguintes retratarei algumas memórias de alguns desses *eus* ao longo (e antes) deste processo de escrita e construção desta dissertação.

Agradeço, de antemão, a disponibilidade de seus sentidos!

Se possível, gostaria que nos dispuséssemos, aqui, a uma experiência multissensorial, para além da visão: sentir o cheiro e o toque da terra ressecada do cerrado e do barro molhado das artesãs e dos pequis na época da colheita; sentir o calor que emana do solo seco, mas rico (sobretudo de pegadas *em uma educação*), o toque aveludado da cerâmica e os diversos sons que podem emanar dessas linhas, desde os *choringos* latentes de algumas palavras, até os sorrisos quase silenciosos de quem encontrou *um lugar*.

Sentir, por fim, o cheiro do café que é, para mim, sinônimo de “*Seja bem-vindo!*”.



---

<sup>1</sup> Filipe Santos Fernandes, professor orientador desta dissertação.

## 1 um<sup>2</sup> certo tanto do que me atizou a pesquisar

### 1.1 mensagem via fogos de artifício, em 2004

Vamos começar. Na verdade, aqui não é o começo, mas é necessário, ao menos, que nos situemos espacial e temporalmente – mesmo que eu me perca na coexistência espaço e tempo em alguns momentos das páginas seguintes (o que não é nenhum problema. Essa coisa dos limites que inquietam, aprisionam e precisam de justificativas é algo a se pensar).

Pois bem! O ano, mais ou menos 2004. Eu era adolescente, morava em Teófilo Otoni, município de Minas Gerais (que eu, carinhosamente, chamo de “a maior sauna seca do mundo”), tinha entre 15 e 16 anos, era estudante do Ensino Médio, com boas notas – números em uma planilha – em Matemática e muito bom nas outras *disciplinas*. Por menos que eu gostasse de *humanas* (mal sabia o que estaria por acontecer em alguns anos – estaria eu questionando um rótulo ou tentando me aproximar dele?), eu tinha prazer em ver um boletim com notas acima de 80% e, por isso, estudava. Meu pai era comerciante; minha mãe, professora de Ciências da Natureza da rede pública (apesar de ter se formado em Matemática); meu irmão estudava Medicina e minha irmã era pequenininha ainda.

Meu irmão, Juliano, morava em Belo Horizonte e, nas férias da faculdade, ia para Teófilo Otoni. De Teófilo, seguíamos todos para o sul da Bahia (que é quase uma extensão de Minas Gerais – ou seria o contrário?) e, depois, para Turmalina, interior de Minas, cidade natal dos meus pais. Em uma das férias do meu irmão, ele chegou com uma escultura em cerâmica que ganhou de uma amiga da faculdade. Luciana, a amiga, era filha de pai equatoriano e mãe brasileira, eu acho, e a escultura era de um deus *latino* da sabedoria. Querendo retribuir a gentileza, ele pensou em presenteá-la com um artesanato do Vale do Jequitinhonha.

Depois do sul da Bahia (verão!), chegamos no *Jequi*, em Turmalina. Lá é bem pequeno, aparentemente uma típica cidadezinha interiorana mineira. Uma coisa que Turmalina tem, e que particularmente acho fantástico, é o artesanato que se materializa na/*da arte de moldar o barro*. Num dia qualquer daquelas férias, fomos,

---

<sup>2</sup> A opção por minúsculas iniciais em títulos é intencional. Como perceberão, várias vezes projetam-se neste processo de escrita. As maiúsculas, apesar de ortograficamente corretas, carregam, para mim, uma demarcação de autoria que, no momento atual, não desejo restringir.

então, comprar o presente da Luciana. Seguimos para o Campo Alegre, zona rural de Turmalina. Um trecho da via era asfaltado e passávamos, logo em seguida, para uma estrada de terra. Algo surpreendente naquele trajeto era o caminho rodeado por eucaliptos.

Após os eucaliptos, chegamos ao Campo Alegre. Parecia que era uma descida sem fim até avistarmos a comunidade. Mas, ao saltar do carro, a sensação é que ali não havia ninguém, ou quase ninguém. De repente, fogos de artifício! Fiquei achando que havia alguma festa ou partida de futebol acontecendo. Nada disso... Após os fogos, os moradores começaram a aparecer, dirigindo-se para o galpão onde ficavam as peças produzidas localmente. Entendi: os fogos não eram para *comemorar* que havia visitantes, mas para avisar a possível chegada de compradores. Havia telefones celulares, porém ainda eram pouco acessíveis e a cobertura de sinal era baixa naquela região.

Engraçado, escrevi OS *moradores*, com artigo masculino, mas só consigo me lembrar de mulheres, algumas com filhos pequenos, que chegavam para nos receber. Será que ali só havia mulheres? Havia, sim, um ou outro homem nas portas das casas, mas que só se tornam *visíveis*, agora, em esforço da memória.

### ***As noivas do Jequitinhonha***

*Os vestidos longos e brancos  
Cobrindo todo o corpo  
Cheio de rendas e miçangas  
Às vezes um pouco torto*

*De pinguinhos e bolinhas  
Até mesmo de chavinhas  
Às vezes amarelados  
Às vezes muito branquinhos*

*É tanta mulher de branco  
Nunca vi na minha vida  
Você precisa conhecer  
Tanta mulher reunida.*

*Sabe do que eu falo?  
Pois agora vai saber  
Falo das mulheres de barro  
Que eu mesma sei fazer*

*São as noivas do Jequi  
Que nós mulheres fazemos  
Pra vender e comprar comida*



*E assim vamos vivendo*

*Alguém já me perguntou  
Porque só faço mulher  
Com meu jeito expliquei  
A realidade o que é.*

*É que aqui no nosso lugar  
Os homens são visitantes  
Passam oito meses fora  
Tem cada história marcante*

*As mulheres ficam sozinhas  
Pra cuidar da filharada  
De casa todo serviço,  
Aqui a barra é pesada.*

*As moças ficam a espera  
Do namorado que vem  
Pra arranjar um bom partido  
E saber se lhe convém.*

*É por isso essa coisa  
De tanta mulher sozinha  
É que na realidade  
Retrato aqui no barro  
O que está na alma minha.*

*O que está dentro de mim  
Vou expressando nas mãos  
Na modelagem do barro  
Na pintura, pintando com o coração  
Representando nós mulheres  
Um pedaço na nação  
Com um pedaço de torrão.*

*Deuzani Gomes dos Santos,  
fevereiro de 2009*

Compramos o *artesanato*, uma boneca. Era só uma boneca de barro. Era só? Era só um *artesanato*. Era só, aquele artesanato? Era só?

Mais ou menos 2004. Agora, enquanto escrevo, *sobrevive* o ano de 2020. Lá, em Campo Alegre, não há mais fogos de artifício para anunciar a chegada de compradores. O celular chegou, as redes de dados móveis chegaram! “A *modernidade* chegou!”, ouço de algumas e alguns de vocês. Algo me faz arrepiar quando escrevo *modernidade*. Há quem diga que a *humanidade*, então, se faz presente naquelas comunidades. Não consigo descrever o que penso. Quem sabe, a seguir?

## 1.2 rendas de bilros me fazem pensar

Às vezes, fico meio encabulado com o significado das palavras ou, quem sabe, com o sentido que elas podem assumir. Colocar significado e sentido na mesma frase pode ser um tanto desafiador... assim como se torna desafiador (para mim) tentar *significar* artesanato. Nem sei se dá pra fazer isso.

Fugindo de definições formais e tentando construir sentidos a partir de minhas vivências, quando eu pensava em artesanato, fincava os pés na materialidade e na tradição e imaginava a senhorinha (minha avó, por exemplo) fazendo rendas de bilros<sup>3</sup>, um cesteiro trançando palha para chegar nos mais diversos objetos ou mulheres modelando o barro. Em minhas formulações de sentido, o artesanato perpassava a tradição oral e gestual que marca transmissão de conhecimentos; o exemplo dos mais velhos, os que já são estabelecidos naquela lida; e a ancestralidade dos saberes e fazeres de alguns grupos. Um processo que envolvia avó, mãe e neta, em que a idade é, sim, um sinal de experiência, de respeito e de poder. A constituição e legitimação do *artesão* demandariam tempo e prática e, na minha “cabeça antiga”, pouco ou nenhum estudo formal. O artesão dominaria uma parte da natureza, aquela que lhe é peculiar e particular; aquela que enxerga, que toca e pela qual é igualmente tocado. Atribuiria a essa natureza uma outra forma, com ecos de sua *comunidade*. O artesão nasceria, então, entre a necessidade e a tradição.

Preciso reiterar questões que coloquei há pouco: era só uma boneca de barro. Era só? Era só um *artesanato*. Era só, aquele artesanato? Era só? – O só me parece perigoso.

Segundo Saul Martins (2020, *on-line*), o artesanato é caracterizado pela transformação de uma matéria-prima em objetos úteis. Quem realiza essa atividade denomina-se – ou é denominado – artesã ou artesão, reproduzindo objetos que chegaram até ela ou ele através da tradição familiar, ou produzindo novos de acordo com suas necessidades. Fiquei pensativo sobre a utilidade apontada por Martins. Útil pra quem e em qual formato? Se alguém não enxerga funcionalidade, talvez, em

---

<sup>3</sup> A Renda de Bilros é produzida sobre uma almofada, onde o enchimento é feito por materiais como crina, serragem, capim ou algodão. Ela é coberta por tecido com cor neutra para não confundir a visão da artesã. A almofada é a base para a confecção do trabalho e deve ficar apoiada num material de madeira para o manuseio. Por cima da almofada fica um molde com o desenho, onde será seguido com o trançar dos bilros. Os bilros são objetos de madeira, com uma pequena esfera nas extremidades na qual é enrolada a linha para execução do trançado.

algum objeto, aquilo não seria um artesanato? Artesanato ou matéria-prima? Os limites existem no fazer? Barro é só matéria-prima do produto final?

Penso que a minha explanação inicial e trêmula não se distanciou tanto dessa delimitação. Nos significados, agora formais e catalogados, sobre a aprendizagem do trabalho artesanal, consigo perceber que ela é

adquirida de maneira prática e formal, ele se dá nas oficinas ou na vivência do indivíduo com o meio artesanal onde o aprendiz maneja a matéria-prima e as ferramentas e imita os mais entendidos no ofício de sua preferência. É comum o artesão servir-se de pequenas ferramentas, que na maior parte das vezes é desenvolvida por ele mesmo devido à necessidade de seu trabalho que o obriga a pensar e desenvolver. Emprega-se no artesanato o material disponível, gratuito ou de baixo preço (MARTINS, 2020, *on-line*).

De fato, a ideia que construí para artesanato parecia coerente quando comparada com as vozes que caracterizam essa prática junto à Academia. Algo que eu não havia percebido, entretanto, era a necessidade econômica suprida pelo artesanato. Lembro-me da minha avó nas suas rendas de bilros: além dos presentes para outros e das toalhas de mesa que ela fazia para a sua própria casa, parte do seu trabalho era vendido numa forma de complementação do orçamento familiar. Como dito, o artesão também nasce de uma necessidade. Nesse sentido,

A atividade artesanal está ligada aos recursos naturais do estilo de vida e do grau de comércio com comunidades vizinhas sendo o artesanato uma manifestação da vida comunitária, o trabalho se orienta no sentido de produzir objetos de uso mais comum no lugar, seja em função utilitária, lúdica, decorativa ou religiosa. Não podemos falar em artesanato somente com o objetivo comercial, pois ele pode ser produzido para consumo próprio ou mesmo doação sem perder sua característica artesanal (MARTINS, 2020, *on-line*).

O que me encanta nisso tudo é a habilidade das mãos *traduzirem* um meio em que se vive. O corpo como instrumento. O corpo como ferramenta que consegue materializar um sentimento, seja procurando sustentá-lo (como as toalhas da casa de minha avó) ou superá-lo (as carências que geravam as necessidades de venda). Fui infeliz em restringir... O corpo sugere mais do que uma ferramenta, claro. O corpo como um universo. Agora sim! Corpos que dão materialidade à memória e ao sentir, talvez seja isso.

Uma amiga pedagoga, Flávia, mãe da Luana, minha colega de Mestrado, instigou-me: *crianças de pouca idade conseguem reproduzir uma ação sem consciência ou memória corporal daquilo. Não há emoção, apenas trabalho mecânico. Um espelho.* Adultos falando sobre crianças. E se fosse o contrário, crianças falando sobre adultos? Melhor, o que elas nos diriam sobre a *forma* como os adultos fazem?

Sabe aqueles momentos em que você “concorda sem concordar”? Acho que tomo outro viés: para mim, o artesanato é uma extensão da memória e uma impressão de vivências. Algo de gente, de mão, de movimento, de expressão, de identificação, de produção, de geração, de tradição, de comoção, de corpo, de... de... De pesquisa? Engasguei aqui!

### 1.3 mensagem via whatsapp, em 2020

Deixei Teófilo Otoni no ano de 2005. Vim para Belo Horizonte para estudar. Não que em Teófilo não houvesse, naquela época, (boas) faculdades, mas eu queria sair de *mim*. Boas escolhas, fatalmente.

Gosto de *métodos*. Início, meio e fim. O *porquê* de cada coisa devidamente explicado. Por isso, sempre tive apreço pela Matemática em maiúsculo, como ciência, porque ela não me decepcionava, não deixava espaço para erros, tampouco ficava sem respostas.

Fiz um ano de cursinho para tentar ingressar em uma universidade pública. Eu sabia que queria seguir algo nas *exatas*, mas não tinha certeza. Uma coisa muito forte em mim era que eu gostava muito (muito mesmo) da *sala de aula*. Não da escola, mas da sala de aula. Havia algo mágico ali, qualquer que fosse o modelo.

Matemática sempre foi meu xodó (sabe quando as coisas parecem tão naturais quanto respirar?). Era assim que eu mantinha uma relação com aquela disciplina que a Escola havia me ensinado. “Alguma dúvida?” Na época, não. Hoje, sou tomado por ela.

Licenciatura em Matemática na UFMG<sup>4</sup> foi, então, a minha escolha como curso superior. Pra ter uma “segunda” opção e com receio de fazer cursinho de novo, tentei Engenharia Industrial Mecânica no CEFET/MG<sup>5</sup>. Passei também. Qual escolheria? Todos: “*Engenharia no CEFET*”. Eu: “*Matemática na UFMG*”. Minha mãe: “*Ah... faz os*

<sup>4</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>5</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

*dois... Matemática é um curso fácil, eu fiz. Você vai ver.*” Realidade: fiz os dois e, certamente, não foi fácil.

Fácil mesmo foi perceber que a indústria não era o meu lugar. Não naquele momento ou no momento em que escrevo. A sala de aula, entretanto... Algo sempre me encantou na sala de aula. Um local de resistências, insurgências, potências, militâncias (sim! Custou-me entender, mas não abro mão disso agora!). Para além de conhecimento escrito, restrito, lido, catalogável, há sensibilidade de pessoas. Para além de um ambiente físico, um espaço de defesas, fragilidades e, grandiosamente, dinamicidades. As pessoas, em sua total beleza, são inconstantes e sedentas por mobilidade. Que dizer, então, desse espaço mágico que é a sala de aula? Pretendo o igualmente mágico e maleável, nada de estático. Riscos, repleta de riscos.

Retornei ao Campo Alegre em janeiro de 2020. A mesma descida, o mesmo caminho ladeado por eucaliptos, a mesma estrada de terra. A comunidade, nem tão parecida com aquela de 2004. Sempre fico na expectativa dos fogos de artifícios, sabe? Acho que eu me sinto importante... *“Olha, ele chegou! Vamos comemorar!”*. Nada disso. O mesmo galpão, porém, mais organizado. Sem fogos, mas com mensagens via *whatsapp*. *“Turistas. Venham abrir a loja.”* Essa tal *modernidade*, sei lá.

Algo era diferente: havia mais homens ali...





## 2 um certo tanto de mim

### 2.1 atravessando-me pelas salas de aula fora da FaE<sup>6</sup>

Como mencionei anteriormente, optei pela docência. Finquei raízes (até então) na sala de aula. Reafirmo: é um lugar mágico. Minhas aulas não fogem à regra que criei para ensinar Matemática, segundo os meus professores que tive ao longo da vida: bate papo para quebrar o gelo, conteúdo, exercício, correção, uma folguinha, avaliação e por aí seguimos. Exerço formalmente a profissão desde 2010 e, com o passar dos anos, aprimorei minhas *técnicas*, aquilo que eu julgava a melhor *estratégia* para fazer com que alunos conhecessem, utilizassem e, com algum esforço, gostassem de Matemática. Ao menos nessa técnica, acho que melhorei, mesmo incorrendo no risco da comparação e da delimitação... melhorei com relação a que? Melhorei para quem?

Todo ano, nas férias escolares – lembrem-se de que as minhas férias escolares de agora são como professor – visito meus pais em Teófilo Otoni e, de lá, damos uma *chegadinha* a Turmalina. No *Jequi*, sempre dou um jeito de comprar um artesanato da região, preferindo ir às lojas nas comunidades em que são produzidas as cerâmicas: Campo Buriti e Campo Alegre, zona rural de Turmalina.

Escrevendo esta dissertação, esforço-me para identificar o momento da minha vida em que me atentei para a magia (Nossa! Seria uma sala de aula?) do artesanato tradicional das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, em Turmalina, Minas Gerais. Sempre volto para aquele momento em 2004. Acho que foi ali que algo me instigou a querer *consumir* mais aquela região: para além de possuir as peças em um sentido econômico, existia um *consumir* como saborear, sentir o cheiro, perceber que, realmente, quanto mais eu buscava, mais eu me inquietava.

Escrevendo o parágrafo anterior pensei em café... Sempre gostei de café. Quanto mais velho, mais café. Sou daqueles que gostam de sentir o sabor em sua totalidade e sem deturpações no sentido: hoje em dia, sem açúcar ou qualquer adoçante. O toque aveludado e o barulho dos grãos sendo moídos, o cheiro do pó sendo umedecido pela água fervente, o delicado ruído do líquido caindo na garrafa, as gotas derradeiras no coador, tudo isso enaltece a *experiência* do café. O prazer

---

<sup>6</sup> Faculdade de Educação da UFMG.

final vem, então, no sabor que já não é, por si só, do paladar, mas de todos os outros sentidos. Assim eu me dispunha a consumir o Vale: em minha totalidade, em todos os sentidos, sem linearidades.

No meio de toda essa inquietação, percebi *uma fagulha* como professor de matemática. Fiquei aqui pensando se a gente consegue perceber um desejo, mas acho que não. Desejo vem sorrateiro, não faz barulho, mas somente ele é ouvido. Notava, então, uma vontade danada de dar mais sabores à minha prática docente. Queria uma mistura do Vale com o que eu concebia como sala de aula, dos dois mundos mágicos que conhecia. Seria possível?

Pois bem! Em uma dessas idas às lojas nas comunidades, atentei-me para o fato de que todas as peças expostas eram de mulheres. Eu sabia, mas nunca havia parado (para pensar?) sobre isso. Lembrei-me de 2004. Percebi, também, que ali nas comunidades circulava o artesanato, mas que as regiões eram marcadas, originalmente, pela agricultura de subsistência, com escoamento do excedente da produção para a feira de sábado no mercado em Turmalina.

Todos os anos, em minhas férias, era assim. 2010 (meu primeiro ano como professor), 2011, 2012, 2013... Mas, em 2018, algo de diferente aconteceu. Sinceramente, não sei o que foi, mas o misterioso e desconhecido evento daquele ano me trouxe até estas palavras.

Em Belo Horizonte, no ano de 2018, buscando alguma mobilidade na minha carreira de professor – estava congelado, ao menos assim eu vislumbrava –, tentei o processo seletivo para o curso de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), na linha de pesquisa em Educação Matemática. Projeto? Pensei: sou professor de Matemática, em tudo eu vejo Matemática, gosto do artesanato de Turmalina; logo, quero ver a Matemática sendo *aplicada* nesse artesanato. Conclusivo assim! “*A produção cultural e matemática nas comunidades artesãs de Campo Buriti e Campo Alegre/MG: uma abordagem Etnomatemática*” foi o título do projeto submetido à seleção. Passei!

Nas disciplinas do Mestrado, há uma disciplina intitulada *Seminário de pesquisa*, conduzida por professoras e professor da linha de Educação Matemática e direcionada, especialmente, aos estudantes de mestrado e de doutorado, que ingressaram no Programa naquele ano. Uma atividade comum da disciplina é a leitura e discussão dos projetos dos estudantes por todo o grupo. Na minha vez, após a

apresentação, ouço o seguinte comentário de uma colega doutoranda, Danielle Alves Martins, acerca do material que eu havia escrito para a seleção: *“Senti falta de uma introdução que justificasse melhor o porquê fazer a pesquisa nesse contexto (nas comunidades artesãs de Campo Buriti e Campo Alegre/MG) e não em outro. Como conheceu esse contexto? Também senti falta de uma descrição mais detalhada desse contexto, quem são essas pessoas? Já têm outras pesquisas nesse contexto específico? Senti falta de você ao longo do texto, Rafael. Suas experiências...”*

Dei uma engasgada com aquilo por alguns motivos: percebi a centralidade que a Matemática como ciência tinha tomado em detrimento das histórias de vida de pessoas (meu trabalho não existiria não fossem pessoas) e, mais ainda, percebi que aquele trabalho não tinha voz. Talvez tivesse, mas não a minha ou a das artesãs. Não havia *Rafael Antunes Machado*, nem *Rafael Machado*, nem *Rafael*, nem *Rafa*, nem *Tuca*, nem *Cazuza* (para meus alunos), nem *princeso* e nem mesmo *Rafael orientando do Filipe*. Será? Havia um Rafael, sim. Um que talvez, agora, eu insistia em adormecê-lo ou não o apresentar. Ele existe. Ele também é Rafael. Ele também é historicidade. Além desse, havia uma compilação de estudos científicos, uma observação viciada em uma única lente, a Matemática. Naquele momento, começava mais uma transformação na minha visão de professor e pesquisador. O *“Rafaelprofessormetódico”* abriria mão dos seus métodos e estaria aberto às delícias das descobertas?

*“Quem são essas pessoas?”*. Eu também não as conhecia – ou achava, naquele momento, que as conhecia. Antes de reescrever o projeto, tive que me visitar e enxergar, em mim, a minha motivação para a pesquisa. Era a Matemática por si só? Talvez fosse, agora não mais. Era o professor de Matemática? Talvez fosse, agora não mais. *Era um professor de Matemática interessado em vislumbrar de que forma a Matemática atravessava o contexto de vida e trabalho de artesãs em comunidades rurais no Vale do Jequitinhonha*. Algo ainda soava estranho nessa última formulação... Eu precisava, urgentemente, consolidar a minha concepção acerca dessa prática que, por anos, chamei de Matemática e, mais ainda, precisava reconhecer a minha ignorância e petulância: *como eu poderia garantir que a Matemática (essa mesma, a que eu concebia) atravessava o contexto daquelas artesãs?*

## 2.2 atravessando-me pelas salas de aula da FaE

Ao longo das orientações e disciplinas na FaE, percebo que a *Matemática* que eu queria ver – ou matemáticas em práticas culturais, ou práticas culturais descritas matematicamente – não davam conta daquilo que este trabalho pretendia ou daquilo que ele passou a pretender. Outras inquietações foram surgindo: *eu tenho uma concepção de Matemática, será que as artesãs com as quais pretendo conversar compartilham com o meu olhar? Qual a concepção de Matemática que existe naquele ambiente? Existe alguma concepção de Matemática naquele ambiente? Existe uma prática cultural sem Matemática?* Perguntava-me sobre existências do meu mundo ali, entre as artesãs... *Existe?* Eu estava prestes a levar vários socos na barriga, meu cérebro sofreria um choque indescritível e, em jogo, meu coração abria-se a um novo modo de encarar o *conhecimento*. Meu corpo em transição e afetamentos entrava em cena.

Temos este corpo, esta bagagem que só causa problemas, e, de fato, não sabemos nada sobre ele. Precisamos de diversas ferramentas para nos informar sobre os processos mais simples. Não é ridículo que, da última vez que o médico quis verificar o que estava acontecendo com o meu estômago, me mandou fazer uma endoscopia? Tive que engolir um tubo grosso e foi necessária a ajuda de uma câmara para que o interior do meu estômago se revelasse. A única ferramenta primitiva e grosseira que nos foi dada como consolação é a dor. Os anjos, caso existam, morrem de rir de nós. É nisso que dá ganhar um corpo e não saber nada sobre ele. Nem sequer ter um manual de uso (TOKARCZUK, 2019, s/p).

O trecho acima é de um livro que o Filipe recomendou que eu lesse: *Sobre os ossos dos mortos*. Gostei bem da leitura, especialmente pela forma como a autora conduz a trama. Eu me sentia naquele ambiente. Conseguia sentir a neve caindo (mesmo sem ter presenciado, até hoje, a neve), o cheiro dos chás da protagonista e, inclusive, suas dores nas articulações. Engraçado como nosso (ou o meu) cérebro é capaz de construir imagens a nosso (ou a meu) favor. Será que é isso que tenho feito da minha prática como professor? Imagens a meu favor? **Que perigoso!** Será que os anjos, caso existam, estão morrendo de rir de mim? “Ele tem um cérebro tão criativo, mas não sabe nada sobre suas ações”. *Será que eu queria fazer nevar no*

*Jequitinhonha? Ou melhor, será que eu queria plantar um pequizeiro<sup>7</sup> em climas temperados? Anjos, não riam mais, por favor!*

Fiquei apreensivo, agora, sobre este novo modo de encarar o conhecimento. Se há um novo modo, quer dizer que há um antigo. Acho meio feia essa dicotomia que estou utilizando, novo/antigo. Faz parecer que não é possível uma coexistência de conceitos e saberes temporalmente. Algo se desfaz no tempo linear...

### *2.3 atravessando-me por vieses de uma Etnomatemática*

Queria ser um tanto Carlos Drummond de Andrade e dizer que “essa lua, esse conhaque, botam a gente comovido feito o diabo.” *Poema de sete faces*. Declamei-o no Ensino Médio em um recital da escola em que estudava. Memórias não muito boas daquela fase... Engraçado como elas – as memórias – vêm e vão neste meu processo. Mas, é tarde, o sol brilha timidamente por entre nuvens bem brancas, dando a falsa impressão de um dia agitado e quente, quando, na verdade, o termômetro do meu celular marca 18°C (isso é nevar para alguém que saiu de Teófilo Otoni). Peguei um café, sem conhaque, dei uma esticada nas pernas e não acendi cigarro. A comoção (camuflada por beliscões) vem da potência de *uma* Etnomatemática querer falar, segundo minha voz. Ou melhor, ecoar segundo minha voz.

Lá na escrita do meu projeto, em 2018, comecei a *dialogar* com alguns conceitos do programa etnomatemática. Agora, enquanto escrevo, fico pensando: é hora de tomar partido? Será que preciso? O que preciso é alinhar o meu pensamento às vertigens que me parecem familiares e naturais. Sim, chegou este momento. Ou melhor, é chegado o momento da decisão por qual caminho seguir, ou pretensiosamente, construir pontes sobre algumas veredas, os oásis do cerrado de Guimarães Rosa. Geograficamente, uma vereda é definida, segundo dicionário Michaelis on-line, como um curso de água que se forma nos cerrados com mata ciliar composta por buritis e pindaíbas. Buritis... Campo Buriti... Na pretensão da minha ponte, pretendo atravessar aquele curso sem me molhar. Será que eu deveria me molhar, entretanto? Mergulhar na experiência por completo?

---

<sup>7</sup> Árvore típica do cerrado cujos frutos denominam-se pequis.



Na emoção e viés desse percurso, desdobrando-me sobre tensionamentos acerca de *uma* Etnomatemática, empresto-me da voz de Sônia Maria Clareto para me auxiliar nesta empreitada. Ninguém melhor do que ela para *construir* pontes.

Pauto-me na articulação de que “a etnomatemática surge na perspectiva de enfrentar crises postas ao conhecimento, sobretudo no que se refere ao questionamento da neutralidade do conhecimento científico e de sua objetividade” (CLARETO, 2003, p.53). Ressalto, aqui, temas a que me tentarei ater (ou não): neutralidade, objetividade e enfrentamento.

Para a pesquisadora,

A etnomatemática vai se constituindo na busca de romper com tal visão de conhecimento, uma vez que sugere a adoção de conhecimentos locais, de abordagens culturais ao conhecimento. Ela não admite verdades absolutas, mas tão somente verdades contextuais, portanto, provisórias (CLARETO, 2003, p. 54).

Mais alguns pontos a serem selecionados para nossa discussão: até então, a minha noção de *verdade* – que por muitas vezes chamei de Matemática – era a de algo incontestável, já debatido e discorrido à exaustão pela Academia. Entretanto, agora, deparo-me com o provisório. Fico pensando em livros de Cálculo, assumindo verdades absolutas até que se prove o contrário. Meio inconcebível. Fico pensando, ainda, na Academia como um todo, ao lidar com *verdades* multiparadigmáticas, locais, mutáveis, porosas e extinguíveis. Meu apreço por *uma* abordagem fluida surge da observação do ser humano: locais, mutáveis e, de certa forma, extinguíveis. Pesado isso! Algo extinguível reforça a ideia da provisoriedade e

[...] vai na direção de pensar o conhecimento para além das fronteiras rigidamente postas pela Academia e pelos matemáticos; igualmente, procura pensar a cultura e a diversidade cultural para além da homogeneidade e hegemonia da cultura ocidental e para além das amarras das culturas de elite (CLARETO, 2003, p. 54).

Acrescento mais pontos para análise: hegemonia da cultura ocidental e amarras de elite.

Sobre o aspecto da universalidade, ou de *uma* universalidade, Clareto (2003) afirma que “[...] a ‘universalidade’ da matemática é vista por estudos etnomatemáticos como uma ‘internacionalização’, uma expansão da cultura ocidental.”

Parece-me que mais um conflito se forma em meu corpo como um todo, parei de construir problemas somente na cabeça: como falar em uma internacionalização ou expansão de uma cultura ocidental e, ao mesmo tempo, falar em uma *cultura de elite*? Como expandir se assumo o caráter mutável e provisório de um conceito dado, até então, como *Matemático*? *A vestimenta da cultura local de um povo ou região é suficiente para dar àquela prática um aspecto de Matemática*? A própria terminologia *Etnomatemática* já não carrega em si uma cisão e um distanciamento daquilo que é uma vivência de um corpo que produz e de uma ciência que valida? Muitos nós. Receio em apertá-los, ao invés de afrouxá-los.

Tentando enveredar-me ainda mais, molhando os pés ou não, Aldo Parra afirma que

A etnomatemática tem sido reconhecida por seu interesse em reivindicar e legitimar habilidades, conhecimentos e práticas que serviram a vários grupos e nações para sobreviver e transcender no tempo e no espaço. Se entendermos que essas questões não existem no vácuo, mas se manifestam dentro de contextos normatizados de socialização, nos quais são disseminadas, avaliadas e transformadas, podemos perceber que a pesquisa etnomatemática não culmina em compreender/compartilhar diversos saberes, mas também teria a ver com a compreensão/compartilhamento dessas formas de geração e disseminação (PARRA, 2015, p. 406, tradução nossa).<sup>8</sup>

Chegamos em um ponto crucial para esta discussão que compartilho com vocês: uma etnomatemática que faz sentido para mim é aquela que percebe as articulações de diversos grupos culturais (sem querer folclorizar ou tornar o outro exótico) e dialoga *com*, compreende *com*, e compartilha variadas formas de produção e disseminação do conhecimento. Ainda me incomoda, em certas perspectivas no programa da etnomatemática, a constante necessidade da validação (ou não) da Academia de alguma forma de conhecimento presente em práticas culturais que são do outro e somente do outro. E, por Academia, entendam, os pesquisadores que constituem a mesma. Nesse sentido,

A maioria das pesquisas em etnomatemática tem sido conduzida sob o mesmo estilo/cânone invariável: os achados pertencem a um

---

<sup>8</sup> No original: "Ethnomathematics has been recognized for its interest to vindicate and legitimate skills, knowledge and practices that have served several groups and nations to survive and transcend in time and space. If we understand that those issues do not exist in a vacuum, but they are manifested inside normed contexts of socialization, in which such they are disseminated, evaluated and transformed, we can appreciate that ethnomatematical research does not culminate to understanding/sharing several knowledge, but it also would have to do with understanding/sharing these ways of generation and dissemination."

pesquisador, que é externo à comunidade pesquisada, e decide o que é publicado, em qual formato, quando e onde. Embora os saberes e práticas pertençam a um “outro” pesquisado, eles se manifestam sob o estilo e os critérios do pesquisador, que inclusive se gaba de ter “entrado” na comunidade e “decifrado/decodificado” seus conhecimentos matemáticos, que (obviamente) não tinham sido revelados até que o pesquisador veio. Esses “outros” não têm qualquer participação nas informações divulgadas. Eles não obtêm royalties, lucros ou benefícios não monetários com as pesquisas a que foram submetidos. “Outros” não são mais do que matéria-prima de pesquisa. Às vezes, mesmo seus nomes reais não são registrados em jornais e outras publicações. O máximo que eles podem esperar é serem mencionados.<sup>9</sup> (PARRA, 2015, p.406-407, tradução nossa).

Tomei partido, assumidamente. É aqui que Sônia Clareto e Aldo Parra abrem meus olhos. Quero deixar algo bem claro: não quero me tornar um pesquisador que revele algum conhecimento, segundo meu critério, minha lógica e minha condução. Não incorreria no erro de afirmar que um conhecimento foi trazido à tona por mim. Não quero revelar nada, sou péssimo nisso! Deixo as adivinhações para outros, a quem as cabe. Quero, apenas, conhecer-me neste processo. Quero, apenas, ser afetado pelo outro, experienciando-me. Quero, mais do que nunca, construir perguntas e sustentá-las. Mais que perguntas, problematizações. Será que eu aguento?

O que é sensível precisa ser validado, conferido, medido e catalogado? Atrevo-me, insistentemente, a pensar na dualidade razão/sensibilidade. É pra ser dual? Clareto (2003) afirma que “quando o espaço é assim representado, matematizado, perdem-se seus elementos sensíveis e, com isso, parte daquilo que está na sua composição”.

Sônia Maria Clareto (Soninha para o Filipe), em sua tese de doutorado, discute espacialidades que compõem o município de Laranjal do Jari, estado do Amapá, segundo percepções de adolescentes que ali residem. Algo do qual me aproximo para estas páginas é que

---

<sup>9</sup> No original: “Most research in ethnomathematics have been conducted under the same invariable style/canon: findings belong to a researcher, which is external to the researched community, and decides what is published, in which format, when and where. Although the knowledge and practices belong to a researched “other”, they are showed under the style and criteria of the researcher, which even boasts about to have “entered” into the community and to have “cracked/decoded” their mathematical knowledge, which (obviously) had not been revealed until the researcher came. Those “others” do not have any participation in the released information. They do not obtain royalties, profits or non-monetary benefits from the research on which they were subjected. “Others” are not more than raw research material. Sometimes, even their real names are not registered in papers and other publications. The most they can expect is to be mentioned in the acknowledgements because they answered the researcher’s questions”.

[...] elementos oriundos de uma observação mais sensorial ou sensível do espaço compõem, sobre a visão abstrata do espaço matematizado, uma visão particular e subjetiva. Neste sentido, cada mapa esquemático representa um espaço único: o espaço do indivíduo que o observa e vivencia. Elementos do mundo sensível ajudam a compor esses mapas esquemáticos cujos pontos de referências, como uma casa, uma igreja, farmácia ou escola, recebem destaque. Igualmente, dimensões e distâncias são representadas em “escalas” que incorporam elementos vivenciais, mais do que, prioritariamente, proporções matemáticas. As “medidas” são qualitativas (CLARETO, 2003, p. 160).

Confesso que me apego a esse ideal sensorial, de significados que tocam a existência cotidiana. Aqui, a Matemática – a de inicial maiúscula – não dá conta do *background* de cada indivíduo que se integra à sua comunidade e produz a sua cultura, segundo seus moldes. Matematizar tudo é complicado... Talvez aqui eu enxergue a necessidade de construir a minha ponte sobre veredas: não me afundar no (pré)conceito da razão da Modernidade. Peço perdão, mas oh palavra que vem me incomodando ardentemente. Clareto (2003) se pergunta: “Como, então, lidar com o conhecimento científico, aceitando esta visão de espaço – que se expressa na geometria euclidiana – em detrimento daquilo que experencio? O que é, então, ciência?”. Eu, aqui, me pergunto: *Como lidar com o conhecimento científico e com o conhecimento que nasce fora da Academia? Os meus sentidos não são suficientes para construir uma razão? Como a razão se configura em mim? Existe, de fato, razão?*

Não sei se conseguem perceber ações recorrentes em meu texto: artigos indefinidos e perguntas que devolvo a mim constantemente. É um mecanismo que me faz sair do lugar, ou, pelo menos, mover-me na tentativa de.

Sou novo nesse campo da discussão da etnomatemática, acabei de chegar. Entretanto, consigo inquietar-me com uma concepção de etnomatemática em que os pesquisadores fazem pesquisa *sobre* os grupos, não *com* os grupos<sup>10</sup> consonante a Parra (2015). Quero, assim como o autor afirma, trabalhar com, não apenas apontar uma minha lógica ou ser operador de uma lógica herdada. Nem sei se isso se chamaria lógica em outros modos de pensar. Mais ainda,

Nessa discussão surgem problemas como autoria e propriedade intelectual: por um lado, o pesquisador aparece como uma voz conhecedora/erudita, que pode chamar certo conjunto de práticas de matemático, e tem preparação para produzir um artigo. Por outro lado,

---

<sup>10</sup> No original: “a conception of ethnomathematics in which the researchers are made about groups, not with the groups”.

está a comunidade, como voz autoral porque gera e realiza as práticas (PARRA, 2015, p. 408, tradução nossa).<sup>11</sup>

O que, de fato, garanto como autorais são as minhas experiências. Reli o trecho, em voz alta, que acabei de escrever. Autorais. Autorais? Totalmente implicadas pelo e no outro. Não fosse pelo externo, pessoas e meio, a constituição do que escrevo, agora, seria outra. A sensação, essa sim, não é relativizada.

Abri mão da pretensão de *cientifizar* o outro! Abri mão de me *cientifizar*. Peguei mais um café, agora com conhaque. Preciso de algo forte para acompanhar o rebuliço aqui dentro de mim. Incrível como pessoas das quais sequer conheço a voz – aquela que sai da boca, não a do coração – conseguem me abalar tanto assim. O ser humano é sensacional. Aldo Parra, deslocando-me, toca em um ponto que faz com que muitas das minhas dúvidas eclodam-se:

Mas se as afirmações etnomatemáticas de respeito e compartilhamento do conhecimento são levadas a sério, os cenários para a circulação do conhecimento devem ser diversificados. Tal ideia poderia implicar movimentos de mão dupla: em uma direção estimular a presença e participação de detentores do conhecimento em encontros e outros contextos tradicionais da comunidade acadêmica, e na outra direção, garantir que as investigações sejam desenvolvidas, apresentadas e avaliadas, também nas instâncias tradicionais que os grupos socioculturais se estabeleceram para reunir e produzir seus conhecimentos. Essa segunda direção exige de nós um posicionamento sobre uma questão: achamos que essas instâncias não existem ou não deveriam existir? Pior ainda: achamos que essas instâncias não têm a capacidade de compreender as motivações e procedimentos de uma pesquisa etnomatemática? (PARRA, 2015, p. 409, tradução nossa).<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> No original: “Within this discussion arise problems with authorship and intellectual property: on the one hand the researcher appears as a knowledgeable/erudite voice, who can call certain set of practices as mathematical, and has the preparation to produce a paper. On the other hand is the community, as an authorial voice because it generates and performs the practices”.

<sup>12</sup> No original: “But if the ethnomathematical claims to respect and share knowledge are taken seriously, the scenarios to circulate knowledge should be diversified. Such idea could imply two-way movements: in one direction stimulate the presence and participation of knowledge-holders in meetings and other traditional context of the academic community, and in the other direction, to ensure that the investigations will be developed, presented and assessed also in the traditional instances that sociocultural groups have established to gather and produce its knowledge. This second direction demands from us a positioning about a question: do we think that those instances do not or should not exist? Even worse: do we think that those instances do not have the capability to understand the motivations and procedures of an ethnomathematical research?”

Não sei o que pensam, mas achei chocantes as frases finais e, por isso, as repito: “Essa segunda direção exige de nós um posicionamento sobre uma questão: achamos que essas instâncias não existem ou não deveriam existir? Pior ainda: achamos que essas instâncias não têm a capacidade de compreender as motivações e procedimentos de uma pesquisa etnomatemática?” Afinal, qual etnomatemática é essa? Aquela que dá voz ao outro – que configura uma fatalidade – ou aquela que ouve e ajuda, quando necessário, a ecoar e amplificar vozes, sem querer enquadrá-las em “caixinhas” estáticas e limitadas? Será que, ao invés de pontes sobre veredas, o meu intuito (mesmo que subentendido) seja construir pontes entre saberes singulares e os da Academia? Seriam pontes, mesmo? A ideia subjaz conectar duas instâncias que estão afastadas, preservando distâncias e limites, mas permitindo o ir e vir. Era apenas essa a pretensão? Ir e vir livremente? Aquele ponto da *universalização* que a Sônia Clareto trouxe começa a fazer um pouco mais de sentido: será que enxergo tal universalização e expansão de uma cultura, não como expansão da Matemática, mas como a assunção de que a Academia se constitui (ou *deve* se constituir) por saberes que ultrapassem a produção de elites?

Cabe pensar em uma etnomatemática na coexistência temporal de saberes. Vejam bem...

Oi, Rafa.

Já que falou em anjos, vou entrar *pedindo bença*. Penso ser a resposta a esse cumprimento a maior disposição para o encontro: *bençoe*. Enquanto leio o seu texto, Drummond me observa da estante: sim, tenho uma pequena estátua do escritor que ganhei em uma banca de um trabalho de Mestrado ambientado em Itabira. De algum modo, o olhar atento de Drummond e a informação de que aparecerei em outros momentos de seu texto, de outras formas, me autorizam a escrita e o encontro. Resolvi, por isso, começar a prosa por aqui... *Bença, Rafa*.

Estava lendo o seu texto e vi um balão, ao lado da sua última frase, que dizia: “preciso de ajuda, não consegui”. “Vejam bem” – parou assim. A conversa transitava em suas perturbações sobre a etnomatemática e o tempo foi recobrado. Estranha categoria que faz parte de nossas vidas, especialmente nesse ano de 2020 que nos parece não ter fim...

Acho tão pertinente esse papo sobre o tempo... E faz tempo! Para mim, a etnomatemática tem sido território do espaço e, por desconsiderar, muitas vezes, o tempo, traz as angústias produzidas na sensibilidade do seu olhar. No texto *Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes*, o Casto-Gómez (2007, p. 87) diz assim: “ainda que um médico indígena seja contemporâneo de um cirurgião que estudou em Havard, ainda que este último possa cumprimentá-lo e compartilhar com ele um café, [...] ele seria classificado como um *habitante do passado*, como um personagem que produz um tipo de conhecimento ‘orgânico’, ‘tradicional’ e ‘pré-científico’”. Essa citação do autor é uma chave de um pensar. Tenho a suspeita de que tratamos as coisas no mesmo espaço, mas não no mesmo tempo. Dizendo de outro modo, parece-me que a etnomatemática se ocupa apenas de colocar todos esses conhecimentos, sujeitos e territórios em um mesmo espaço, sem a pretensão de considerar que eles coexistem no tempo e que, por isso, constituem existências e resistências não só no *aqui*, mas também no *agora*. Guardamo-nos, como sujeitos da Modernidade, o tempo, ele é nosso. O presente é nosso! Por isso, dizemos *evoluir, progredir, avançar*... Somos nós, sujeitos da Modernidade, que direcionamos o tempo ao futuro. Então, “essas matemáticas não são do nosso tempo, ainda que nosso espaço”. Tendemos a considerar esses conhecimentos, sujeitos e territórios como anedóticos, superficiais, rupestres ou, em qualquer denominação, em uma via contrária à do progresso. Se essas matemáticas fossem do nosso tempo, Rafa, os futuros seriam outros, e a Modernidade tem medo disso.

Essa discussão me faz lembrar um texto de Fabián Villegas, intitulado *Recordatorio para viejos y nuevos colonialistas*<sup>13</sup>. Há um trecho que diz assim: “La descolonización es sistema de temporalidad transitiva, una ruptura con la temporalidad colonial, con el esencialismo del pasado, una ruptura con el amestizamiento del presente y el blanqueamiento del futuro cómo metáfora de sofisticación y desarrollo.”

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.contranarrativas.org/narrativa>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

Bem, vou ali colocar conhaque no meu café e continuar mais um pouco com você. E antes que me esqueça, acho que temos, você, Drummond e eu, algo em comum: um anjo nos anunciou ser *gauche* na vida.

Daqui a pouco eu volto, talvez...

Filipe.

#### 2.4 atravessando-me por um método

##### **Antes que seja tarde**

*Olha não sou daqui  
Me diga onde estou  
Não há tempo, não há nada  
Que me faça ser quem sou  
Mas sem parar pra pensar  
Sigo estradas, sigo pistas pra me achar  
Nunca sei o que se passa  
Com as manias do lugar  
Porque sempre parto antes  
Que comece a gostar de ser igual, qualquer um  
Me sentir mais uma peça no final  
Cometendo um erro bobo, decimal*

*Na verdade continuo sob a mesma condição  
Distraíndo a verdade, enganando o coração*

*Pelas minhas trilhas você perde a direção  
Não há placa, nem pessoas informando aonde vão  
Penso outra vez que estou sem meus amigos  
E retomo a porta aberta dos perigos*

*Pato Fu*

*John Ulhoa, Fernanda Takai, Tarcísio Moura, 1998*

Adoro o Pato Fu e sinto que a música acima foi feita pra mim. Claro que não foi, é óbvio. Mas fico me indagando quem eu sou nesta escrita, em um processo que busco pertencimento (ou não) e “retomo a porta aberta dos perigos”. Os perigos pra mim, claro. O que eu vejo como perigoso em palavras? Encontrar aquelas que desmintam todas as que eu havia dito anteriormente?

Estou em BH, tentando escrever um pouco desta minha experiência como *professor/pesquisador/ser humano*. Pensei: por que eu estou escrevendo desta forma, como se eu estivesse contando um *causo* mineiro? Isso aqui é um processo Acadêmico formal que será avaliado pelo Filipe e por outras professoras e professores com muito mais bagagem conceitual do que eu. Parei e pensei de novo: mas quem



disse que isso aqui não é um processo Acadêmico? Estou em uma universidade, em um programa de pós-graduação. Sim, é uma escrita acadêmica. O bom nisso tudo é que eu me pergunto e já me respondo, assertivamente ou não. Devolver perguntas também é resposta. Outra coisa: será que me atrevo ao *acadêmico* em vez do *Acadêmico*?

Sustentando essa indagação sobre formalismos, lembrei-me das aulas de *Metodologia de Pesquisa*, no primeiro semestre de 2019, da professora Valéria Cristina Oliveira<sup>14</sup>. Lá discutimos várias possibilidades de desenvolvimento deste trabalho. Que tipo de *condução*? Qual *caminho* seguir? Na submissão do projeto para seleção, pensei na *etnografia* como um recurso metodológico. Quem sabe cola, não é mesmo?

A etnografia, como método de investigação científica,

significa o estudo sistemático de um povo ou cultura. Com tal definição, qualquer trabalho de campo que observe diretamente as práticas sociais e as interações de um grupo, durante um determinado período, poderia ser classificado como etnográfico por natureza, e, portanto, praticamente todo estudo Etnomatemático seria etnográfico<sup>15</sup> (TAMAYO; PARRA, 2018, s/p, tradução nossa).

Impasse 1: estudo sistemático.

Assim, nossa concepção de etnografia pressupõe, em primeiro lugar, um público-alvo para o qual a pesquisa é dirigida e um público-sujeito sobre o qual a pesquisa é produzida. Em segundo lugar, assume que todo o trabalho de campo etnográfico está contido na frase "esteja lá, escreva aqui", demarcando uma divisão clara entre lugares, temas e papéis que refletem inequivocamente as hierarquias coloniais. Não podemos esquecer a frase exata: "A etnologia só pode assumir as suas próprias dimensões dentro da soberania histórica - sempre contida, mas sempre presente - do pensamento europeu e da relação que pode colocá-lo face a face com todas as culturas, bem como consigo mesmo" (Foucault, 1971)<sup>16</sup> (TAMAYO; PARRA, 2018, s/p, tradução nossa).

<sup>14</sup> Valéria Cristina Oliveira é professora adjunta do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação (Decae), na Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e pesquisadora do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) e do Núcleo de Pesquisas em Desigualdades Escolares (NUPEDE). Informações coletadas na plataforma *Lattes*.

<sup>15</sup> No original: "significa el estudio sistemático de un pueblo o cultura. Con tal definición cualquier trabajo de campo que observe directamente prácticas sociales e interacciones de un grupo, durante un cierto periodo, podría ser clasificado como de cuño etnográfico, y, por tanto, prácticamente todo estudio Etnomatemático seria etnográfico".

<sup>16</sup>No original: "Así, nuestra concepción de etnografía presupone en primer lugar un público objetivo al cual va dirigida la investigación y un público sujeto acerca del cual se produce la investigación. En segundo lugar, asume de que todo trabajo de campo etnográfico está contenido en la frase "estar allá,

Impasse 2: estar lá e escrever daqui.

Por esses dois impasses eu não poderia ter a etnografia, da maneira como é proposta, para a condução do meu trabalho. Não queria enxergar o outro e escrever segundo minhas lentes. Isso não é bacana, é uma relação de poder que não cabe aqui. Não quero, de forma alguma, gerar traduções, tampouco ater-me à extração de informações e criar visões unilaterais acerca de algo que não é próprio do meu solo cultural. O que me interessa, sobretudo, é o afetamento que me percorrerá das situações que vivi.

Tentando sustentar o pensamento por mais um tempo, deparo-me com um atravessamento que me desconcerta ainda mais: “a etnografia relaciona-se com o paradigma interpretativo-hermenêutico a partir do qual busca caracterizar, analisar e compreender as relações entre saberes e práticas sociais.<sup>17</sup>”, segundo Carolina Tamayo e Aldo Parra (2018). Senti certo incômodo, especialmente no “caracterizar relações entre conhecimento e prática cultural”. Mais um problema nas aulas de *Metodologia de Pesquisa*: eu não disporia de tempo alongado, não tinha uma relação estreita com as artesãs e tampouco era membro daquelas comunidades. Alguns pesquisadores utilizam a estratégia de *etnografia de um dia*. Aquilo não me convenceu. Por que não?

Quando os pesquisadores fazem etnografia, eles estudam uma prática cultural relacional, valores e crenças comuns e experiências compartilhadas, a fim de ajudar os membros do grupo (de dentro) e os estranhos culturalmente (de fora) a compreender melhor uma cultura. Os etnógrafos tornam-se os observadores participantes dentro de uma cultura – isto é, tomando notas de campo de eventos, bem como de sua própria participação, ou da participação de outros, nesses eventos. Um etnógrafo também pode entrevistar membros de uma cultura específica, examinar a maneira como seus membros falam e se eles se relacionam, investigar usos de espaço e lugares ou analisar objetos como a roupa e arquitetura, textos como livros, filmes e fotografias<sup>18</sup> (PARRA, 2015, p. 21, tradução nossa).

---

escribir aquí”, demarcando una clara división entre lugares, temas y roles que refleja inequívocamente las jerarquizaciones coloniales. No podemos olvidar la frase certera: “Ethnology can assume its proper dimensions only within the historical sovereignty — always restrained, but always present — of European thought and the relation that can bring it face to face with all cultures as well as with itself” (Foucault, 1971)”.

<sup>17</sup> No original: la etnografía se encuentra relacionada al paradigma interpretativo-hermenéutico desde el cual se busca caracterizar, analizar y comprender relaciones entre conocimiento y las prácticas sociales

<sup>18</sup> No original: Cuando los investigadores hacen etnografía, estudian una práctica cultural relacional, valores y creencias comunes, y experiencias compartidas, con el propósito de ayudar a los miembros

Meus propósitos não eram, unicamente, esses. Ainda faltava algo. Eu havia pensado em realizar entrevistas, observar o ambiente e as ações, mas não me dava por satisfeito. Faltava mais de mim. Faltava a minha vivência prévia, uma retrospectiva de mim mesmo. Faltava que eu olhasse para mim enquanto processo e produto de afetamentos provocados por outros.

Aqueles modos de *condução* da pesquisa ainda me incomodavam. Eu não estava preso a uma *filiação* metodológica previamente definida. Havia necessidade desse “apadrinhamento” metodológico? E se, ao longo do processo, eu constituísse uma metodologia inteligível para mim e para quem lê?

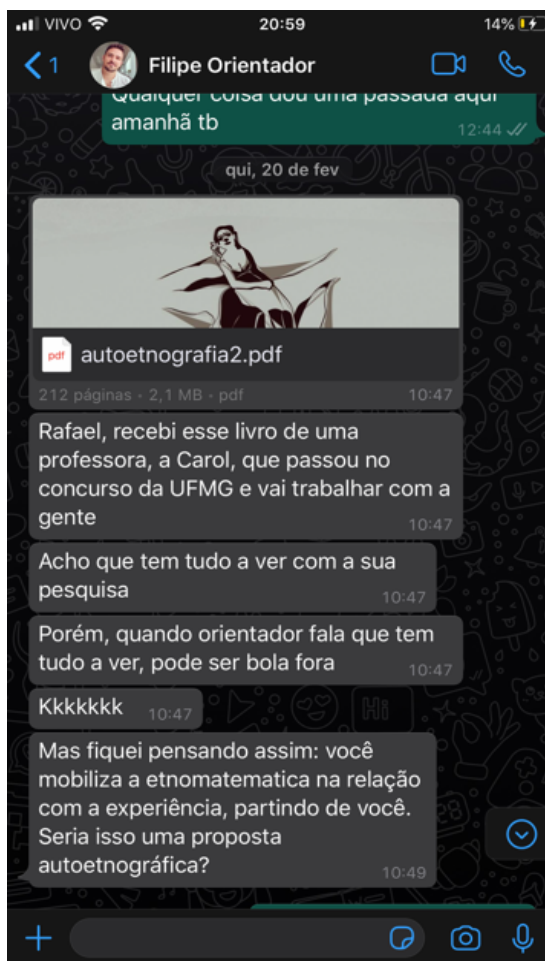
Meus incômodos não eram os da *etnografia*, mas outros: como fazer desta escrita uma experiência na pesquisa? Como comunicar essa experiência para aqueles que estão lendo estas páginas? Que etnografia seria esta, em que o foco do meu esforço seria a minha própria transformação? Sei que falar assim soa preponderante. Eu também pensava assim. Então, estaria falando de mim? As minhas vivências, as minhas experiências, o meu percurso, os meus incômodos, as minhas questões e, essencialmente, os meus afetamentos antes e durante esta pesquisa seriam os elos essenciais para a construção de novos atravessamentos e novas ressignificações após a pesquisa? Havia encontrado uma metodologia? Eu me investigaria? Investigaria como os processos que eu vivenciaria nas comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre me afetavam como professor de matemática? Tratar-se-ia de uma metodologia fundamentada em perguntas sobre mim mesmo? Um *método entre dúvidas*? Que estranho!

No carnaval deste ano, 2020, eu pretendia ficar em casa e transcrever as entrevistas – daqui a pouco chegaremos nelas – que havia realizado em janeiro. Nada de ir para bloquinhos, nada disso. Não fui para os blocos, mas também não mexi nas entrevistas. Na quinta-feira (dia 20 de fevereiro, véspera de carnaval, Belo Horizonte lotada de turistas e ainda sem a Covid-19 – ou fingindo que estava sem a Covid19 –, Filipe me manda um *whatsapp*.

---

del grupo (*insiders*), y a los culturalmente extraños (*outsiders*) a entender mejor una cultura. Los etnógrafos se convierten en los observadores participantes dentro de una cultura – esto es, tomando notas de campo de sucesos, así como de sí mismos tomando parte, o de la participación de los demás en estos acontecimientos. Un etnógrafo también puede entrevistar a los miembros de una cultura en particular, examinar la manera en que sus miembros hablan Y si relacionan, investigar los usos del espacio y los lugares, o analizar objetos como la ropa y la arquitectura, textos tales como libros, películas y fotografías.

Foto 1 – Captura de tela do meu celular em 20 de fevereiro de 2020



Fonte: Arquivo pessoal (2020)

Olha só que inusitado: ainda que imerso em perguntas, eu (confesso!) buscava alguma diretriz. Talvez, não estivesse em busca de uma diretriz, mas de vozes que me ajudassem a perguntar. A Carol que o Filipe fala nas mensagens é a professora Carolina Tamayo Osorio, professora da Faculdade de Educação da UFMG. Meu carnaval foi para outro rumo e, sem medo de ser infeliz, tomei a leitura de *Autoetnografia: uma metodologia cualitativa*, com textos organizados por Silvia M. Bérnard Calva.

A princípio, numa tentativa simplória de entender o termo *autoetnografia*, pensei em algo como pesquisar a mim mesmo. Definição não muito satisfatória... Nessa tentativa, começo a entender que o termo se refere a

uma metodologia qualitativa cujo diferencial central é partir do indivíduo na pesquisa, a partir daí compreender o contexto espaço-temporal em que a experiência individual é vivida, em suas dimensões culturais, sociais e políticas. (...) Pesquisa, escrita, história e método

que ligam o autobiográfico e pessoal ao cultural, social e político<sup>19</sup> (CALVA, 2019, p. 9, tradução nossa).

Começo a satisfazer-me com a definição e a opção por essa metodologia. O *objeto de estudo não sou eu, unicamente, mas as formas como os meus anseios e, especialmente, a minha prática como professor de matemática tornam-se personagens principais na condução deste processo de investigação e escrita*. Nesse sentido, “autoetnografia é uma abordagem de pesquisa e escrita, que busca descrever e analisar sistematicamente (representar graficamente) a experiência pessoal (self) para compreender a experiência cultural (etno)<sup>20</sup>.” (CALVA, 2019, p. 18). O sistematicamente, agora, parece fazer sentido...

Dotando-me, neste ponto, do pensar-me na direção de um pesquisador de cunho autoetnográfico, devo delimitar que meu papel e minhas ações

se concentraram em maneiras de produzir pesquisas significativas, acessíveis e evocativas, enraizadas na experiência pessoal; para sensibilizar os leitores para questões como identidade política, experiências escondidas no silêncio e para nos permitir mergulhar em formas de representação que aprofundam nossa capacidade de empatia com outras pessoas além de nós. Autoetnógrafos reconhecem inúmeras maneiras pelas quais a experiência pessoal influencia o processo de pesquisa. Por exemplo, os pesquisadores decidem quem, o quê, quando, onde e como investigar; e as decisões estão necessariamente ligadas a requisitos institucionais (por exemplo, comitês de avaliação institucional), recursos (por exemplo, financiamento) e circunstâncias pessoais (por exemplo, um acadêmico que pesquisa câncer porque teve uma experiência pessoal com a doença). (...) Consequentemente, a autoetnografia é uma das perspectivas que reconhece e dá origem à subjetividade, ao emocional e à influência do pesquisador na pesquisa, ao invés de esconder essas questões ou presumir que elas não existem<sup>21</sup> (CALVA, 2019, p.19-20, tradução nossa).

<sup>19</sup> No original: “una metodología cualitativa cuyo distintivo central es partir de lo individual en la investigación, para desde ahí lograr comprender el contexto espacio-temporal en el que se vive la experiencia individual, en sus dimensiones cultural, social y política. (...) Investigación, escritura, historia y método que conectan lo autobiográfico y personal con lo cultural, social y político”.

<sup>20</sup> No original: “la autoetnografía es un acercamiento a la investigación y la escritura, que busca describir y analizar sistemáticamente (grafía) la experiencia personal (auto) para entender la experiencia cultural (etno)”.

<sup>21</sup> No original: “se concentraron en formas de producir investigaciones con sentido, accesibles y evocativas, arraigadas en la experiencia personal; que sensibilizaran a los lectores frente a cuestiones tales como la identidad política, las experiencias escondidas en el silencio, y que permitieran ahondar en las formas de representación que profundizaran en nuestra capacidad de empatizar con personas distintas a nosotros mismos. Los autoetnógrafos reconocen innumerables maneras en que la experiencia personal influye en el proceso de investigación. Por ejemplo, los investigadores deciden quién, qué, cuándo, dónde y cómo investigar; y las decisiones están necesariamente ligadas a los requerimientos institucionales (por ejemplo, comités de evaluación institucional), recursos (por ejemplo financiamiento), y la circunstancia personal (por ejemplo, un académico que investiga sobre el cáncer

Estou convencido. Não pelo termo *autoetnografia*, mas pelo que as vozes que dessa terminologia emergem me ajudam a dizer. Trata-se, talvez disso, *grafia*. Preciso dar vazão ao processo do pesquisar porque ele é o motivador desta pesquisa: sim, a motivação desta pesquisa é o processo de pesquisar, no *auto*, no *etno* e no *grafia* que me cabem.

Retomo, aqui, as perguntas que levantei em páginas acima: *eu tenho uma concepção de Matemática, será que as artesãs com as quais pretendo conversar compartilham do meu olhar? Qual a concepção de Matemática que existe naquele ambiente? Existe alguma concepção de Matemática naquele ambiente? Existe uma prática cultural sem Matemática?* Explico o porquê de retomá-las:

Como método, a autoetnografia combina características de autobiografia e etnografia. Ao escrever uma autobiografia, o autor escreve sobre experiências passadas, retrospectivamente e seletivamente. Geralmente, o autor não vive essas experiências apenas para torná-las um documento publicado, mas sim essas experiências se embasam a posteriori<sup>22</sup> (CALVA, 2019, p. 21, tradução nossa).

Conseguem perceber como essas palavras fazem sentido, aqui? Não reformulei esta pesquisa por um desejo que surgiu, objetivamente, da *cientifização* de um fato, mas por uma latência que existia desde minha infância e que foi lapidada ao longo dos anos, especialmente após a minha vivência em sala de aula. Este trabalho, como que magicamente, consegue amarrar (sem prender) minhas passagens ao longo de minha constituição como professor/pesquisador e a pesquisa, assim, não é apenas o produto final, mas, também, mais um processo de formação do Rafael que, agora, *consegue* escrever. Processo e produto articulando-se continuamente. Epifanias. Epifanias. Epifanias.

Permitir-me-ei que minhas experiências sejam o foco, mas sem a prepotência que o fato parece carregar. Afinal, quem seria eu sem o outro? Nada! O outro e eu não somos o mesmo e nem há motivo para sermos. Não vou lá ver o que vejo aqui,

---

porque ha tenido una experiencia personal con la enfermedad.(...) Consecuentemente, la autoetnografía es una de las perspectivas que reconocen y dan lugar a la subjetividad, a lo emocional, y a la influencia del investigador en la investigación, en lugar de esconder estas cuestiones o asumir que no existen”.

<sup>22</sup> No original: “Como método, la autoetnografía combina características de la autobiografía y la etnografía. Cuando se escribe una autobiografía, el autor escribe sobre experiencias pasadas, retrospectiva y selectivamente. Generalmente el autor no vive esas experiencias sólo para convertirlas en un documento publicado, sino que esas experiencias se embazan a posteriori”.

em mim. Dúbio: preciso buscar outros solos para que, então, eu me sensibilize e me enxergue? Ou preciso buscar outros solos para, finalmente, entender as particularidades de onde falo e onde visito? Falei a mesma coisa de formas diferentes?

Permitir-me-ei a explosão.

### *2.5 atravessando(-me pelo) campo, (pelos) gêneros e (pel) o cerrado*

Se eu a conhecesse um pouco menos, certamente leria seus livros. Mas, por conhecê-la, tinha medo de os ler. Era possível que eu me achasse neles, descrita de uma forma que não conseguiria entender? Ou os lugares que amo seriam completamente diferentes do que são pra mim? De alguma forma as pessoas como ela, que dominam a escrita, costumam ser perigosas. Logo, levantam suspeitas de falsidade – que não são elas mesmas, mas um olho que está sempre observando, e transformando em frase tudo o que observa; assim retira da realidade a sua qualidade mais importante – sua inexpressividade (TOKARCZUK, 2019, s/p).

Outro trecho daquele livro que o Filipe recomendou. Eu fico surpreso como palavras, mesmo que em contextos outros, podem ser ressignificadas dadas as circunstâncias. A realidade enquanto inexpressividade. Estou aqui escrevendo uma dissertação e me inspiro pelo que meus sentidos conseguem captar e o que a pesquisa pode fazer com essas percepções: extirpar a inexpressividade. É ruim ser inexpressivo?

É chegado, finalmente, o momento de realizar a pesquisa em campo. Eu estava preparado (várias pegadinhas que este trabalho me prega...), material de gravação pronto, documentos do comitê de ética na pasta, roteiros de entrevista a postos e um esquema mental (olha o método aí) com referências e pontos chave que deveriam ser explorados.

Estrada de terra e muitos buracos até a entrada das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre. Lá, casas com janelas fechadas, ninguém (ou quase ninguém) nas ruas. Mais janelas fechadas. Eu esperava encontrar a poeira, o difícil acesso e poucas pessoas nas ruas dado o calor que fazia, mas as janelas me impactaram. Aquilo trazia mais um incômodo... Ora, mas eram apenas janelas! Não, não eram. Para mim, havia algo mais, ou menos, quem sabe?

Naqueles instantes, chegando às comunidades, senti o meu trabalho ganhando pernas, braços e voz. De súbito, o vejo perambulando por ali... a vejo. Arrisco a dizer

que este trabalho teria fisionomia de uma menina, com pouca idade, magra, cabelos castanhos encaracolados, lábios finos, olhos meio amendoados, com vestido feito de um algodão mais grosso (daqueles pra aguentar o tranco de uma criança agitada)... por algum momento achei que ela, correndo livremente por Campo Buriti e Campo Alegre, virasse pra mim e, com inocência típica de uma criança livre, se apresentasse: “Olá, sou a Joana.”.

O que Joana e eu víamos eram janelas fechadas, nada de grelinhas abertas. Fiquei ansioso. O que será que encontraríamos por detrás das janelas? Eu precisava de pessoas. O que Joana me mostraria?

Perguntando um ou outro, chego até a presidenta da Associação das Artesãs e Lavradores de Campo Alegre, da qual não me recordo o nome. Talvez o nervosismo tenha gerado um lapso no ético e na memória. Ela, muito gentilmente, me indica possíveis parceiras que me ajudariam na minha empreitada (mais uma vez, método). Tenho que deixar registrado aqui a ajuda que meu tio, Américo (Tibeco), deu nesta etapa. Ele namorou uma menina da comunidade e já conhecia praticamente todo mundo.

Aquele encontro com a presidenta e com Joana começava a desnudar o *meu* professor de matemática.

Venho falado das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, mas percebi que não apresentei adequadamente aqueles espaços e quem são as atrizes dali. Outro ponto de ressalte: atrizes, não atores. Tereza, Dona Pêdra, Zezinha, Deuzani, Terezinha e Dona Faustina são seis nomes de muito peso que pretendo respeitar e dar o devido destaque ao longo desta escrita. Conversei com essas mulheres que, sem pretensão, conseguiram mudar parte de mim e, certamente, implicaram – e muito – as atuais páginas. Além de todas as qualidades, ressalto a cordialidade, a educação e o carinho com que todas me receberam. Não sei muito bem como é o universo das pesquisas, mas, se todas contarem com pessoas como essas, certamente a ciência pode ser um tanto acolhedora.

Aos poucos e timidamente tive o prazer de conhecer uma pequena parte da trajetória dessas mulheres. Não sei se conseguirei manter uma certa linearidade na escrita, começo, meio e fim. Não, já afirmo que não conseguirei. Aqui, sou parte de um percurso entre veredas.



“O homem é ruim de vender. Uma notícia ruim pra você!”. Zezinha, 51 anos, artesã de Campo Alegre. Ela disse isso enquanto conversávamos na varanda do seu *atelier* (será que ela chama aquele espaço de *atelier* mesmo ou só de “cômodo em que trabalho”?). O homem a que Zezinha se refere é, na verdade, uma escultura de argila moldada por ela. As figuras femininas vendem muito facilmente. Para a própria Zezinha, se houver um casal de noivos, é possível que a noiva seja vendida e que o noivo fique sozinho no altar. É possível ir além desta fala? Sim, é possível. Bom, pelo menos tentaremos!

As dinâmicas dos *gêneros* têm a ver, penso eu, com cenário em que a fala foi proferida: uma comunidade artesã no Vale do Jequitinhonha. Mas... isso não diz muito. Pelo contrário. O Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, foi e ainda é conhecido por muitos como o vale da pobreza.

Se você fizer uma rápida pesquisa no Google sobre Vale do Jequitinhonha, vai encontrar uma região com os menores índices de desenvolvimento do Estado de Minas Gerais. Também vai perceber que grande parte de sua população vive em extrema pobreza. Verá fotos de seu meio ambiente, sistematicamente agredido pelas atividades mineradoras, de carvoaria e o uso indiscriminado do fogo pela agricultura familiar. É por tudo isso que o Jequitinhonha também é conhecido por muitos como o Vale da pobreza (HENRIQUES, 2018, *on-line*).

Os motivos são variados: solo improdutivo, estações chuvosas pouco acentuadas, agricultura prioritariamente de subsistência, baixo atrativo para implantação de indústrias na região, dentre alguns outros fatores. A consequência mais imediata: migrações sazonais para grandes centros com maior oferta de empregos.

Segundo o Dossiê Cerâmica Popular Artesanal de Turmalina/MG (2018),

O Vale do Jequitinhonha/MG possui características peculiares que se explicam pelo processo de povoamento e pelo fluxo migratório em razão da baixa taxa de urbanização e baixa oferta de empregos. Há um contraste econômico na região do Vale do Jequitinhonha/MG que pode ser ilustrado em duas realidades. A primeira em que há geração de recursos econômicos com base no cultivo de eucaliptais, mormente no Alto Jequitinhonha. E outra, característica do Médio e Baixo Jequitinhonha, em que prevalece o modo de vida simples da produção de subsistência (TURMALINA, 2018, p. 7).

Nas comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, zona rural de Turmalina, havia uma exemplificação latente deste *sintoma do Vale*. Havia. Zezinha nos conta que *“Antes os homens eram migrantes. A mulher ficava em casa e sobrava tempo para o artesanato.”* Os homens, casados ou não, migravam para São Paulo em busca de empregos no corte de cana e na construção civil. *“Os ‘homem’ ‘caçô’ outras atitudes, mas as menina-mulher sempre mexeram com barro”*, relata D. Pêdra (a doçura em pessoa), 72 anos, uma das pioneiras no artesanato na região. Os empregos eram por temporada e, findada a colheita de cana ou as obras, os homens retornavam para o lar trazendo o dinheiro feito naquela temporada. E as mulheres? Filhas ou esposas, ficavam em casa tratando dos afazeres domésticos, cuidando dos filhos ou dos irmãos mais novos, trabalhando na roça e, entre tantos afazeres, modelavam o barro para prover algum utilitário (pratos, botijas, panelas). Se desse, escoavam o restante da produção do artesanato para o mercado da cidade. Para D. Faustina, de Campo Buriti, *“Comia só da roça, o povo passava necessidade. A mulher criava a família sozinha.”*

O que a cena traz de típico (até então) é a figura masculina como provedora prioritária do “sustento”, e a feminina, por sua vez, restrita a tarefas ditas *menores* dentro de sua comunidade e longe dos olhos de qualquer um que não fosse daquele espaço privado. Para Zezinha, *“Era mais escravizada”*. Uma leitura: *era mais*, não deixou de ser. A “escravização” da mulher não me pareceu, pela voz de Zezinha, findada, mas, quem sabe, amenizada.

Entretanto, com a mecanização da agricultura e o desaquecimento do setor da construção civil, o emprego por temporada dos homens e a conseqüente migração sazonal tornam-se mais raros. Paralelamente, aquele escoamento das peças artesanais das mulheres, aqueles utilitários para a casa, atrai o interesse da população urbana para além de Turmalina e, mais ainda, para além de Minas Gerais. Algo de novo surgia ou se reconfigurava ali.

As botijas, panelas e pratos, ganham mais ornamentos e, gradualmente, peças decorativas passam a surgir, como bonecas, flores e animais. *“Nosso lugar é muito abençoado para morar, porque do chão saiu essa forma de, com as mãos do ser humano e com a terra que Deus deu, com a qualidade que ela é, as pessoas fazerem o jeito de vida aqui mesmo. Não precisa ir pra longe”*, afirma Dona Faustina. Pequena pausa para trazer um importante ator naquela região: o cerrado.

Da terra no cerrado se faz o alimento na agricultura e na coleta de frutas nativas, o abrigo na construção e, lindamente, a matéria prima para o artesanato. Um conjunto de minerais que, com a sutileza da água – precioso recurso ali – e com a sensibilidade do corpo, materializam as vivências daquelas famílias. Os pigmentos, quase nada de “química”: cada cor vem de uma mistura de barros de diferentes terrenos. A lida com o barro nasce do cerrado ou das artesãs? Existiriam aquelas artesãs sem o cerrado? Da terra, o sustento: do corpo e da essência. A natureza bruta provê e a mulher modela.

Uma guinada na geração de renda das famílias de Campo Buriti e Campo Alegre toma foco. Para além da guinada econômica, uma guinada de costumes: “*A mulher hoje trabalha fora de casa, viaja. Antigamente, vivia com aquilo que o marido dava*”, afirma Terezinha, 50 anos, presidenta da Associação de Artesãs de Campo Buriti. Mais ainda, “*Ele assumiu a dona de casa e eu fui ‘sê’ o homem*”, segundo Zezinha.

Estou franzindo minha testa e mexendo compulsivamente nos meus cabelos dada a última fala poderosa de Zezinha: “eu fui sê o homem”. Isso quer dizer que ser homem está ligado, necessariamente, ao provimento da renda? Essas mulheres inauguram um novo modo de pensar e viver em uma região até então dominada pelo poderio do masculino: uma transformação de uma sociedade patriarcal para uma matriarcal.

Em razão desta transformação houve um intensa inversão de papéis sociais: algumas artesãs que antes eram conhecidas nas comunidades de origem como sendo esposas ou filhas de alguém – “*Maria do Mané*”, “*Zezinha do Ulisses*” – com o reconhecimento e a conseqüente procura por seus trabalhos passaram a ser reconhecidas pelo próprio nome. Às vezes, as regras se invertem e o marido fica sendo o conhecido em função do parentesco com a ceramista. – “*Ulisses da Zezinha*”, por exemplo (DALGLISH, 2006, p. 72).

Algo de semelhante surge nas conversas com as artesãs Tereza, Dona Pêdra, Zezinha, Deuzani, Tereza e Dona Faustina: o protagonismo da mulher naquela região. O homem, provedor, perde boa parte do foco. A mulher recebe, sem imaginar ou conceber, mais uma atribuição: aumentar a renda, “*hoje tem possibilidade de ser igual ao homem. Tem uma cabeça boa para gerenciar*”, assim afirma Zezinha. A cabeça boa para gerenciar segue sendo a do homem, em idealidade, ainda que o protagonismo feminino ganhe força pelo artesanato. Aquele patriarcado datado

desaparece? Ainda não sei... Ele parece assumir outras vestimentas. O masculino é presente e, ainda, controlador, em voz e pensamento.

Zeinha ainda afirma que *“quem faz, não sabe vender”*. Quem faz é a mulher e, apesar do trabalho em dar vida a uma peça, o preço e a administração da renda gerada pelo artesanato cabem ao marido. Seria este um fato restrito? Das conversas com seis artesãs, apenas uma relatou essa situação.

Sobre a produção das peças de barro naquela região, há traços da setorização do trabalho. Quem modela e pinta são as mulheres, os homens auxiliam na coleta do barro, da lenha e na queima das peças. Nesse ponto, todas as seis foram consonantes. Há, ali, trabalho que é “de homem” e trabalho que é “de mulher” ... *“os homens que ainda são um pouco machistas de achar que o artesanato é só das mulheres”*, diz Deuzani. Machismo é uma marca do patriarcado. Mas esse machismo, muitas vezes, se justifica: para Terezinha, *“Os homens não tem habilidade”*.

Escrevendo estas passagens, sempre lembro de uma tia-avó, irmã da minha avó materna, tia Carolina. Ela é professora aposentada da UFMG, da Faculdade de Letras, e sua tese transita, também, pelo Vale. *Movimentos do Jequitinhonha: Corpo e Narrativa*. Coisa de família, vai saber... Ela aborda de forma sensível a realidade e produção de saberes ali, mas no tocante à linguagem, a *uma* linguagem, a linguagem do Vale. Desse *lugar*, tia Carolina vem nos contar que

Na inscrição da mulher, o objeto casa. Gramaticalmente feminina, a palavra casa, dentro das especificidades históricas e culturais desse contexto que se baseia na divisão de gêneros, remete a um mundo social idealizado para a mulher, no qual ela, a casa, espaço privado, representa parte do sonho de quase toda mulher da região: casar-se, ter uma casa que abrigue os filhos e o *marido provedor*, o que significa a sua subordinação ao seio da família. Mas a mulher, devido a imperativos de toda ordem, principalmente depois da década de 70, tornou pública a casa e públicos os objetos dentro dela e por elas criados, possibilitando o seu consumo como bens simbólicos e, conseqüentemente, inserindo-a na esfera pública. E isso, com certeza, provocou mudanças tanto nas práticas da vida cotidiana da casa/o lar, enquanto espaço da mulher, quanto na cultura que *“fez da experiência de ir a público, de apropriar-se do espaço público (...) uma experiência que encontrou sua forma apropriada de depoimento”*<sup>23</sup> (ANTUNES, 2015, p. 136, destaque meu).

---

<sup>23</sup> FRANCO. Rumo ao público/reprovando o privado. In: *Y nosotras latinoamericanas?* Estudos sobre gênero e raça, p.14.

A citação acima traz algo que nunca havia me chamado a atenção: a casa como uma representação da mulher. Olha só... há sentido para mim. Espaço para abrigar os filhos e o marido provedor, até então.

Assim, essa casa de origem cultural idealizada pelo sistema do patriarcado, o lar, tanto pode simbolizar para a mulher o seu lugar de poder, de rainha, quanto o seu aprisionamento dentro do espaço doméstico. Entretanto, pode demarcar o seu trânsito entre a esfera privada e a esfera pública e o deslocamento histórico que tende a tornar cada vez maior, na medida em que suas *portas e janelas estão permanentemente abertas*<sup>24</sup>, como o representam essa cerâmica (...), como o revelam o acesso feminino à escolarização e a outros fatores de urbanização, produzindo o conhecimento que faz nascer o desejo de emancipação de/para quem – ambigualmente – pode encontrar-se muito dentro, mas, também, já fora de casa (ANTUNES, 2015, p. 137).

Gostei muito da ambiguidade que tia Carolina trouxe: produzir um conhecimento que traduz o desejo de emancipação de alguém que pode ser vista dentro do ideário da casa, mas já fora dela. Tive a sensação de que as janelas não estavam fechadas.... Será que eu já conseguia perceber uma fresta, um olhar por entre as folhas de madeira? Onde estaria Joana?

Algo que salta aos olhos (aos meus, pelo menos) é a presença física dos homens, maridos, filhos ou netos, no momento das entrevistas. Quando não estavam no mesmo espaço que as esposas, mães ou avós, davam um jeito de passar ou de serem notados. Das seis entrevistadas, apenas uma se dispôs (intencionalmente ou não) a conversar na ausência de uma figura masculina. Podemos interpretar isso como cuidado? Sim, certamente. Um desconhecido em sua casa merece atenção. Mas, para além do cuidado rotineiro, ainda não seria um forte traço do patriarcado que perdura? Uma mulher conversando com um desconhecido que se diz pesquisador de uma universidade? Neste sentido,

Vistos no conceito da modernidade, o artesanato da cerâmica e os contos fantásticos não correspondem, totalmente, à expectativa da representação da mulher na sociedade patriarcal pelo desvio que ela representa. Por isso, nessa produção cultural, atravessada naturalmente pelo imaginário social, há duas vozes sobre a mulher: uma que a vê como força que desafia a noção de um corpo social unívoco e uniforme; e outra que a idealiza exatamente dentro dessa univocidade e uniformidade. (...) Contrariando o clichê da repetição e da passividade, as mulheres da cerâmica (...) incitam ao movimento

---

<sup>24</sup> Itálico meu.

que muda as regras do passivo da história do patriarcalismo. Isso porque essas mulheres se sobrepõem a essas regras na medida em que, diferentes, corajosas, se mobilizam para transformá-las, transformando, também, a narrativa sobre elas (ANTUNES, 2015, p. 156-157).

Fico pensativo quando tia Carolina toca no conceito de *Modernidade*. Lá no comezinho essa ideia já me incomodava, e o incômodo parece aumentar. Vejam bem: estamos conversando sobre um trabalho na linha de pesquisa da Educação Matemática mas, nem tão discretamente, abalos na Modernidade e no patriarcalismo eclodem... será que me aproximo de algo maior? *Cadê a Matemática?* – consigo escutar o grito de alguns daqui.

As janelas (e as portas) mostram-se cada vez mais abertas.

#### *A mulher*

*Mulher é mais do que se pensa  
É arte de Deus, é amor  
Mulher é braço forte da nação  
É orgulho dos que sabem dar valor  
Mulher é a luz do lar  
É distribuidora do afeto e calor*

*Mulher é cheia de harmonia  
De segredos que só elas têm  
É portadora das mais belas fontes  
Que jorra amor como ninguém  
Que no decorrer do dia-a-dia  
Passa o tempo plantando o bem*

*Mulher solteira, mulher mãe  
Trabalhadora organizada  
Que luta pela família  
**Que ainda é escravizada**  
**Resistente desse vale**  
**Pelas dores carregada**  
Mulher linda, alma transparente  
No seu rosto a esperança*

***Mulher negra, de alma branca**  
No trabalho uma fera (esperança)  
Na sociedade poucas vagas  
Na política, quem me dera*

*Quero ver a mulherada,  
De mãos dadas, uma corrente  
Lutando por seus direitos  
Mudando passos lá pra frente*

*Ainda chegamos lá*  
***De ver mulher presidente***

*Se unirmos nossas forças  
 Com certeza no futuro  
 Teremos pros nossos filhos  
 Um país bem mais seguro  
 Que a nossa sociedade  
 Colham frutos bem mais maduros*

*Mulher levante a cabeça  
 Sacode a poeira e vem  
 Entra na roda com a gente  
 Você é importante também  
 Saia da sua tarefa  
 O tempo não espera ninguém...*

*Deuzani Gomes dos Santos, 2018*

Onde estaria Joana?

Fiquei pensando naquelas mulheres com as quais conversei. Simplicidade extrema, acolhedoras, doces, com as casas impecavelmente limpas (apesar da poeira que insistia em atacar minha rinite) e, sobretudo, com uma inteligência e sensibilidades invejáveis. Todas, sem exceção, transmitiam uma paz que não consigo descrever. Afinal, para algumas coisas não existem palavras. Fiquei especialmente emocionado (sim, engasguei e engoli seco em alguns momentos da entrevista) com a Dona Faustina. Acredito que todas as pessoas têm dons. O dela, sem dúvidas, é o de *encantar*.

Conversamos na varanda da sua casa, margeada por um quintal cheio de plantas bem vivas e viçosas (apesar da falta de chuvas). Ela não trabalha mais no artesanato, aliás, apenas fizera algumas peças na sua infância pra comprar uma coisinha ou outra que quisesse. Quando fiquei sabendo daquilo, quase tive um treco. Uai... eu *queria* o artesanato. Nem sempre o que a gente quer é o que a gente precisa. Ela me presenteou com muito mais do que eu poderia imaginar. Fala doce, mas potente; mãos sempre em movimento, ora arrumando a toalhinha da mesa, ora gesticulando para ninguém.

*“Como que esse povo daqui vive? A terra não é de muita cultura. O próprio lugar oferece o jeito de viver. Foi assim que o povo descobriu o artesanato”*. Ali ela trazia, em sua fala, a potência daquele povo, em especial das mulheres daquele povo. E a potência do cerrado, mais uma vez. Não fosse por aquelas terras eu não estaria me remoendo internamente nesta escrita. Uma fala rica de aberturas. O próprio lugar

ofereceu o jeito de viver: se não era pela agricultura, seria de outra forma. Nesse caso, a forma vinda do barro, a forma dada ao barro pelas mãos daquelas mulheres...

*“Mulher passa mais apertado, batalhadoras, mas no meio da batalha, não sei... derrotadas não, porque a gente só é derrotado se parar de lutar”*, relata Dona Faustina acerca dos *perrengues* que a lida naquela comunidade lhes impunha. Perrengues (mas não derrotas) dos mais variados que a acompanhavam desde a infância. O alimento não era tão farto, havia a necessidade de ir para o mato buscar pequis, sapotas, seriguelas, jacas, frutos característicos do cerrado. *“Muita gente pode pensar que quem mora na roça é bobo. A gente pode não ter estudado, mas a gente entende tudo do jeito da natureza”*. Sábia Dona Faustina. Em safras fartas, o pai saía à venda do óleo do pequi, das frutas do cerrado e dos utilitários de barro feitos modestamente em casa. No retorno ao Campo Buriti, sempre trazia uma peça de tecido para que a mãe confeccionasse roupas para os filhos.

*A mulher*. Pois é. Aquelas mulheres. Será que elas se percebem da forma como eu as percebo? Fico com receio, às vezes, de deixar tudo muito exótico e fantasioso, não é essa a minha intenção. Não perpassam a fantasia, mas transitam em um ideário (muito real) de seres humanos que assumem posturas de liderança, mesmo que não percebam. Convido aqui, mais uma vez, tia Carolina para me ajudar nas minhas articulações. Seria eu muito tendencioso e abusado em dizer que a sua tese pega emprestada a vivência, em especial, de mulheres produtoras ativas de um conhecimento? Neste sentido, minha tia afirma que

Histórica e sociologicamente dentro de casa e girando ao seu redor, a mulher teria encontrado, nesse tipo de escrita<sup>25</sup>, o veículo certo para a expressão de sua vida íntima, suas fantasias, seus desejos, matéria de memória, a qual ela privilegia, não só pelo que tem a dizer, mas, principalmente, pelo modo *como*<sup>26</sup> diz o que tem a dizer. Ao modelar, transformando, a pluralidade das peças irrompe e, através dela, as mulheres se apresentam e se representam: *meninas mulheres*<sup>27</sup> brincando de roda; mulheres bonecas de sala, guardiãs da casa; mulheres feirantes; mulheres modernas com brincos de flores; vestidas de minissaia e com calcinhas à vista; mulheres noivas, grávidas, amamentando. Carregando crianças, flores ou animais; de braços dados com o homem ou com Nossa Senhora, a mulher se faz plural, pois, além de produtora de texto, ela é, também, personagem e modelo para ele (ANTUNES, 2015, p. 135).

<sup>25</sup> A modelagem do barro é assumida como um tipo de escrita.

<sup>26</sup> Itálico da autora.

<sup>27</sup> Itálico da autora.



Destaco as últimas palavras dessa citação: *“pois, além de produtora de texto, ela é, também, personagem e modelo para ele.”* Serei abusado, mais uma vez, e farei apropriação desse fragmento. Tia Carolina, não só de texto na modalidade em que a senhora aborda, mas aquela mulher se mostra produtora de um vasto conhecimento, englobando, na sua figura, uma nova apresentação desse pedaço do Vale do Jequitinhonha.



### 3 estranhamentos que me fazem

#### 3.1 *estranhando(-me em) categorias*

Ao experimentar, mais uma vez, as entrevistas realizadas em campo, com um olhar que julgava mais técnico e acadêmico (ao menos queria, mesmo que o sentido esteja se esfacelando... coisas do *método*), consegui criar *categorias*, cruzando algumas falas e contextos pertinentes a este trabalho.

Sinto-me impelido a discutir, porém, o que entendo por *categoria*: em uma metodologia entre perguntas, uma categoria não é uma resposta, tampouco uma limitação, mas, ao menos, uma delimitação.

Partindo do pressuposto de não buscar por respostas e, sim, dialogar com outras formas de se conceber uma ideia, dirijo-me a uma conduta de leituras dentro de leituras. Como assim? Leituras que consegui fazer em um campo já repleto de significados consolidados, mas mutáveis, ao longo de intensas interações entre atores e expectadores de uma produção de conhecimento. Aqui, trago a proposta de *sistematização* abordada por Antônio Vicente Marafioti Garnica, que reside na busca de fontes que têm como intenção principal compreender a produção de um determinado campo do conhecimento.

Sistematizar, para além de reunir, implicaria, de alguma forma, categorizar, mas sem me atentar unicamente para o *objeto-categoria*, mas por todas as interações, diálogos e buscas que me deslocaram para o objeto final (que nem sei se posso delimitar assim como “término”). Para Garnica,

Segundo penso, não são necessariamente as categorias finais o que mais importa em processo de sistematização. Segundo as lições que há muito nos são dadas sobre a natureza qualitativa das pesquisas que realizamos, importa mais o processo de sistematizar (elencar materiais-base, justificar a pertinência desses materiais, elaborar uma trama analítica a partir deles e, finalmente, sistematizar todo esse percurso em categorias) que os resultados da sistematização (as categorias “em si”, lidas separadamente do processo que permitiu constituí-las) (GARNICA, 2010, p. 267).

Ainda pensando em categorias, em uma de minhas leituras, esbarrei no conto *O idioma analítico de John Wilkins*, de Jorge Luis Borges. O que agarrou meu olhar com certa violência foi o esforço de Wilkins de criar um código único em que cada

palavra define-se por si mesma. Ou seja, John Wilkins propõe um idioma universal categorizado. Cada coisa no universo teria um lugar e esse lugar seria exclusivo. O Rafael de antes destas páginas teria achado isso fantástico, mas o Rafael de agora... tenho lá minhas dúvidas.

No conto de Borges, “As palavras do idioma analítico de John não são toscos símbolos arbitrários; cada uma das letras que as integram é significativa, como foram as da Sagrada Escritura para os cabalistas”, cada posição de uma letra na palavra traria uma categoria e suas subcategorias. Por exemplo, no idioma de Wilkins não haveria *fogo, fuego, vuur, fire*<sup>28</sup>, todos (que, semanticamente, têm o mesmo significado) seriam *deb*. Mais uma vez, concordo com Garnica quando diz que o que importa não são as categorias finais, mas os meios que me levaram até elas.

Ultrapassando uma tentativa de organização, as classificações são arbitrárias e fecundas em quem as produziu. Claro! Aquilo assume um significado para mim, mas, “Certamente o uso que fazemos – ou podemos fazer – das sistematizações que nos são disponibilizadas não são controladas pelo autor, mas pelo leitor no movimento de leitura (que, ao fim e ao cabo, é o que torna o texto o objeto de leitura)” (GARNICA, 2010, p. 266).

Creio que estou entrando em um território nada seguro. Nada de cerrado, mas um mangue, uma região pantanosa, em que qualquer tentativa de criar um catálogo, atrapalhe (atrapalhe-me, na verdade) a fluidez das histórias que me foram compartilhadas. Lendo a tese da orientadora do Filipe, Sônia Maria Clareto, que por sua vez foi orientada pelo Ubiratan D’Ambrosio (tenho algum grau de parentesco com o D’Ambrosio, agora? rs...) fiquei seduzido, por assim dizer, com um trecho sobre a tentativa de categorização. Para Clareto (2003), “Como lidar com o incomunicável, com aquilo que escapa à comunicação? Como fazer aquele mundo falar e como aprender a ouvi-lo e não ouvir senão minha própria voz como se viesse dele? São questões que me falam com tamanha profundidade...”. Essas questões, neste momento, além de profundas, são quase impenetráveis. Território perigoso.

Devo ressaltar que concordo, mais uma vez, com a Soninha – permito-me a intimidade, já que somos parentes acadêmicos – nesse jogo complicado que permeia a interpretação e a categorização. Na voz da autora,

---

<sup>28</sup> Traduções da palavra fogo para o espanhol, africâner e inglês.

A interpretação é um ato de violência! Uma violência às vezes mansa, lenta e, por isto mesmo, arrasadora, por ser implacável e não auto-conhecedora. Uma violência às vezes explícita e, portanto, fácil de se detectar e se aceitar, ou não. Às vezes, feroz, que se nega e insiste que os “significados”, os “sentidos” estão desde já dados, incondicionalmente. Uma violência, simplesmente. Mas sem este ato de violência, não estaria, o “mundo do outro” relegado ao adormecimento e à impossibilidade, para nós de conhecê-lo? (...) Entretanto, como, de fato, interpretar ou “reconstruir esse outro mundo” e não, somente, “construir ‘o outro’ de nosso próprio mundo”? (CLARETO, 2003, p. 188).

De antemão, digo que estou atento a possíveis atos de violências que possa praticar ao longo deste texto. Descabida ou intencionalmente, as vozes que falam aqui precisam, de alguma forma, trazer mais sentido para a minha prática, precisam ecoar em uníssono a minha experiência. Corrijo-me: nada de uníssono. Quero um carnaval de vozes!

Partindo, então, de um método bem analítico (admito), na tentativa de amarrar vozes, comecei: escutei e assisti às entrevistas que realizei, transcrevi, selecionei falas que mais saltavam aos meus olhos e, por fim, montei um belo quadro! Um belo quadro, na verdade. Verdade?

**Quadro 1 – Trechos das entrevistas com as artesãs**

	Falas das artesãs
A mulher (14)	P1, P7 / Z2, Z3, Z5, Z18 / D1, D6, D7, D9 / TE1, TE / F2, F4
O homem (09)	P7 / Z2, Z3, Z20 / D7, D9 / TE1, TE2 / F2 Todas mencionaram a migração dos homens para SP em épocas de construção civil e corte de cana.
A terra (07)	T10 / P6 / F1, F4, F5, F6, F11
<b>O professor</b>	
A memória/ A experiência (32)	T3, T4, T5, T9, T12, T13, T16 P2, P3, P5 Z1, Z6, Z9, Z10, Z11, Z16, Z17, Z19 D2, D3, D4, D6, D7, D10, D12 TE3, TE4, TE5, TE6, TE7 F6, F11
A matemática (24)	T1, T2, T6, T7, T8, T9, T11, T14, T15 P2 Z7, Z8, Z12, Z13, Z14, Z16, Z17, Z19 D2, D5 TE3, TE4, TE5, TE6
O corpo (05)	T3 / P4 / TE4 / F10, F11
A artesanaria (33)	T3, T8, T9, T14 P3, P4, P5 Z4, Z6, Z7, Z8, Z9, Z13, Z15, Z17, Z20 D1, D2, D3, D4, D7, D8, D10, D12, D13 TE3, TE4, TE5, TE6 F2, F5, F10, F11
A fé (05)	P6 F5, F9, F10, F11
A rede (02)	D13 / F1
O trabalho (37)	T4, T5, T8, T10, T12, T14 / P4 Z3, Z4, Z5, Z6, Z8, Z9, Z10, Z11, Z13, Z14, Z15, Z18 D4, D6, D7, D8, D10, D12, D13 TE4, TE5, TE6, TE7 F2, F3, F5, F6, F7, F8, F11

Fonte: Elaborado pelo autor.

P, Z, D, T, TE, F são as iniciais das artesãs que, gentil e amorosamente, dispuseram-se a me ajudar: Dona Pêdra, Zezinha, Deuzani, Tereza, Terezinha e Dona Faustina, respectivamente. As linhas deste trabalho são de vocês, também. Quando escrevo, por exemplo, P1, foi a primeira fala da Dona Pêdra. F11, a décima primeira da Dona Faustina, e por aí vai.<sup>29</sup> Será que eu estaria recriando o idioma analítico de John Wilkins? Pessoas camufladas por letras em um processo analítico.

Admirando o quadro (sim, é admirando mesmo. Escrevi, inicialmente, “olhando para o quadro”, mas era mais do que um “olhar”), consigo, por conexões em meu cérebro – vou chamar de cérebro, bem racionalizado mesmo, e não no corpo como um todo, pois, ainda, havia alguma desconexão com *este* Rafael – agrupar as falas das artesãs por semelhanças que elas aparentavam ter. Continuo nesse território movediço. Que saudades do solo tórrido (em seus amplos sentidos) do cerrado.

Qual a beleza da admiração que presencio aqui? A do método enquanto instrumento normativo da pesquisa acadêmica convencional? E a beleza de Dona Pêdra, Zezinha, Deuzani, Tereza, Terezinha e Dona Faustina que, atrozmente, compartimentei em P, Z, D, T, TE, F. Mais uma vez, eu caindo em minhas armadilhas: privilegiei o método... preciso redobrar a atenção.

Nessa relação quase que pecaminosa com a minha voz e as que falam comigo, interpele-me por meio da Soninha mais uma vez: “permanecer distanciando-nos do ‘outro’, para não exercer esse ato de violência; ou, aproximamo-nos, construir o outro do nosso próprio mundo”. (CLARETO, 2003, p.188).

Demandedei certo tempo para tentar elaborar uma sistematização, ou algo que eu pudesse denominar assim, correndo o delicioso e esperado risco de que as categorias não se restringissem a elas mesmas. O trabalho pareceria mais dinâmico se eu conseguisse categorizar, assim pensei. Torci para que minhas categorias se mostrassem fluidas, conectadas, interlocutoras umas das outras, livres de começo, meio e fim, mas repletas de regiões intersticiais e portas secretas.

(...) exige-se uma disposição à interlocução, já que qualquer sistematização é uma leitura e, como tal, com forte interferência de elementos não plenamente controláveis nem unívocos, dado que todo processo de sistematização ocorre numa trama interpretativa e dinâmica (GARNICA, 2010, p. 263).

---

<sup>29</sup> Registro das falas usadas no quadro encontram-se nos apêndices desta dissertação.

Acho que é desnecessário mencionar o quão importante a subjetividade tem se assumido para mim, contrapondo a noção de “extinção do eu” exposta por Garnica (2010) na objetividade do pensamento moderno – gastura da Modernidade, agora. Trago, mais uma vez, *a lembrança* de um Rafael – ele não está morto, mas adormecido, talvez –, daquele que escreveu o projeto do processo seletivo: rígido, estático, hermético, cheio de experimentos controláveis. Li certa vez em algum lugar que também não me lembro onde: o que quero, de fato, com toda a força, é pouco a pouco ir me libertando de mim. Mas, expulsar-me de mim mesmo faria emergir espaços de diferenças, “fendas abertas entre o interpretar, e, portanto, criar, ‘colocar suas vontades nas coisas’ e o reproduzir meu olhar; entre o ‘de dentro’ e o ‘de fora’; entre o ‘eu’ e o outro” (CLARETO, 2003, p. 188). Não preciso expulsar-me. Isso me constitui. Não é necessário negar.

Vejo-me diante de categorias (ou como diz Borges (2020), diante de *ambiguidades, redundâncias e deficiências*): a *mulher*, o *homem*, a *experiência*, a *memória*, a *matemática*. Uma delas, ao final da primeira varredura, prendeu minha atenção, não pelo fato de estar repleta de falas das artesãs, mas pelo extremo oposto, onde não consegui amarrar vozes – o *professor*.

Não sei se nessa terrível descoberta atentei-me para o cerne deste trabalho. Terrível? Muito dramático. Mais que terrível. Pensei em Clarice Lispector em uma daquelas cenas de epifania. Há um conto em que a personagem deixa quebrar os ovos que trazia em sua sacola de compras. Li durante o Ensino Médio, mas a sensação permanece aqui, ainda (o conto chama-se “Amor”... acabei de pesquisar). Ovos. Somente ovos. Mas o fato de os mesmos se quebrarem na sacola de compras, em público, e escorrerem revelando gema e clara que não deveriam ser expostas naquela situação trouxe-me algo. A casca é fina. Não serve para proteger de um furacão nem de um sacolejo mais intenso de um bonde... O bonde estremeceu e a casca não resistiu. Ali o amarelo e o incolor foram desnudados. Enfim, eu estava exposto. E a minha condição de professor também.

Busquei, na Biologia, uma definição de ovo. Até para alguns amigos biólogos liguei. Fiquei intrigado pela visita da Clarice Lispector, justamente agora. Elas (a Biologia e a escritora) estavam querendo me dizer algo a respeito deste trabalho. Ou seria eu mesmo buscando mais interlocutoras? Eu queria mais vozes? Desejar, essencialmente, pode ser o extremo oposto de necessitar.

Vamos lá. O ovo de galinha é formado, em seu primeiro momento, pela gema, o óvulo da galinha, uma célula reprodutora, que, por sinal, é a maior do reino animal. A célula, aprofundando um tantinho mais, pode ser definida, segundo Armênio Uzunian e Ernesto Birner (2013), como uma unidade estrutural e funcional para todos os seres vivos tendo uma carga genética específica para cada espécie, sendo sua impressão digital, sua marca, aquilo que realmente lhe identifica. Na sua constituição, organelas, que desempenham funções particulares e ideais para um funcionamento harmônico, orquestrado. Olha só... outras vozes amarrando-se à minha. No começo, um sussurro, agora, tom audível... Como pode uma célula ser tão importante e diminuta, que levaram meus pensamentos, sentimentos e percepções de um mundo micro ao macro?

Eis que algo ganha sentido: o ovo, uma célula, uma unidade estrutural e funcional dos seres vivos, algo com potência de vida, com capacidade de multiplicação, de transformação, algo com uma beleza Divina. A Natureza é incrível!

Outro ponto: usualmente, em quadros e tabelas, os espaços preenchíveis são chamados de células. Haveria, em todos os quadros tabelas, alguma relação com a Biologia? Sinceramente, não me atrevo a chegar nesse ponto. Mas no quadro que esbocei, sim. No que criei os espaços a preencher são células que guardam em si a grandeza de uma explosão. Não destrutiva, mas uma explosão que abre caminhos, que pode criar interlocuções entre saberes de diferentes solos culturais. As células do meu quadro transitam em diferentes funcionalidades a favor de um organismo maior, complexo, com sistemas integrados e bem definidos (ou não tão definidos assim... estou começando a questionar a noção de verdade que me acompanhava). Ora, os depoimentos de Dona Pêdra, Zezinha, Deuzani, Tereza, Terezinha e Dona Faustina, juntamente com as minhas vivências, os meus espaços, os espaços delas, seriam, então, toda a carga que estimula a vida deste organismo constituído de palavras, linhas e parágrafos? Esta dissertação, assim dizendo, torna-se um ser vivo? Sinceramente, começo a me convencer que sim. Algumas passagens atrás este trabalho ganhou pernas, braços e voz e saiu perambulando pelas comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre. **Joana**. Claro, um ser vivo. Quem, se não um ser vivo, Joana, um animal, consegue caminhar e falar? Um ser humano. Estou afirmando, então, que este trabalho é, agora, um ser humano? Que inusitado!

Realmente, a visita da Clarice Lispector aos meus pensamentos não foi só para um cafezinho mineiro...



### 3.2 *estranhando(-me em) potencialidades*

O quadro me fez estranhar muito. Ele escondia potenciais que, pouco a pouco, desnudavam-se para mim. Naquele emaranhado de células, de caracteres, de polifonia e de *vir a ser*, percebo que a célula “*O professor*” estava em branco. Uma unidade funcional vazia. Como assim, funcional, se está vazia? Mais uma vez, *O amor*, da Clarice Lispector. O ovo que estava na sacola de compras da personagem era uma célula que não foi fecundada. Sabatinei-me: onde me coloco enquanto professor naquele contexto? Não existo? E aqueles intensos anos de universidade, leituras sobre didática, pedagogia ou sala de aula? Anulam-se? Menos drama, Rafael! E se a minha resignificação como professor transitasse ali, naquele campo físico que não é meu, que não faz parte da minha rotina, que apenas visito enquanto turista e, agora, enquanto professor/pesquisador? Passei a enxergar aquela célula em branco do quadro como uma fenda. Não algo a ser preenchido *para constar*, mas algo a ser penetrado, invadido, mesmo que sem a permissão de um *Rafael* constituído antes deste trabalho.

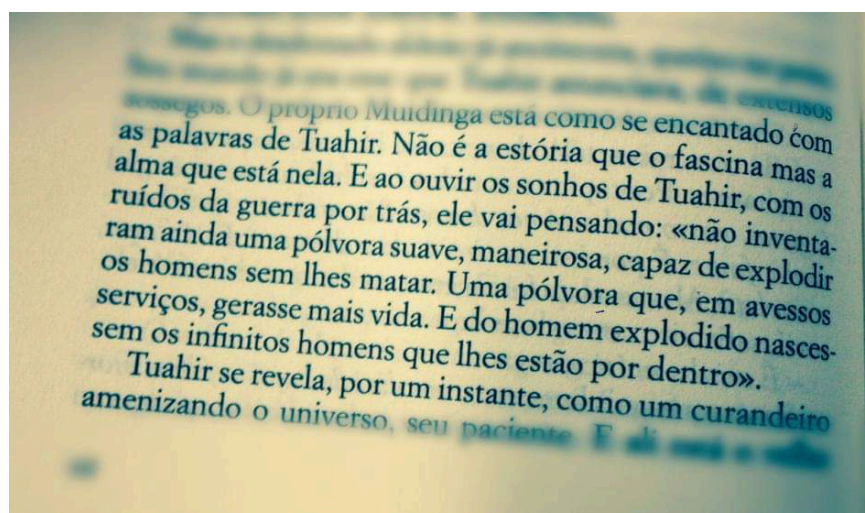
Uma célula a ser fecundada? Não sei se haveria tal necessidade, afinal, ela se mostrou daquele jeito: não preenchida. E era assim que tinha que ser, sem minha intervenção. Aliás, não quero chamar o que faço aqui de trabalho, mas de “processo”. Combinado? Pois bem. A fenda neste processo convidou-me. Aceitei, de imediato. Preciso conversar um pouco mais com Joana... será que ela tinha ficado lá em Turmalina? Ela não ficaria feliz de saber que ela era, agora, um “processo”.

Antes de entrar pela fenda, observei as outras células do quadro. Todas preenchidas com mais de uma frase; quase todas polissêmicas, na verdade. Seria arriscado iniciar por algo sem conteúdo e ignorar toda a riqueza das adjacências? Seria aquela única célula, o *professor*, um *outlier* em meu processo, e dessa forma, mais que justificável, abandonável? Resolvi começar minhas andanças por algum lugar, onde a casca mostrara-se mais frágil. Assim, avancei por aquele espaço.

– Queria te pedir, sem vergonha nenhuma na cara, que não tivesse medo. Que adentrasse pela célula sem pudor, sem amarras. Suspeito que você descobrirá coisas nauseantes e maravilhosas ao mesmo tempo.

- Onde você estava, Joana?
- Por aí... lendo essas coisas que escreveu. Você é da Matemática mesmo?
- Por que pergunta isso?
- Foi uma pergunta retórica, não se preocupe. Quero ver até onde você vai... não quero colocar coisas na sua cabeça e te podar... você já se poda há muito tempo. Deixe-se explodir. Aliás, falando em explosão, vi este post em um *instagram* de alguém que, por sinal, começa a te conhecer melhor do que você imagina.

**Foto 2 – Captura de tela do meu celular em 07 de fevereiro de 2021**



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

- Eita... que coisa linda! Parece que tirou o que estava em meu corpo e colocou em palavras!

Instagram de quem?

- Sério mesmo?

Segui as recomendações de Joana. Fui de corpo inteiro e sem armaduras. Por espanto meu, percebi que o interior daquele espaço era completamente distinto do que se apresentara na superfície do meu percurso. Era amplo, iluminado, arejado, organizado, cheio de estantes. Nas estantes, pastas categorizadas por instituição, ano, série, turma, exercício, avaliação. Engraçado, parecia que eu via o meu computador aberto ali na minha frente, como se eu pudesse tocar cada um dos *experimentos* que cataloguei na minha prática como professor de matemática.

Continuando a exploração daquela fenda, comecei a ficar bem mais confortável do que eu me apresentara inicialmente. Eu estava em casa! Tudo em ordem, sem desvios e tudo, absolutamente TUDO, registrado e categorizado.

Entre as seções “*Projeto de seleção para o mestrado 2019*” e as “*Aulas na pós-graduação/Conversas com o Filipe*” fui percebendo algumas nuances. A organização ainda existia, mas havia algo de diferente ali. Não sei se o cheiro, a iluminação ou a disposição das pastas, que agora não eram só pastas. Lá no início era mais para uma “biblioteca”: livro, artigo, texto, livro, artigo, texto, livro, artigo, texto... Agora, este *layout* já desmoronava. Havia livro, artigo, texto; mas havia, também, fotografias, bilhetinhos, *Tsurus*, bonecas de barro, tapeçarias e algum ruído que, de imediato, eu não sabia identificar de onde vinha ou do que se tratava. Seria um laboratório? Definitivamente, não. Eu não buscava experimentos ali, tampouco os fazia. Ok, admito, talvez busquei por experimentos e tenha explorado alguns, porque alguns desses são confortáveis e controláveis. Naquele interstício, entre a ordem e a fagulha, havia alguma pulsão de vida. A fenda abrigava mais do que moldes, mas *devires*.

Algo veio com brutal intensidade, agora. Essa nova disposição da fenda me fez lembrar uma das conversas que tive com Terezinha. Nosso papo (não era uma entrevista, estava mais para uma prosa... faltou um café com broa de fubá para caracterizar um bom hábito mineiro) aconteceu na loja da Associação: um galpão iluminado, com paredes claras, limpas, emoldurado por estantes com as peças das artesãs locais. O horário da conversa ajudava: uma manhã ensolarada, nem quente nem fria, mas seca. Seca, a ponto da poeira se desprender do chão de terra batido com um simples vento. Às vezes fico meio absorto nesse processo de escrita ao perceber gritante semelhança entre espaços (aparentemente) distintos: o que havia encontrado em mim, na fenda, meus olhos já haviam se deliciado em outro momento. Começo a me confundir se a migração é de dentro para fora ou de fora para dentro. Existe essa dicotomia? Começo a figurar que não... as imagens de bordas e fronteiras fluidas me agradam mais.

Para além das paredes e ornamentos comercializáveis, aquele galpão – o físico, não o da fenda – carregava mais do que uma materialidade de uma região. A organização daquelas mulheres projetava-se naquele espaço de convivência, suas lutas (silenciosas ou não) e conquistas.

A associação das artesãs e Coqueiro Campo reúne ceramistas de Campo Buriti, município de Turmalina/MG e de Coqueiro Campo, município de Minas Novas/MG. A associação conta com 46 (quarenta e seis) associadas, sendo 02 (duas) a mais do que o registrado pelo IPHAN [Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional] em 2010. Fundada em 1994, começou com o desejo de nove artesãs e com o apoio da EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais. (TURMALINA, 2018, p.14).

O que me chamou a atenção foi a unidade que aquela Associação gerou: um coletivo de pessoas com ideais, terras, toques e cicatrizes comuns. De jovens adultas a mulheres com netos já, do interior de Minas Gerais para tantos outros lugares. Escrevendo essas passagens transporto-me para aquele lugar novamente. A memória tem um papel primordial aqui.

Saindo daquele galpão das artesãs e voltando para aquela fenda no interior do meu corpo todo, entrando mais e mais, percebo uma mesinha bem bonitinha com algo que parecia uma carta e um caderno cheio de anotações.

A carta era um conto do Júlio Cortázar, *Carta a uma senhorita em Paris*. Peguei e li. Quem havia deixado aquilo ali? Será que foi o Filipe? Acho que não. Joana? O que achei curioso era que a carta parecia para mim, pois ela me lembrava muito à organização inicial da fenda.

Para mim é duro entrar em um ambiente onde alguém que vive confortavelmente dispôs tudo como uma reiteração de sua alma, aqui os livros (de um lado em espanhol, do outro em francês e inglês), ali os almofadões verdes, neste exato lugar da mesinha, o cinzeiro de cristal que se parece com uma bolha de sabão, e sempre um perfume, um som, um crescer de plantas, uma fotografia do amigo morto, um ritual de bandejas com chá e pinças de açúcar... (CORTÁZAR, 2020, *on-line*)

Reiteração da minha alma.

E o caderno? Não entendi o que aquele caderno fazia ali, se havia estantes e prateleiras para tal. Será que havia mais alguém naquela fenda? Peguei o caderninho e comecei a ler. Nenhuma novidade naquelas frases. O caderno era um diário de aulas de Matemática com planejamentos, notas de estudantes e outras coisas igualmente *comuns*. O que me chamou a atenção era uma sequência volumosa de páginas todas começadas por *E se...* e com mais nenhuma letra rabiscada, nem desenho, nem pauta. Fiquei pensando...“Se” na Matemática? Fácil: é algo corrigível e recalculável. Mas... e no professor de Matemática, o que representa um *se*? O que

aquele se representaria para mim, como homem, branco, de classe média, urbano, em um programa de pós-graduação com nota máxima segundo um órgão quantificador, lançando-se em uma pesquisa em que personagens são mulheres, camponesas, artesãs do barro, com baixa escolaridade?

No conto, o remetente da carta dialoga com Andrée, a senhorita em Paris, sobre um hábito que tem, o de vomitar coelhinhos, pequenos, brancos. Parece que isso o acompanhava há algum tempo. Para ele, os costumes “são formas concretas do ritmo, são a cota do ritmo que nos ajuda a viver. Não era tão terrível vomitar coelhinhos uma vez que isso havia entrado no ciclo invariável, no método.” O método não era só pra mim. E que mal havia em sair do padrão, vez ou outra?

Comecei a ficar inquieto, mais inquieto. Aquele caderno e a carta geraram mais uma sensação em mim. Não sei qual, nem sei se consigo explicar. Mas era como se alguém me contasse que sou diabético e eu adorasse frequentar as melhores confeitarias da cidade. Nunca fiz um exame para saber se sou ou não, tampouco tive sintomas. Ou se os tive, ignorei a *possibilidade* do diabetes. O que quero dizer é que, em algum momento da minha trajetória de professor, internalizei métodos que julguei eficazes e eficientes para ensinar *algo que me definiram como Matemática*. E esse questionamento foi aparecer logo aqui, na fenda?

Deixei o caderno e a carta ali mesmo. Quem sabe eu visitasse a fenda com outros olhares?

### 3.3 *estranhando(-me em) brutalidades (ou a Modernidade)*

Segui o/meu caminho. Aliás, esqueci de mencionar como este era: reto, amplo, sem barreiras, bem sinalizado. Até agora.

Continuei angustiado e pensando naquele monte de *E se...s* e esbarro em uma televisão ligada mostrando uma senhora desenhando flores em uma botija de barro. Que fenda chique! Tem televisão com controle remoto e tudo mais... Não havia áudio associado às imagens, mas legendas (tipo quando a gente aperta a tecla *SAP*<sup>30</sup> ou o programa, por ser em outro idioma, já vem traduzido para a *sua* língua nativa). Não esqueçam que havia algum barulho, mas não era o da *TV* e eu ainda não sabia de onde ele vinha.

---

<sup>30</sup> *Second Audio Program*. Sinal de áudio alternativo para um programa que se esteja assistindo na televisão, normalmente usado para ter o som original.

A imagem dava conta de pegar as mãos de uma mulher desenhando e os lábios movendo-se para emitir algum som traduzido pelas palavras escritas. Comecei a ler. *Ah... para fazer as pétalas eu começo marcando um ponto central, o centro de uma circunferência, sabe? Dali, eu desenho um outro ponto qualquer e, em seguida, outro ponto diametralmente oposto àquele segundo que fiz. Passando pelo centro, né? Depois, mais um ponto igualmente espaçado do centro e defasado de 90° do segundo ou primeiro ponto. Tá me entendendo? Em seguida, com uma pena bem fininha da galinha, faço três pétalas entre dois pontos adjacentes, sendo que as pétalas são mais fininhas no centro da circunferência. Parecendo uma rosa dos ventos completa. Aí, continuo e tá pronta a nossa flor pra decorar a botija. Se houvesse apenas o áudio sem as imagens eu conseguiria acompanhar todo o processo descrito pelas legendas.*

Sou sagitariano do primeiro decanato, aventureiro e pesquisador. Peguei o controle da televisão e resolvi mudar o *idioma* das legendas. Não havia mandarim, inglês, português ou qualquer coisa do tipo, mas *idiomas em uma sequência aleatória e não reconhecível*. Apenas mudei...

As mesmas imagens reiniciam, mas as *legendas* mudam, numa abrupta *tradução*. *“Sabe, é melhor usar uma pena de galinha bem fina ou até mesmo um pincel bem fino. Sem medida, só na coordenação motora mesmo. Toda pessoa desenvolve seu jeito. Eu ensinei minha filha, mas hoje ela pinta 200% melhor do que eu. Tudo é na intuição. Nada disso tem medida, nada disso foi programado, não. Na hora da pintura, você vai pintando e vai acontecendo. Você vai pegar a peça e olhar mais ou menos que tamanho vai dar (do desenho). Às vezes faz uma marcação pra ver se vai dar certinho. Como já tem prática, já dá certo. Na pintura, não tem molde.”*<sup>31</sup> *Aí continuo e tá pronta a nossa flor pra decorar a botija. Dessa vez, se houvesse áudio, eu entenderia que havia um desenho sendo feito em uma botija, porém a imagem desse desenho teria mais de uma forma, caso eu me aventurasse a representá-lo. Só consegui identificar que era uma flor no final da atividade quando ela deu nome para aquilo que fazia.*

Mas, havia alguma diferença entre os dois momentos? As imagens eram as mesmas e parecia que a única edição fora na hora de acrescentar as legendas. Se houvesse áudio, qual das duas falas seria da senhora que desenhava? Ou ambas

---

<sup>31</sup> Deuzani Gomes dos Santos, artesã da comunidade de Campo Alegre em Turmalina/MG

seriam? Se apenas uma fosse de propriedade dela, de quem seria a outra? Eita... aquela fenda... Eu deveria saber responder prontamente a essa questão, mas não sabia.

Outra coisa: um diâmetro, por exemplo, só é um diâmetro porque *alguém* o nomeou assim e *outro alguém* sabe associar o código verbal a um desenho? Mas, e se o primeiro alguém dá o comando *faça um diâmetro* a alguém que não conhece o código. O que acontece? E se, ao invés de *faça um diâmetro*, aquele primeiro alguém diz *faça uma flor* a um grupo específico repleto de *outro alguém* e o grupo, misteriosamente, usa o tal diâmetro? Há algo de errado? Nada de errado, mas encoberto. O diâmetro continua sendo diâmetro? A flor continua sendo uma flor? A Matemática continua sendo a Matemática? A Matemática abre espaço para matemáticas, minúsculas e plurais? A Matemática cede lugar para *construções de significados que se operacionalizam em diferentes grupos sociais* com práticas diferenciadas?

Fiquei pensando em algumas concepções que me constituíram ao longo do meu processo de formação como professor de matemática. A minha formação passa pela Licenciatura em Matemática e a minha prática transita por salas de aula há quase 10 anos. Imaginem o descompasso que me dá ao ouvir que “*O bom do artesanato é que é uma coisa sem peso e sem medida*”. Mais ainda, quando a mesma artesã, Zezinha, me diz que “*Você vai fazer 10 flores, você traz uma pelotrinha<sup>32</sup> pequena (de barro). A gente não tem medida. Eu vou fazer 10 flores e vou precisar x de barro. Você não tem dimensão do quanto você gasta de barro para fazer 10 flores. Você não mede, não pesa.*” E aqueles probleminhas que sempre resolvi na tentativa de ensinar meus estudantes sobre regra de três, grandezas diretamente proporcionais, razão e proporção? Algo não batia nessa conta. Havia algo de errado ou a Zezinha ou eu estávamos concebendo conceitos distintos? Não só a Zezinha. Para Deuzani, “*Você consegue imaginar: ‘Aqui vai caber 10 pétalas’. Não, vai fazendo!*”, ou “*Pelo tamanho da peça, você já imagina mais ou menos a quantidade (de material).*”

Como assim, *imaginar*? Como assim *não ter peso nem medida*? Mais uma vez eu me pego na *minha* prepotência ocidental de uma educação escolarizada que insiste em padronizar e dar nome para tudo, inclusive para as práticas de um grupo de mulheres artesãs.

---

<sup>32</sup> Pequena porção de barro, bolinha, pequena massa.

Uma perturbação: só o nome *Matemática* já traz referências eurocentradas para o estudo. Mas não era Vale do Jequitinhonha? Exato! Adjetivar algo como Matemática é uma atitude colonial que tende a desqualificar lógicas de quem produz saberes distintos, que não sejam da escola ou da academia. Opa... à Modernidade e ao patriarcalismo, acrescento esta agora: colonial. Creio que estamos nos aproximando de algo grande e novo para mim. Tomarei mais cuidado.

Foi aí que acendeu mais uma luzinha mágica na minha cabeça – ou, quem sabe, no meu corpo inteiro; luz na cabeça tem algo de eurocentrado. Dar nome àqueles gestos específicos e querer enquadrá-los em uma *ciência*, em uma *humanidade*, em um *progresso*, em uma *evolução* de uma dita *nossa Modernidade ocidental* me colocava em perturbação...

– Não dá mais. Você já se esquivou demais. Você já está com tudo na mão. Anda logo.

– Anda pra onde, menina?

– Não vou te falar, mas você já tocou em modernidade, humanidade. Sério mesmo que isso não te lembra nada, nadinha?

– Acho que sei aonde quer chegar. Clube da humanidade, talvez?

– Ah, graças a Deus! Desembola isso logo! Quem está lendo já deve estar angustiado de tanta enrolação sua. Aposto que tem gente te chamando de doido.

Danada. Bem esperta. Como venho dizendo reiteradamente, a tal da Modernidade vem se apresentando de uma nova forma pra mim. Aproveitei a deixa de tia Carolina e o cutucão da Joana para refletir um pouco sobre o que, atualmente, concebo por modernidade e humanidade. Quero ressaltar que, a cada letra que digito, assumo minha transitoriedade e minha total parcialidade circunstancial... Parece contraditório e conflituoso, mas larguei mão de verdades incontestáveis.

O que entender, então, por humanidade? Convido Ailton Krenak para me ajudar nesta tarefa. Caso eu pareça repetitivo e prolixo, por favor, não me julguem: em alguns conceitos e temas preciso contar a mim mesmo o que penso e o que significo sobre



aquilo. Será que explico demais? Talvez, mas estou tentando flexibilizar-me cada vez mais. Buscando alicerces, para o autor,

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível (KRENAK, 2019, p. 8).

Novamente a colonização e, pela primeira vez, trato da questão de origens ou cor da pele: estamos falando, agora, de brancos e europeus. Falar em colonização está diretamente ligado ao início das grandes navegações e, em seguida, invasão do continente americano.

Li a citação em voz alta e algo soou estranho: trazer luz seria o mesmo que dar voz? Há quem seja obscurecido e mudo? Com base em qual parâmetros e, mais ainda, quem elabora essa *régua* do que é ou não humanidade?

Fazer parte dessa humanidade, então, assume-se como seguir um coro de regimentos impostos por um povo, uma cartilha de boas condutas que deve ser cumprida. Nessa cartilha, englobam-se, por exemplo, o domínio de uma língua que deve ser falada e escrita, e modos de aprender/conviver socialmente. E se, porventura, algum povo ou grupo recuse-se a seguir tal cartilha? Não seriam humanos, então? Confuso isso, né? Partindo dessa lógica há exemplares da subespécie *homo sapiens sapiens* que não são humanos? Parece que a biologia não dará conta de responder a essa questão...

Pensando nessa humanidade construída e limitada a apenas alguns seres humanos – atrevo-me a dizer homens, brancos, heterossexuais, de um meio urbano e escolarizados – Ailton Krenak convida-nos a pensar em um *seleto* grupo que insistimos (ou insistíamos) a todo custo em participar:

Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade? Será que não estamos sempre atualizando aquela nossa velha disposição para a servidão voluntária? (KRENAK, 2019, p. 8).

Como falar em humanidade se, para ingressar nesse *clube*, a mensalidade do associado é pautada em exclusão e extermínio daquilo que não é o trivial?

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício do ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos (KRENAK, 2019, p. 9).

Reiteradamente fico pensativo com relação à Matemática que aprendi na escola, na universidade e a que “ensino” diariamente aos meus estudantes. Ela seria um dos ingressos para ser aceito como membro do clube da humanidade? Lembrome recorrentemente da Zezinha: *no artesanato não há peso nem medida*. Segundo as relações de causa e consequência que esse clube parece criar, seria seguro dizer, então, que a Zezinha não é *humana*? O artesanato daquelas mulheres seria uma atividade *animalesca*? Juro que estremeço só de escrever essas perguntas, imagine pensar *gentes* esboçando respostas...

Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos (KRENAK, 2019, p. 16).

Não gosto de terminar uma seção em uma citação, mas depois dessa, de Ailton Krenak, não me atrevo.

### 3.4 *estranhando(-me em) novas caixas de ferramentas*

Continuo meu caminho pela fenda. Aliás, acabo de perceber que essa fenda se parece com aquela barraca mágica que o Harry Potter, a Hermione Granger e o Ronny Wesley usam no penúltimo filme da sequência *Harry Potter*. Trata-se de uma barraca de *camping* comum, dobrável e fácil de transportar, mas, como é mágica, quando se entra nela parece que se está entrando em uma cabana com fogão e tudo. Olha só: de fora, a fenda parecia ser um terreno desértico. Na sua primeira ala, mostrava-se organizada, mas aparentemente inabitada. Nas alas seguintes, dava sinais de que alguém havia deixado pistas de alguma existência ali.

Vou tentar construir melhor o sentido desse espaço pra mim. Preciso habitar nesta dúvida – ou nessa problematização – : comecei um processo enquanto *um*

professor de *uma* matemática; busquei respostas a *uma* questão prévia, mas voltei do campo com mais dúvidas e a fenda nasce. Adentrei pela fenda, revisei aspectos que são próprios do *Rafael* e cheguei ao ponto em que o visitante da própria casa se despe e se identifica como o professor. Conseguem perceber os itálicos? De artigos indefinidos para artigos definidos. Sim, consigo perceber, agora, quem sou, sendo enquanto sou, enquanto me afeto, me misturo, me reintegro, me potencializo pelo que me atravessa. Sou enquanto sou, e aqui está toda e qualquer definição. Contínua e dinamicamente, sem limites. Tempo? Qual tempo? Atual? O que legitima progresso e atraso? Armadilhas...

O ruído ganha uma voz, mineira: “Uai... mas não é *uma matemática*? Ela estava com artigo indefinido. Não tem *a matemática*, não?” Eis, aqui, uma questão a ser investida.

Admito que tenho certo apreço por essas possibilidades que a língua oferece, mudar um artigo para mudar o sentido de todo o contexto. E, sobre essa questão a ser investida, relembro algumas expressões ou conceitos que trago ao longo do texto: Etnomatemática, patriarcado, colonialidade, modernidade, humanidade e peles brancas.

Consigo resumir todos esses conceitos e estranhamentos em um único ponto a ser discutido? Aliás, cabe alguma discussão? Cabe *uma* discussão? Às vezes eu me inquieto tentando buscar a minha contribuição para o meio acadêmico, em especial para o campo da Educação Matemática. Assim,

Que sentido, porém, tem tais experiências para o meio acadêmico, mais especificamente para educadores matemáticos? Quando me lanço em uma investigação de campo, o que mais posso trazer para o meio acadêmico, além do meu próprio mergulho, o lançar-me? Creio que expor as diferenças seja fundamental para refletirmos acerca do mundo e das nossas concepções de conhecimento, de matemática, de educação (CLARETO, 2003 p. 190).

A citação acima traz mais uma reflexão a respeito do que proponho: expor diferenças e ressaltá-las. Se existe uma rica *caixa de ferramentas* à nossa disposição, por que sempre utilizar o mesmo alicate para articular novas formas de conhecimento?

Outro dia estava conversando com o Filipe, por mensagens de áudio (por que a gente não pega o telefone e liga, né?), sobre o meu processo de escrita e coisas pertinentes ao texto.

Terça-feira, 11 abril de 2020, 18:36

*“Ei, Rafael, tudo bem? Vou mandar áudio porque fica mais fácil, né? Tá tudo em ordem, tudo certinho!*

*Só vou te falar uma coisa: eu ‘tava’ pensando aqui que tem umas coisas muito legais nas suas entrevistas, por exemplo, na parte de artesanaria... Eu fiquei pensando assim: como é que você pega, o que a gente aprende de matemática na escola ou o que a gente faz ou o que a gente pode fazer em Educação Matemática, pensando naquelas frases da artesanaria? Comparando o fazer matemático... não comparando, mas tentando pensar o fazer matemático como a artesanaria daquelas mulheres, sabe? Tem umas frases muito fortes de artesanaria que você destacou naquela tabela e que eu fiquei pensando que daria um ‘caldo’ pra discutir...*

*Acho que seria interessante também, mas é só ideia.*

*Depois a gente marca uma conversa pra colocar essas ideias em ordem.”*

Eu não sei se é de caso pensado, mas sempre que o Filipe manda algum áudio é algo que me move. Por exemplo, nesse último: *“Depois a gente marca uma conversa pra colocar essas ideias em ordem.”* As ideias já começaram a borbulhar após ouvir.

O primeiro ponto que tenho que articular é o que entendo por *Educação Matemática*. Sendo bem objetivo e curto na minha resposta, coisa que usualmente não me cabe e que pode parecer um artifício de fuga, inicialmente concebia a *Educação Matemática* como toda e qualquer relação, interação e produção que acontecem nas aulas de matemática. Toda? Toda! Não é por um belo acaso que, na minha prática docente, compartilho uma sala com estudantes por um período limitado do dia. Há algo de grandioso acontecendo ali.

Dado o percurso e as idas e vindas, sensibilizo novas formas de Educação Matemática. A educação (matemática) vai além de espaços formativos institucionais. Então, a minha relação com as artesãs no meu processo de pesquisa perpassa a Educação Matemática, sim. Apesar de não compartilharmos (as artesãs e eu) uma sala de aula formal, há processos e procedimentos que envolvem o conhecimento (será que dito matemático, na sua ideia já preconcebida, de origem grega?) fervilhando em práticas sociais cotidianas. Os espaços são ampliados.

Participando de uma reunião grupo *inSURgir*<sup>33</sup> uma nova inquietação se instaura em mim. Agora a “culpada” é a professora Carolina Tamayo, a mesma

---

<sup>33</sup> O grupo *inSURgir de*, tem como proposta pensar processos educativos, formativos e de pesquisa em um movimento de resistência e insurgência, buscando expor, lutar e superar as dimensões da colonialidade, do patriarcado e do neoliberalismo que participam desses processos. Assim, propomos *insurgir* uma Educação *apesar da* matriz colonial de poder, superando as desigualdades por ela produzidas. O grupo, interinstitucional e sediado na UFMG, *tem como Sul* ações de ensino, de formação e de pesquisa que enfrentam as disparidades culturais, sociais, políticas, territoriais, ambientais, raciais,

daquela conversa de *whatsapp* nas vésperas do carnaval. Na discussão do dia 20 de maio, tratávamos do quinto capítulo de *O fim do império cognitivo – As afirmações das epistemologias do sul*, de Boaventura de Sousa Santos. *Corpos, conhecimento e corazonar*. Em algum momento, a professora Carolina traz alguns vislumbres do capítulo.

Dentro da lógica do mundo colonial moderno há corpos que valem e corpos que não valem, no sentido do valor humano. (...) E pensar nisso é muito importante dentro da pesquisa da Educação Matemática porque nós estamos sempre sendo enfrentados na pesquisa pela invisibilização do corpo. Parece que, em nossas pesquisas, a quem nós damos prioridade... nossas não, em muitas pesquisas... se dá prioridade ao corpo cognitivo, entendido só neste fator: cognitivo. (...) O fato de darmos valor ao corpo cognitivo também contribui para deslegitimar... Na deslegitimação das outras formas de compreensão do corpo. Do corpo enquanto produção de conhecimento, de sabedoria. Então é tão violento o que se faz nessas pesquisas quanto isso<sup>34</sup> porque são duas formas de invisibilização que são exercidas sobre sujeitos que foram convidados a ser subalternos pela nossa história. Como vamos conseguir em nossas pesquisas, através de diálogos horizontais, desde lugares diferentes, resgatar essas outras formas de 'ser corpo' para potencializar a vida, para potencializar melhores formas de pensar a educação, de pensar a vida que vamos viver após a pandemia.

Eu vejo que as pessoas estão pensando: vamos voltar ao normal. Por acaso o que nós tínhamos era normal? O lugar que nós vivíamos era normal? Para quem era normal? O que é que estamos chamando de normal? Ser normal é invisibilizar o corpo, matar pessoas? É normal nós sermos tão violentos nos discursos? Por acaso é essa vida que a gente quer mesmo?

(...) Por que processos tão violentos sobre extermínio de uma cultura não são?

*Então, questionar isso é importante, necessário. Eu acho que as epistemologias do sul nos permitem questionar isso, desde lugares diferentes. Aí o 'corazonar' quebra com a ideia de solidariedade. Para mim, corazonar é o co-razonar, de razão. Então, a razão não atravessa o sujeito cognitivo. É o processo de outras formas de corporeidade que são invisibilizadas: é o 'razonar' com o corpo. A produção da razão através do corpo, entendendo a questão da razão para além do que temos denominado pensamento moderno."*  
(TAMAYO, 2020, YouTube)

De antemão peço desculpas pela citação extensa, mas não poderia deixar nada de fora dessa fala potente, que me atravessou de uma forma indescritível. Algumas coisas ficaram latentes pra mim: subalternização, invisibilização,

---

de gênero e sexualidade, geracionais e tantas outras produzidas pelo avanço das agendas neocoloniais e neoliberais na América Latina.

<sup>34</sup> Fazendo referência ao massacre dos nama e herero, entre 1904 e 1908, quando a Namíbia era uma colônia alemã..

deslegitimação, corpo cognitivo, corpo empírico, “razonar” com o corpo... **Como pensar uma educação matemática junto a sujeitos que, até então, não se dizem (ou não ditos) integrantes desse contexto preconcebido nos padrões tradicionais de produção de um conhecimento? Por *tradicionais* reforço aquele tipo de conhecimento produzidos por elites e apropriados quase que exclusivamente por elas.**

Outra mensagem de áudio do Filipe.

*Quarta-feira, 2 de jun. de 2020, 14:19*

*“(...) e eu ‘tava’ pensando aqui que o que você propõe, talvez, seja um tensionamento da Etnomatemática, né? ‘Tô’ vendo que você ‘tá’ convidando as coisas da decolonialidade pouco a pouco, talvez o que você ‘tá’ propondo seja isso... tensionamentos para o campo da Etnomatemática a partir dessas discussões da decolonialidade que você está se aproximando. Isso é bem legal também!”*

Trouxe aqui, algumas vezes, a decolonialidade. Devo ter mais atenção e mais cuidado, no sentido de tocar em um tipo de discussão que remete, claramente, a situações de poderio e dominação epistemológica.

Seria plausível afirmar que é impossível a coexistência epistemológica Sul/Norte? Não é bem por aí. O que proponho é articular esse desnivelamento dessas epistemologias e trazê-lo para o estudo destas linhas, para o espaço do cerrado em que eu percebi a produção de um conhecimento nada escolarizado. Assumo o “nada escolarizado” aqui! O que não deixa de ser educação, em um sentido muito mais amplo do que escolaridade. Olha que engraçado: a colonialidade/decolonialidade gritando nas linhas acima. Aliás, quando surge a decolonialidade?

Oi, Rafa.

Eu disse que talvez não voltaria, mas como me convidou em um bilhetinho lateral me permiti o atrevimento. Aliás, atrevimento parece ser uma coisa muito comum na sua vida, não é? Acredito que tia Carolina tenha mais propriedade pra falar disso...

Fiquei por um bom tempo pensando com a sua pergunta. Agora não estou mais sentado à frente de Drummond e, olhando para o “branco gelo” da parede do escritório, vou tentando esboçar algo – acho que finalmente

entendi o sentido do nome da cor. Um lampejo: talvez não se trate de perguntar quando a decolonialidade surge, mas quando ela *insurge*, e isso tem relação com as suas inquietações sobre a Modernidade...

Walter Mignolo, recorrentemente, defende a colonialidade como uma pauta oculta da Modernidade, centrando a colonização das Américas na compreensão das transformações históricas - e, também, epistemológicas - que se dão a partir do Iluminismo. Na insurgência de um *decolonial*, há o pressuposto de que a Modernidade não é inaugurada apenas pelo Iluminismo na Europa, considerando os planos histórico e epistemológico que permitem sua configuração do século XVII aos dias atuais. A Modernidade passa a ser compreendida como “uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a ‘colonialidade’” (MIGNOLO, 2017, p. 2).

Mais uma vez, trago as palavras de Fabián Villegas, presentes no texto que apresentei em outro momento: “La descolonización no es un ornamento discursivo sino un proyecto en disputa orientado a revolucionar materialidad social, condición social de existencia de comunidades y sujeto/as racializado/as, históricamente inferiorizado/as por el patrón de dominación colonial. [...] La descolonización es agenciamiento y soberanía cultural, una disputa narrativa, de estética y de imaginario contra la blanquitud antropofágica”. Penso que devemos escapar, então, das armadilhas do ordenamento discursivo, de um *entre as faces* de uma mesma moeda. Conseguiremos, do lugar que ocupamos?

Vou-me embora, mas não para Pasárgada - lá, apesar da existência ser uma aventura, ela ainda não segue um roteiro diaspórico! Muito bom estar aqui com você.

Filipe.

Por anos quis embora para Pasárgada e ser amigo do rei. Hoje em dia, nem tanto...

Exercitando essa opção decolonial, pensando nesta presença na pesquisa e no campo que frequentei, *quem sou eu?* Há algo de identitário nesta pergunta, eu sei, mas há igualmente uma ruptura com as lógicas de assimilação e de posição identitária ao fazer isso... Sou branco, homem, de classe média em um programa de pós-graduação de uma universidade pública. Lá na fenda eu trouxe esse tensionamento. Isso, por si só, já é um elemento “desnivelador” vivendo no contexto desta pesquisa.

Buscando nas vozes da Carolina Tamayo e do Aldo Parra,

O questionamento do padrão de poder colonial resultou em uma diversidade de práticas de pesquisa enraizadas e participativas, nas quais grupos minoritários (indígenas, afrodescendentes, comunidades camponesas, etc.) apresentam em espaços institucionalmente acadêmicos as formas como seus povos e comunidades desenvolvem os processos de busca e construção do conhecimento tradicional (Fals-Borda, 2001; Rivera Cusicanqui, Domingues, Escobar, & Leff, 2016; Tattay Bolaños, 2011). Essas práticas coletivas envolvem um questionamento das caracterizações elaboradas pelos paradigmas cientificistas da modernidade sobre as formas 'corretas' de pesquisa e mostra a insuficiência da etnografia clássica para dar conta dos interesses das comunidades não acadêmicas<sup>35</sup> (TAMAYO; PARRA, 2018, s/p, tradução nossa).

Excelente citação (sim, “excelente”, pois me atravessa com essa qualidade) que me traz à tona mais um questionamento: a minha visita ao campo seria uma alegoria nítida de uma colonização do saber? Gelei. Não é a isso que me proponho; não é dessa forma que enxergo a pesquisa.

Nesse sentido, dentro dos trabalhos colaborativos na perspectiva descolonial há uma dinâmica em que os problemas de pesquisa surgem a partir das vozes dos próprios povos. Como destaca (Tamayo-Osorio, 2017), essa dinâmica rompe a dieta unilateral da pesquisa acadêmica, em que o pesquisador é aquele que tem um problema a resolver ou uma hipótese a verificar. Dessa forma, o

---

<sup>35</sup> No original: “El cuestionar el patrón de poder colonial ha provocado como efecto una diversidad de prácticas investigativa enraizadas y participativas, en la cual grupos minorizados (indígenas, afrodescendientes, comunidades campesinas, etc) presentan en espacios institucionalmente académicos las formas en que en sus pueblos y comunidades se desarrollan los procesos de búsqueda y construcción de los conocimientos tradicionales ((Fals-Borda, 2001; Rivera Cusicanqui, Domingues, Escobar, & Leff, 2016; Tattay Bolaños, 2011). Dichas prácticas colectivas comportan un cuestionamiento a las caracterizaciones elaboradas por los paradigmas cientificistas de la modernidad sobre las formas 'correctas' de investigar. y evidencian la insuficiencia de la etnografía clásica para dar cuenta de los intereses de las comunidades no académicas.”



pesquisador acadêmico é obrigado a deslocar seu olhar de perspectivas metodológicas de caráter empírico-verificacionista, para se deixar guiar pela realização das práticas sociais de uma comunidade, afetando e sendo afetado pelos saberes nelas mobilizados<sup>36</sup> (TAMAYO; PARRA, 2018, s/p, tradução nossa).

Estou com as faíscas que a que a professora Carolina trouxe no inSURgir e com o último áudio do Filipe. Preciso de mais uma pausa para entender a forma como não quero proceder na condução destas linhas, para isso...

- Rafael, alto lá!
- Menina, não me interrompa assim! Que isso? Eu estava no meio de uma articulação importante demais para ser cortado dessa forma! Quer ficar de castigo? (Rio sozinho olhando para Joana que tira as mãos da cintura e cruza os braços arqueando uma das sobrancelhas)
- Pois tente... quero ver se você CON-SE-GUE!
- Fala, Joana.
- Sim... então, “senhor castigador”, estou sentindo que você vai chegar nas *metodologias extrativistas*, estou certa?
- Nem preciso responder. Você sabe o que eu penso.
- Foi uma pergunta boba. Eu sei que você chegará lá. Chegaremos, não é? Só um conselho: tenha muita paciência ao discorrer sobre esse aspecto. Ele pode trazer algumas armadilhas. Lembre-se, sobretudo, que o que você faz é um processo de pesquisa. Você vai ao campo,

---

<sup>36</sup> No original: “En este sentido, dentro de los trabajos colaborativos en la perspectiva decolonial se presenta una dinámica en la que los problemas de investigación surgen desde las propias voces de los pueblos. Como (Tamayo-Osorio, 2017) resalta, esta dinámica quiebra la dieta unilateral de la investigación académica, en la cual el investigador es quien tiene un problema a resolver o una hipótesis a verificar. De este modo el investigador académico se ve obligado a dislocar su mirada de perspectivas metodológicas de cuño empírico-verificacionista, para dejarse orientar por la realización de las prácticas sociales de una comunidad, afectando y siendo afectado por los conocimientos en ellas movilizadas.”

tem alguns *insights*, constrói um texto e, até então, não retorna àqueles espaços. Entende?

Campo não, né? Campo Buriti e Campo Alegre.

- Entendo aonde você quer chegar... muito pertinente!
- Não caia na sua própria armadilha, tudo bem? Só uma dica de uma “menininha” ...

Rimos nada discretamente.

Com os devidos cuidados, ao recorrer às metodologias extrativistas, Boaventura de Sousa Santos (2019) afirma que as mesmas

[...] são orientadas para a extração de conhecimento sob a forma de matéria-prima – informação relevante – que é fornecida por objetos, sejam humanos ou não-humanos. A extração é unilateral: os que extraem nunca são extraídos, por assim dizer; pelo contrário, controlam o processo extrativo. A extração pode ser intensiva ou extensiva, mas parte sempre do princípio de que as fontes de extração estão disponíveis até a sua completa exaustão; o que não apresenta interesse para o processo extrativo é irrelevante e pode ser eliminado como inútil, como lixo, ou joio e, idealmente, não deve fazer perder tempo precioso de investigação (SANTOS, 2019, p. 194).

Preciso ficar atento para não cair na armadilha que a Joana mencionou, agora consigo entender o alerta que ela me fez. Pensando assim, percebo que as análises ou os diálogos com o campo devam ser multidirecionais, várias vozes conversando na tentativa de uma construção de saberes. Dessa forma, parto do princípio defendido por Boaventura de Souza Santos quando afirma que

A descolonização das metodologias consiste em todos os processos capazes de produzir conhecimentos aceitáveis e confiáveis de modo não-extrativista, ou seja, através da cooperação entre sujeitos de saber e não através de interações cognitivas unilaterais sujeito/objeto. Chamo essas metodologias de metodologias antiextrativistas ou pós extrativistas (SANTOS, 2019, p.194).

- Isso! Você entendeu!

Dialogar com vozes que operam um conhecimento não escolarizado cria em mim certo desconforto no sentido de perceber que, até o momento, na minha atuação enquanto professor de matemática, não articulo minhas ações com os diálogos daquelas mulheres. Será que eu as subalternizo?

O que entendo, então, por subalternização? Acho que nunca tinha usado tanto este termo. Já fui fazendo silogismos e chegando em tonar alguém subalterno, subalternizar o outro. Além de uma pessoa, é possível subalternizar uma ação ou um conceito? Preciso de ar.

*Barreira policial entre Nova Lima e BH.  
Barreira policial entre Nova Lima e BH.  
Pouco mais de 16h de um dia de Junho de 2020.  
Pouco mais de 16h de um dia de Junho de 2020.  
Um oficial de trânsito sinaliza para encostar.  
Um oficial de trânsito sinaliza para encostar.  
Motocicleta simples.  
SUV do ano.*

*Homem, menos de trinta, negro, magro, cabelos curtos e descoloridos, moletom. Sem máscara "COVID-19".  
Homem, trinta e poucos, branco, magro, cabelos curtos e pretos, moletom. Sem máscara "COVID-19".*

*Revista.  
Aguarda dentro do carro.  
"Mãos na cabeça", Abre as pernas".  
Aguarda dentro do carro.  
Revista continua. Oficial com mão na arma de fogo em sua cintura.  
Aguarda no carro.  
Uma oficial de trânsito, também armada, chega. Revista continua.  
Aguarda no carro.  
O oficial apalpa o corpo do motociclista e levanta a blusa em busca de nada.  
Aguarda no carro.  
Os olhares saem do motociclista (ou do negro de cabelo descolorido?).  
Olhos do oficial fitando.  
Busca paralisa por alguns segundos.  
Com um sinal de dedos para o motorista do SUV: pode ir embora.  
Confere documentos. Revista continua.*

***Arranco e vou embora.***

*-----  
Continuo meu caminho com aquilo na cabeça.  
-----*

*Nunca fui parado em uma blitz, ainda bem que meus documentos estavam todos em dia.  
-----*

*Mas... o oficial nem me pediu documentos, nem nada. Aliás, nem desci do meu carro.  
-----*

*Fiquei com aquilo na cabeça.  
-----*

*O que será que aconteceu com outro que estava na motocicleta?  
-----*

*Não me cabe me julgar as atitudes do outro, mas as minhas.  
-----*

*Será que era algum perfil específico sendo procurado? Será que houve algo que eu desconhecia que motivasse aquela blitz?*

*E se eu estivesse carregando armas ilegalmente ou traficando ilícitos?*

*Minha pele me salvaria ou me encobriria? Será?*

*Assisti calado, branco, dentro de um carro que ainda nem acabei de pagar, algo que vem desde sempre nos pedaços aqui do Sul.*

*Não sou contrário à segurança pública. Existe o outro lado também, vidas que não compartilho e detalhes que, sequer, imagino. Não fiz nada. Fui conivente. Fui omissivo. Fui omissivo? O que eu poderia fazer? Exigir ser revistado, ter a blusa levantada, um estranho me apalpando, buscando nada em plena rodovia? Mais uma vez, um choque dentro de mim mesmo. Os “eus” aqui estão entre facadas<sup>37</sup>.*

### 3.5 estranhando(-me em) a Universidade

Depois de tanto recorrido, consigo me alegrar com as dúvidas e problematizações. Não me abalarei por não responder prontamente algumas inquietações, mas trarei mais perguntas e verbalizarei mais desconfortos. O que segue é motivado pelas vozes de Tamayo e Parra (2018) ao afirmarem que é necessário “decolonizar a pesquisa e desacademizá-la, ou melhor, expandir as formas como a academia foi concebida e praticada”<sup>38</sup>.

Como fazer isso? É possível alterar as estruturas de uma instituição marcada pelas heranças coloniais do conhecimento? Refletindo um pouco mais sobre o espaço acadêmico e a produção de saberes, Santiago Castro-Gómez (2007) reconhece a

(...) universidade como lugar privilegiado de produção de conhecimento. A universidade é vista, não apenas como o lugar onde se produz o conhecimento que conduz ao progresso moral ou material da sociedade, mas como o núcleo vigilante dessa legitimidade. Em ambos os modelos, a universidade funciona mais ou menos como o panóptico de Foucault, porque é concebida como uma instituição que estabelece os limites entre o conhecimento útil e o inútil, entre a doxa e a episteme, entre o conhecimento legítimo (isto é, o que goza de “validade científica”) e conhecimento ilegítimo<sup>39</sup> (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 81, tradução nossa).

<sup>37</sup> Trouxe este evento que ocorreu comigo, em 01 de junho de 2020. Parece descontinuado da discussão que toca este trabalho, mas não. Estou julgando da minha janela confortável o que se passou com dois sujeitos desconhecidos, estou sendo inquisidor no que penso, no que sinto. Na verdade, não sei o que sentir. Existem lados que não conheço e dos quais ainda não faço parte, mas que preciso me integrar. Fico com receio de que toda a minha inquietação não passe disso: indignação confortável e desconhecimento. A colonialidade atravessa a minha pele.

<sup>38</sup> No original: “decolonizar la investigación, y des-academizarla, o, mejor dicho, ampliar las formas en que la academia viene siendo concebida y practicada”

<sup>39</sup> No original: “es el reconocimiento de la universidad como lugar privilegiado de la producción de conocimientos. La universidad es vista, no sólo como el lugar donde se produce el conocimiento que conduce al progreso moral o material de la sociedad, sino como el núcleo vigilante de esa legitimidad. En ambos modelos, la universidad funciona más o menos como el panóptico de Foucault, porque es concebida como una institución que establece las fronteras entre el conocimiento útil y el inútil, entre la doxa y la episteme, entre el conocimiento legítimo (es decir, el que goza de “validez científica”) y el conocimiento ilegítimo.”

Conhecimento ilegítimo. Percebo o clube da humanidade atuando nada discretamente. Opa! Choque! A Universidade, então, é uma associada desse clube? Qual seria sua posição lá dentro? Estaria na diretoria? Esse clube está em todo lugar? Aparentemente, sim. Os não associados, que são a maioria, estão, de alguma forma, subordinados a um tipo de poder?

Trarei outra longa citação e, prontamente, peço desculpas caso a leitura destas páginas esteja cansativa, mas há certas coisas que não consigo editar ou recortar para fazer caber “direitinho”. Castro-Gómez (2007) afirma que

O conhecimento científico na pós-modernidade é imanente. Já não é legitimado por sua utilidade para a nação ou para a humanidade, mas por sua performatividade, ou seja, por sua capacidade de gerar certos efeitos de poder. O princípio da performatividade tem como consequência a subordinação das instituições de ensino superior aos poderes globais. A belle époque do professor moderno, a era do “educador” e do “professor” parece ter chegado ao fim, pois a função da universidade hoje não é mais educar, mas investigar, o que significa: produzir conhecimentos relevantes. Os professores universitários são obrigados a investigar para gerar conhecimento que possa ser útil para a biopolítica global na sociedade do conhecimento. Dessa forma, as universidades passam a se tornar microempresas prestadoras de serviços.<sup>40</sup> (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p.85, tradução nossa)

Um certo pesar se instaura em mim. Não era essa a visão que eu tinha de uma universidade, ou melhor, da Universidade. Seguir a lógica de produção e mercantilizar o conhecimento soa vil e traiçoeiro, nos deixa brechas a soterrar aquilo que a Academia não considera válido ou não percebe valor agregado. Na voz de Ailton Krenak (2019), a ciência inteira vive subjugada por essa coisa que é a técnica. Não sei se me desculpo demais ao escrever, mas sinto que estou fazendo um desabafo. Pensando bem, parei de pedir desculpas. Sustento, sim, tudo isso. Até quando a lógica perpetuará?

Lembrando-me, ainda, de Ailton Krenak...

---

<sup>40</sup> No original: “El conocimiento científico en la posmodernidad es inmanente. Ya no es legitimado por su utilidad para la nación ni para la humanidad, sino por su performatividad, es decir, por su capacidad de generar determinados efectos de poder. El principio de performatividad tiene por consecuencia la subordinación de las instituciones de educación superior a los poderes globales. La belle époque del profesor moderno, la era del “educador” y del “maestro” parece haber llegado a su fin, pues la función de la universidad hoy día ya no es educar sino investigar, lo cual significa: producir conocimientos pertinentes. Los profesores universitarios e ven abocados a investigar para generar conocimientos que puedan ser útiles a la biopolítica global en la sociedad del conocimiento. De este modo, las universidades empiezan a convertirse en microempresas prestadoras de servicios.”

Assim como aquela senhora hopi<sup>41</sup> que conversava com a pedra, sua irmã, tem um monte de gente que fala com montanhas. No Equador, na Colômbia, e algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares onde as montanhas formam casais. Tem mãe, pai, filho, tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas. Por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente? (KRENAK, 2019, p. 10)

Não quero fazer parte de uma humanidade que sufoca narrativas, que se esconde na boa índole de “dar voz ao outro”. Quem sou eu pra dar voz a alguém? Aliás, existe algum mortal que seja digno de falar pelo outro? Mas estou dentro de uma universidade, uma p\*\*\* de uma universidade. Usufruo dos benefícios do clube da humanidade cotidianamente. Já me disseram que era necessário que eu abrisse mão dos meus privilégios recebidos ao longo dos anos... entendo, mas será que estou pronto? Aos poucos e ao longo de muito tempo,

excluimos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver — pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres (KRENAK, 2019, p. 23).

Rebelo-me, largo tudo, e ignoro o que está diante dos meus olhos ou, modestamente, somo minha voz às outras que já pelejam por um lugar de produção de saberes para além da performatividade? A Universidade é para quem? O que se produz é para quem? O conhecimento é para quem?

- Rafa, fofoca!

- Manda! Tô precisando de um “Casos de Família” pra me distrair um pouco.

---

<sup>41</sup> Nação indígena dos Estados Unidos da América.

- Ah, não é pra tanto, talvez seja... enfim... Estava passeando pelo Campo Buriti e encontrei uma senhorinha lá. Você não conversou com ela, tenho certeza. Ela estava achando estranho aquele *forasteiro* entrando nas casas ali...

- Uai, é só você falar o nome.

- Claro que não vou falar e nem tente me perguntar que não vou dizer, ok?

- Beleza, Joana... desembucha...

- Vou deitar, porque a história é longa... Encontrei com ela na porta da padaria, aquela que você tomou café com seu pai. Menino... ela estava um tanto esbaforida.

“Joana, você acredita que vi um menino andando por aqui, né? Educadinho, segundo comentários, mas fiquei com pé atrás. Fiquei sabendo que era professor de matemática e estava fazendo uma pesquisa para a faculdade. Acreditei mais ou menos porque ‘tava’ com o Beco, tio dele. Professor... sei... com aquela cara quase sem barba e aquelas roupinhas de menino novo. Botei reparo nele: branquinho, cabelinho enrolado, cheio de tatuagens, da capital. Parece que queria conhecer mais sobre o artesanato... eu te pergunto, Joana: o que um professor de matemática quer saber de artesanato?”

Eu conheço! O Rafael. Fica tranquila que ele é gente boa.

Ah, então você conhece? E de onde você conhece, menina?

Não vem ao caso... depois te conto. Mas, continua. Que mais aconteceu?

Trem demais! Isso aqui que as meninas fazem é tudo na sensibilidade, não tem essas coisas de pegar e sair medindo tudo não. E outra, a matemática que é ensinada na escola é aquela de fazer conta e montar probleminhas, não tem nada de artesanato na escola não. E não tem nada de escola aqui não. Será que mudou? Fiquei imaginando a conversa dele com as meninas. O que será que elas responderam?”

Ah, boba... ele tem umas ideias meio estranhas, às vezes. Repara não. Viu as tatuagens? Até aviãozinho de papel ele rabiscou no braço.

Eu vi, menina. Que que é aquilo? Será que dói? Ah, mas isso não é assunto de agora. Eu fiquei com a pulga atrás da orelha só imaginando. Doida pra ele querer conversar comigo... Fiquei sabendo que ele perguntou tudo, menina. Até se as meninas queriam ser outra coisa na vida além de artesã. Vê se pode? Será que é isso que eles fazem lá na universidade deles? Sair perguntando da vida dos outros?

Olha, sinceramente, não consigo te responder isso agora.

E se a gente daqui fosse lá na 'casa' deles e começasse a perguntar essas coisas? E se a gente chegasse lá e quisesse saber como eles ensinam, o que eles ensinam, por que eles ensinam e pra quem eles ensinam? Ah, mas eu queria ver. E digo mais! De onde eles tiram tudo aquilo que dizem que ensinam?

Também queria saber, viu. Eu fico meio na dúvida com ele. Tem hora que parece que ele sabe demais, tem hora que parece que ele não faz ideia do que tá acontecendo e fica fazendo pergunta atrás de pergunta, quase não responde nada... Sei não, viu.

É, Joana. Vamos ficar de olho... Eu vou arredar o pé um pouco porque, pelo que ouvi de cá e de lá, ele gosta mesmo do que é feito aqui na comunidade. Mas ainda acho que modelar uma boneca não tem matemática, gente. Conversei com as meninas, e elas me disseram as mesmas coisas que conversaram com ele: a modelagem é no olho, segue a intuição, o coração. Acho que nenhuma daqui pegou algum livro pra aprender artesanato. Não tem livro pra isso não. Será que a escola mudou? A gente aqui, Joana, você sabe, é um povo muito simples, mas muito esperto. A gente pode não ter muito estudo, mas sabemos de muitas coisas. Já pensou se a gente fala com eles lá da... lá da... como que é a faculdade dele? Fugiu agora...

UFMG.



Isso! Lá da UFMG que a faculdade deles é toda errada e fica querendo ver coisa onde não tem? Imagina a cara...

Misericórdia! Já pensei nisso também, acredita? O que será que o Rafa ia achar?

Oh... sinceramente, eu fiquei ressabiada. Mas eu acho que ele não ia se importar muito, sabe? Parece que ele queria mesmo era ouvir a nossa gente, saber como o trabalho daqui é feito. Agora, se tem ou não medida, isso não vai mudar o que é feito aqui. A existência daqui é com o que a terra dá, desde sempre. Isso que eles chamam de pesquisa, que vem lá de fora, costuma não interferir muito no jeito que as meninas modelam. Claro que o povo sempre se aprimora, mas é de tentar. Joana, acho que aqui as meninas não precisaram de livro pra fazer o que fazem de coração.

Será que Terezinha e as outras ficaram ofendidas com alguma coisa? O Rafa é tão sossegado...

Não menina... bom, acho que não. Ele não é o primeiro de fora que vem conhecer o trabalho daqui, mas tem uns que acham que o que se faz aqui é coisa de outro mundo, parece que a gente é bicho de circo fazendo truque. Às vezes eu acho que esse povo de faculdade quer achar agulha em palheiro, quer ver a gente inventando alguma coisa, mas a gente não inventa. O povo aqui se reinventa, dá nó nas dificuldades e sai por cima. O povo trabalha com o que a natureza dá, com os pensamentos que Deus dá. E outra coisa: tem uns que vem e nem satisfação dão depois. Quero só ver se seu amigo vai dar as caras aqui de novo quando ele acabar isso que tá fazendo.

Ah, amiga... pode ter certeza que ele volta. A casa dele é cheia de trabalhos do Vale. Ele gosta mesmo daqui! Antes eu achava que ele gostava só dos trabalhos, mas acho que ele gosta mesmo é das pessoas.

Assim espero.

Vai sim... pode falar com as meninas que ele volta.

Oh... tô com almoço pra fazer, casa pra arrumar e ainda tenho que acompanhar meu marido numa consulta lá na cidade. Homem dá um espirro e acha que o mundo acabou... nunca vi... Fiquei sabendo que até isso ele perguntou.

O que? Das tarefas do dia?

Não... como era ser mulher no Vale...

Ixi... Curioso, né?

Ah... deixa pra lá. Até mais, menina. Juízo.”

- Chocado.

- Com fome.



## 4 diálogos

### 4.1 diálogos entre Rafaéis e suas notas sobre a experiência

Fora da fenda e afastado dos dados do meu processo há alguns dias – sem esquecê-los, mas com a estranha ideia de que a distância pudesse me comunicar algo –, comecei a divagar sobre meu primeiro encontro com as comunidades que visitei. Lembrei-me, como que se uma imagem se projetasse em minha frente, das janelas fechadas que me impactaram. Aquilo ainda era latente. Pausa: *dados*. Toda vez que eu escrevo, me incomoda, mas ainda assim continuo escrevendo. Algo me prende. Não são dados! São pessoas, são experiências, são vivências, são problematizações que nascem.

Enquanto escrevo, circula pelo mundo uma *pandemia*. Sinceramente, nunca pensei que viveria algo assim. Mais uma vez, lembrei-me do campo: as janelas fechadas, ruas vazias e o ar estático. Neste aspecto, Belo Horizonte se assemelhava às comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre. Será que lá as janelas continuavam daquele jeito? Como será que as pessoas de lá estavam? Resolvi, então, voltar para meu quadro de entrevistas, aquele idioma analítico...

Já não havia células vazias. Aquela que, aparentemente, mostrava uma superfície estéril, escondia uma riqueza inimaginável. Com o quadro na minha frente, as memórias e os registros das entrevistas e do lugar ainda pulsando, busquei algo que me remetesse àquelas experiências na errônea tentativa de revivê-las, sabendo que isso é impossível. Na tentativa de recriá-las, melhor dizendo. Olho para o quadro e, como que magneticamente, deparo-me com a célula *Memória*. Às vezes no ato da pergunta já reside a resposta. Engraçado isso, não é?

Mas o que falar de *Memória* sem recair em uma perspectiva individualista e individualizante? O que falar de *Memória* sem esvair a coletividade? Como me particularizo em meio à coletividade? O que se torna tátil dadas as minhas vivências?

Fiquei pensando nas práticas das artesãs de Campo Buriti e Campo Alegre e nos saberes que emergem espontaneamente daqueles corpos. Espontaneamente após anos na lida com o barro, claro. Algo que me chamou a atenção foi para a ausência de qualquer registro escrito no processo de produção, pelo menos na produção das artesãs que acompanhei.

Há algum tempo venho reconstruindo algumas convicções relacionadas com minhas práticas como professor de matemática. Dentre essas convicções, o registro escrito é imprescindível a uma Matemática que eu conhecia. A língua escrita, um código escrito, é um dos passes de entrada para o clube da humanidade. Dizendo mais amplamente, o registro escrito é, em nossa sociedade, matéria da memória. Mas... e a memória em uma prática social? O registro escrito é necessário quando as formas de produção e transmissão de conhecimento são outras que não aquelas consolidadas em meu solo cultural?

Pensem comigo: em minhas aulas de Matemática em uma escola tradicional utilizo de formas e símbolos impressos a todo momento. O registro impresso não se apaga, penso. Entretanto, Terezinha, me contou que *“Pelo tamanho da peça a gente controla a altura. Tem que ficar proporcional. Só na imaginação mesmo. Sempre pensando como a peça vai ficar. Só de cabeça, sem anotar. A gente vai pegando o barro e fazendo.”* O que Terezinha quer me dizer? Que seu conhecimento não é catalogável em um livro? Que os saberes consolidados e reconfigurados – pela memória – ao longo de anos não são estimados? Não sei se ela tem dimensão da beleza e da riqueza de sua fala para mim, ainda que pouco possa me expressar com ela. Agora, consigo apenas formular uma ideia de que uma produção manifestada em uma prática social assume diferentes formas de repercussão, transmissão e validação naquele meio. E fora daquele meio? Como seria? E dentro de uma Universidade, como seria?

Atrevo em falar da memória de um corpo, como algo único, indissociável. A memória que aqueles movimentos das mãos conseguem trazer na consolidação de uma boneca, por exemplo. Isso ultrapassa o catalogável. Não há índice em livro que se associe a esse saber. Afinal, será que uma experiência pode ser fruto de um algoritmo? Penso que não. Dúbio: dar certeza em uma negação. Corpo e mente, corpo ou mente, interseção, união, ciência e experiência. Uma corrente percorre meu corpo saber da experiência e o corpo que se modifica... Estímulos!

*“Tem que saber o ponto certo de emendar. Se for mole, entorta. Se for duro, racha. Tudo na mente, não dá pra te explicar. Se eu fosse te explicar... vai estar nesse grau... Eu sei tocando na peça, não sei te explicar. (...) A gente tem a experiência do barro”,* é o que afirma Terezinha. Qual é essa experiência? Não tenho nenhuma experiência em trabalhar com artesanatos em barro. Meu solo cultural é outro, eu

apenas visito aqueles momentos segundo as minhas vivências, os meus afetamentos e atribuo sentido aos atravessamentos que me ocorrem.

Em se tratando de experiência, recorro à voz de Jorge Larrosa Bondía. Para Larrosa (2002), a experiência é *o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca*; não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. Lá no comecinho do mestrado, coloquei-me uma questão (dentre tantas outras): é possível pretender a experiência por meio de uma pesquisa? Percebo que essa questão ficou mal formulada ou mal colocada com as vistas do agora. Este meu percurso de escrita ultrapassa uma pesquisa. O cerne, admito, é o de uma pesquisa, entretanto, os afetamentos que me ocorrem e os tensionamentos que causo fogem do controle destas linhas.

Admitindo-me como produto e processo, início, meio e sem fim,

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (LARROSA, 2002, p. 24).

É exatamente isto: paixão, receptividade e abertura essencial. Percebendo essa minha reconfiguração, entendo-me como território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, insere algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Mais ainda, pretender a experiência tem a ver com deixar-me afetar, tocar, derrubar, ser ameaçado por novas práticas e vivências, permitindo-me a vulnerabilidade, que é a paixão em si, e a transformação.

O sujeito passional tem também sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis. O que ocorre é que se trata de um saber distinto do saber científico e do saber da informação, e de uma práxis distinta daquela da técnica e do trabalho (LARROSA, 2002, p. 26).

Fico pensando em uma universidade com paixão e com aquilo que Ailton Krenak coloca:

Há muito tempo não existe alguém que pense com a liberdade do que aprendemos a chamar de cientista. Acabaram os cientistas. Toda pessoa que seja capaz de trazer uma inovação nos processos que conhecemos é capturada pela máquina de fazer coisas, da mercadoria (KRENAK, 2019, p. 31).

Pensar com liberdade, fervorosamente, sem ansiar, de antemão, pelo produto comercializável, seria um sacrilégio contra o clube da humanidade? De início, busquei por experimentos controláveis e replicáveis. Por sorte ou revés, não os encontrei. O saber que aqui discuto está alterando meu contorno. Como refleti acerca das categorias, os afetamentos fazem com que a minha superfície seja ainda mais porosa e maleável. A minha matéria torna-se fluida e mutável por tudo aquilo que meus sentidos conseguem captar, sem paredes, sem dentro e fora. Percebo, em mim, uma expansão, mas sem fronteiras ou recortes precisos. Expansão. Percebo que a minha constituição enquanto professor/pesquisador/ser humano transita livremente no tempo e nas ideias. Assim, assumo que

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria (LARROSA, 2002, p. 26).

Mais uma vez, a voz do Larrosa (2002) sussurra algo que me inquieta: como pensar a educação a partir do par experiência/sentido?

Imagina eu chegando nas minhas aulas de matemática e falando com minhas meninas e meninos do jeito que a Terezinha falou comigo (sobre seu processo criativo): *“É só na imaginação mesmo”*. No mínimo, reclamações formais da diretoria e das famílias dos estudantes. Vocês conseguem perceber onde me coloco nestes espaços? Vejam bem: não sou do campo, nem artesão, tampouco mulher. Mas as práticas das artesãs me afetam, colocando em suspeita o que sempre chamei de Matemática.

## 4.2 diálogos entre Rafaéis e a Matemática

Está um ano frio, em todos os sentidos. Na temperatura e no cuidado com o outro. Assim penso. O mundo inteiro atravessa a pandemia provocada pela Covid-19. Quase todas as atividades em Belo Horizonte estão suspensas. O que permanece aberto são supermercados, padarias, hospitais, postos de gasolina, farmácias: o dito *essencial*.

Como professor da rede privada de ensino de Belo Horizonte, desde a suspensão das aulas presenciais, comecei a trabalhar remotamente elaborando aulas em vídeo, listas de exercícios e correções remotas, substituídas progressivamente pelo ensino “*on-line* ao vivo”. O que será que minhas alunas e meus alunos estavam achando daquilo tudo? O que eu estava achando daquilo tudo? Que educação matemática era essa que se produz na *interação* de uma pessoa com um computador ou um *smartphone*, pautada no medo de outras formas de interação? Fiquei aqui pensando... seria isso uma *prática cultural* que, para mim, nascia de um contexto sócio-cultural-econômico específico e passageiro?

Paralelamente aos meus afazeres de professor, na reunião do dia 15 de abril do inSURgir, algo me chamou a atenção: onde *eu* me posicionava epistemologicamente na condução deste processo de escrita? Primeiro: que prepotência minha era essa de ver alguma coisa na prática dos outros? Quem era eu para nomear alguma coisa? Segundo: lembrei-me da minha visita à fenda... que linguagem era essa que eu queria ver? Existe tradução? Tem tecla “*SAP*” pra tudo? Percebem? Eu! Não é isso. Zezinha, mais uma vez: “*O bom do artesanato é que é uma coisa sem peso nem medida.*” Algo me autoriza a contestar essa fala mágica? A minha posição me confere algum poder frente a essa prática? A minha tribo, o clube ao qual pertenço, conferem-me algum poder para categorizar, dizer, entender e explicar o que não está em mim, integralmente?

Mandei um áudio para o Filipe.

*Quarta-feira, 15 de abril de 2020, 16:38*  
*“Ei, Filipe, tudo bem? Seguinte... sobre a fala do Diego<sup>4243</sup>, eu fiquei um pouco angustiado. Não me posicionei lá hora porque eu não sabia*

<sup>42</sup> Diego Matos Pinto, professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

<sup>43</sup> “Trazendo a etnomatemática, por exemplo, quando a gente traz à tona determinados saberes dizendo que são práticas de grupos subalternizados e nesses saberes, nessas práticas, a gente tenta identificar o saber dito acadêmico, ou as práticas ditas acadêmicas... eu acho que a gente ainda tá

*como falar e acho que ainda não sei, porque eu entendia a 'etno', nem como no limiar do não abissal, mas no estritamente abissal. E eu não sei se é a 'pegada' do trabalho que estamos desenvolvendo... tem isso também... 'não chamar de etno', enxergar uma outra coisa que não é 'etno'. Isso me deixou mais intrigado, sei lá. Contestar uma linha, não sei se você está me entendendo. Exatamente por causa dessa discussão de hoje do abissal... que mais excludente que esta etnomatemática que estou percebendo, ela está se revelando outra coisa pra mim. Não sei se é isso..."*

*Quarta-feira, 15 de abril, 16:41*

*"Ei, Rafael, tudo bem? Então... eu 'tô' fazendo justamente... Eu estava escrevendo um texto para o meu pós-doutorado justamente que vai tocar neste ponto da Etnomatemática. Eu posso até te mandar ele... assim... tá bem parcial porque é uma parte do relatório. Eu estou chamando o conceito de Etnomatemática de um jeito diferente porque eu parto do princípio que a Matemática é uma disciplina racializada. Então essas tentativas da Etnomatemática de ficar vendo matemática na cultura do outro, elas tendem a fragilizar ou subalternizar aquele grupo. Então, ele faz aquele grupo ser um grupo menor do que o meu grupo cultural. Né?"*

*Se eu posso sempre enxergar Matemática naquilo, isso torna aquele grupo menor.*

*Então, o que eu tenho defendido numa Etnomatemática seria mostrar como aquelas matemáticas se colocam em luta e resistência a uma Matemática do colonizador, que é um pouco do que você faz. Só que o que você faz é no âmbito subjetivo: como você, professor de matemática abala suas certezas em relação à Matemática e percebe que outras relações podem ser estabelecidas."*

Olha a decolonialidade e a subalternização aqui de novo. Fiquei com essa reunião e com a conversa com o Filipe latentes em meu corpo. Por algum motivo, lembrei-me de uma entrevista, da última, com a Dona Faustina. Ela abriu partes da sua vida pessoal pra mim. Senti-me honrado. Em um dos momentos, ela relata que havia ficado viúva com sete filhos pra criar, um na barriga ainda. Seu marido havia sido assassinado.

Meu marido foi assassinado nesta comunidade quando não havia nada aqui ainda. (...) Nós 'morava' perto de um fazendeiro, 30 e tantos

---

situado do lado da Modernidade da linha abissal. Quando a gente promove os saberes que são produzidos por esses grupos subalternizados no sentido de entender que saberes foram apagados, quais são as reais práticas que eles produzem, aí eu acho que a gente está pensando no lado colonial dessa linha abissal. Esses exemplos nos ajudam a tentar identificar que saberes estão sendo apagados e que seres estão sendo invisibilizados quando a gente vai caminhando nessa linha. Se você trata desse exemplo da etnomatemática, buscando um saber acadêmico nas práticas de um grupo subalternizado, você está dizendo que esse sujeito não é produtor de saberes e que ele só pode existir dentro da matriz colonial, Aí que eu acho que entra um pouco a questão da desumanidade... no campo da escola, o conhecimento não está a serviço, apenas, no sentido de desqualificar o saber desses grupos, mas desqualificar a existência deles" (MATOS, 2020, *YouTube*).



anos atrás. O fazendeiro ‘tava’ com a bola toda, ele era o dono do pedaço. E aí meu marido tinha plantado a roça e a criação do fazendeiro que era do outro lado, atravessava o rio e pisava na nossa roça. Meu marido foi lá e avisou pra ele tirar a criação porque não tinha jeito de fazer cerca na beira do rio... ainda fui lá e até ajudei a tirar o gado. Ainda falei: ‘uai, foi numa boa. Eles ‘num criô caso’’. Aí o filho do fazendeiro, um dia, pôs a faca na bota e veio pra cá e começou a insultar ele. Ele não desconfiava de nada... na ida dele embora, ele (o filho do fazendeiro), matou ele (marido da Dona Faustina) pelas costas, em cima da cancela. Bateu muitas facadas pelas costas. Tanto que a faca chegou a enrolar assim (fazendo um sinal de anzol com o indicador da mão direita).

No momento da entrevista, engoli seco e segui. Ali, havia uma conotação. Agora, tenho outra. Espero que me entendam! Criei aquela imagem na cabeça (ou no corpo todo), mesmo sem conhecer o marido da Dona Faustina e o Filho do Fazendeiro (com maiúsculas mesmo)<sup>44</sup>. Imaginei o *Filho do Fazendeiro* como um homem branco, olhos verdes mais escuros, 20 e poucos anos, cabelos pretos mais baixos, meio magro (não magricelo), camisa de botão, calça jeans, cinto de couro marrom e botas de cano baixo. O *Marido da Dona Faustina*, homem branco também, com a pele mais queimada pelo sol, olhos castanhos mais claros, parecidos com o da sua esposa, estatura mediana, troncado por causa do trabalho na enxada, calça de sarja, camisa de algodão de abotoar, *Havaianas*, cigarro de palha na orelha, rosto fino e liso, trinta e poucos anos. O que mais me chama a atenção nas representações que eu mesmo criei é a cena do assassinato (verídico). Facadas pelas costas até a ponta da Faca entortar.

Casei a cena com a mensagem do Filipe: “*mostrar como aquelas matemáticas se colocam em luta e resistência a uma Matemática do colonizador.*” Será que fica demais fazer associações entre ambas? Para além de morte física, é possível encarar o assassinato do Marido de Dona Faustina como um aniquilamento de existências? Ainda há Filhos de Fazendeiros por aí? Há quem decida quem pode morrer e quem pode viver? A existência do outro colocaria em risco de morte alguma existência? O extermínio daquilo que é externo a um grupo, asseguraria alguma soberania? Nesses pontos, Achille Mbembe (2011) problematiza que, na (falta de) lógica da modernidade,

---

<sup>44</sup> *Marido da Dona Faustina, Fazendeiro, Filho do Fazendeiro e Faca* com iniciais em maiúsculo. Para mim, esses personagens ultrapassam a individualidade e passam a incorporar grupos, ações e conceitos pertinentes a este processo/trabalho. A inicial maiúscula, então, carrega mais do que uma grafia, mas vozes.

a racionalidade própria da vida passa, necessariamente, pela morte do outro ou que a soberania consiste na capacidade de matar para viver.

Execução. Morte. Extermínio. Aniquilação. Silenciamento. Mais uma face oculta da modernidade? Se há um mundo que é *humano*, aquele resguardado pela cartilha do seletor clube, o antagonista desse seria o dos selvagens. Mas me pergunto: a selvageria reside em reconhecer e coexistir ou em aniquilar? Tentemos um primeiro paralelo: se estivéssemos em um período colonial – aquele imediatamente após a invasão do continente americano (que não gosto de chamar assim, mas não vejo saída) – o Marido de Dona Faustina poderia ser o *nativo* e o *Filho do Fazendeiro*, o invasor/conquistador/colonizador? Nessa ótica, “aos olhos do conquistador, a vida selvagem não é mais que outra forma de vida animal, uma experiência horripilante, algo radicalmente *alien*, mais além da imaginação ou da compreensão” (MBEMBE, 2011, p.40).

Em outro paralelo, será que o *Fazendeiro* caberia em uma roupa de *Matemática Ocidental/Colonizador*, o *Filho do Fazendeiro* vestido como um *articulador da Matemática Ocidental*, o *Marido da Dona Faustina* travestido como uma *prática cultural*, a *Dona Faustina* como a *memória...* e a *Faca*? O que seria a *faca*? Sim, ela é um personagem central dessa trama quase teatral que me invento. Instrumento utilizado para *invisibilizar* uma prática ou um grupo cultural que não seja o *central*, que não está em nosso solo cultural? Um discurso, uma tentativa de incluir (mas que acaba por segregar ainda mais), uma *tradução*? Uma integrante de um clube que expulsa do centro qualquer manifestação que não seja aquela já respaldada em seu regulamento?

O assassinato do Marido da Dona Faustina pode ser representado, aqui, como a subalternização de um grupo?

*De que forma a decolonialidade me ajuda a compreender essa noção de “uma matemática”? Será que, depois de tudo o que venho me questionando, atrevo-me a usar o nome Matemática associado à decolonialidade? – Que essas perguntas têm a ver com a trama? Algo me atravessa como Faca!*

Cresci numa bela época, que infelizmente já passou. Havia nela uma enorme disposição para mudanças e a capacidade de criar ideias revolucionárias. Hoje em dia ninguém mais tem a coragem de inventar algo novo. Fala-se apenas sobre como as coisas já são e se continua lançando as mesmas ideias antigas. A realidade envelheceu e ficou senil; está sujeita às mesmas leis que qualquer organismo vivo –

envelhece. Assim como as células do corpo, seus componentes mais elementares – os sentidos – sucumbem à apoptose. A apoptose é a morte natural, provocada pelo cansaço e pelo esgotamento da matéria. Em grego essa palavra significa ‘a queda das pétalas’. As pétalas do mundo caíram (TOKARCZUK, 2019, s/p).

Outra coisa que percebo na construção dessas análises (ou, criação das perguntas ou articulação das problematizações): diálogo com várias fontes, vários momentos, vários contextos que me perpassam. Não me proponho a criar ideias revolucionárias e nem sei se sou capaz disso frente ao furacão que me bagunça internamente, mas creio que preciso encurtar distâncias e criar fissuras em barreiras. Uma vez mais, onde estaria Joana?

- Joana, está por aí? Preciso de ajuda. Cadê você? Pedi uma pizza!
- Oi, Rafa. Estou aqui. Cheguei agorinha. Estava dando umas voltas... Pizza de que?
- Voltas por onde? À moda e frango à bolonhesa. Bastante recheio e massa fininha!
- Voltas por voltas... Uns passeios por Portugal, Caribe e alguns cantos da África. Tava pensando aqui... se, na pizza, o recheio vem por cima, por que não chamamos de cobertura? Essas coisas de linguagem e traduções me deixam confusa quase sempre...
- Você anda, hein?
- Você não viu nada... mas, do que precisa?
- Então... ‘tava’ pensando no Boaventura e empaquei num pedaço. Não anotei, mas era algo como dar visibilidade a outras bibliotecas e a outros conhecimentos é um dos objetivos das epistemologias do Sul. Algo bem próximo disso.
- Qual o problema? Pra mim, é autoexplicativo.
- Não é isso, veja bem. “Dar visibilidade”... quer dizer que alguém tem que conceder o ato de ser visível a outrem. “A outras bibliotecas e a outros conhecimentos”... quer dizer que há algum conhecimento que é tomado como referência para que, então, existam “outros”. Achei meio dúbia

essa representação que construí, não sei se pelos verbos da frase original, ou se pelos caminhos que tomei. Consegue entender?

- Claro que consigo e acho que é por aí mesmo. Veja bem, você: confronte o que escreveu com o que o Boaventura propôs. Se necessário, confronte o Boaventura também. Se alguém achar ruim, fale que fui eu.

- Desenvolva...

- Até então, o que era visível era algo tomado pelo padrão europeizado de produção e consumo da ciência. O que estivesse fora dali, possivelmente seria descartado ou remodelado para parecer europeizado.

- Mas, quando ele coloca “outras bibliotecas” e “outros conhecimentos” tenho a sensação de que ele ainda não inverte a posição Sul/Norte. Sinto que ele reforça essa assimetria. Entendeu?

- Entendi, e até concordo. Mas, você lembra quando o Filipe falou que a decolonialidade surge (ou insurge) juntamente com o nascimento da colonialidade? Que não são opostas, mas complementares? Que uma não existe sem a outra? Que a decolonialidade não é, unicamente, um levante contra a colonialidade, mas formas de ser e agir que enxergam, problematizam e insurgem frente ao todo?

- Eu estava pensando algo assim, mas não conseguia colocar pra fora. Fico chocado com você, sabia?

- A questão é essa, Rafa. Não existe bem e mal, mas olhares diferenciados e a condução é sua. Melhor, existe bem e mal, existem pessoas e pessoas. Dependerá de quem articula e o que quer mostrar. Faça aquilo que te falei: problematize, contextualize, evidencie urgências e insurgências.

- Concordo. Obrigado!

- Vou comer. Mas, antes, quero deixar um grilo na sua orelha: o que você acha que o pessoal da Academia vai pensar da sua escrita? Desleixada, louca, cheia de fluxos de memória, de vai e vem... desobediente? Você acha que sua escrita se encaixaria em alguma *tribo*?

- Já pensei, mas tô tentando não sofrer muito com isso antecipadamente.

- Rafa, uma dica: você também é universidade. Se não estiver aberta, chuta a porta e entra.

Tento não tratar esse percurso de uma forma extrativista, como levantei algumas páginas atrás. Alguns pontos do livro do Boaventura prendem-me mais, por exemplo,

As epistemologias do Sul são, em termos positivos, um movimento de interrupção; em termos negativos, são um momento de imaginação. Temos, portanto, de estabelecer com precisão o tempo histórico das epistemologias do Sul. Trata-se basicamente de um tempo de imaginação epistemológica que visa refundar a imaginação política. Enquanto a imaginação sociológica visa produzir uma crítica interna das ciências sociais eurocêntricas, a imaginação epistemológica parte de uma crítica externa a fim de tornar plausíveis e eficazes as ecologias dos saberes e a ciência pós-abissal. Em última análise, o objetivo é fortalecer as lutas sociais contra a dominação (SANTOS, 2019, p.189).

Nesse sentido, Boaventura elenca alguns pontos cruciais de embate/debate para a afirmação e das lutas sociais. Aqui, aproprio-me de lutas sociais como um embate desnivelado entre a Academia e saberes de uma cultura específica. Trarei alguns pontos que são fundamentais.

Primeiro ponto: “comparar ou contrastar o conhecimento científico e o conhecimento artesanal, a fim de imaginar as diferentes preocupações que cada um deles transmite e os diferentes interesses a que cada um deles serve ou pode servir” (SANTOS, 2019, p. 189). Ainda me causa estranheza esse ponto porque não consigo perceber, ou percebo discretamente, dentro da Academia e na própria articulação de Etnomatemática que sensibilizei, uma comparação entre conhecimento científico e conhecimento artesanal, entre conhecimento matemático científico e um conhecimento matemático artesanal. Não é comparar! Ainda falta um tanto de *sensibilidade empírica* ao “fazer ciência”, mesmo que essa ciência se motive em

manifestações culturais localizadas. Aí reside o problema: extrair, “escrever daqui, falar de lá”. Podemos avançar um pouco mais nisso.

Outro ponto que me toca: “Imaginar, com a possibilidade de verificação posteriores, as diferentes formas das quais diferentes tipos de conhecimentos podem contribuir, positiva ou negativamente, para uma dada luta social, a partir do ponto de vista das diferentes partes envolvidas” (SANTOS, 2019, p. 190). Mais um desconforto: estou em dúvida em como uma verificação posterior pode servir, simultaneamente, a um conhecimento científico, da Academia, e a um conhecimento artesanal. O ato de verificar, para mim, remete à ideia de controle, que é exatamente com o que quero romper. Como uma luta pode ser controlada, ainda mais se enxergamos essa luta no campo epistemológico? Será que ele se ateuve ao ato de constatar consequências para que, posteriormente, efeitos negativos sejam evitados ou minimizados?

- Rafa, cheguei sem você pedir, mas acho que precisa de um choque. Não fique confuso. Aliás, fique. Muito. Não se esqueça do seu objetivo: afetar-se e provocar-se. Se as respostas vierem, excelente. Se mais questionamentos chegarem, melhor ainda!

- Eu sei, não estou esquecendo disso... só fico com receio de cair nas tentações dos meus sentidos... aquilo que você falou.

- Não se preocupe. Você se lembra que devolver dúvidas faz parte do seu processo de busca? Então! O Boaventura está te instigando a isso... devolva perguntas... para você, para os outros, para ele, para a Etnomatemática. Se você não está satisfeito com algo que te dizem, fuja, mas saiba mostrar-se nessa fuga. Saiba por onde andar e o que deixar como pistas. Entende o que te falo?

- Entendo, muito. Estou tentando deixar essas pegadas, mas sinto que falta algo ainda.

- Claro que falta! E sempre faltará! A graça está aí. Não se esqueça da experiência! Por exemplo, por que esses pontos que trouxe chamaram sua atenção? Porque eles conversaram com você e porque eles refletem o que é o seu *desejo* no processo... Pense no que te *co-move*... naquilo que se move juntamente a você.

- *Co-move...* obrigado! Era disso que eu precisava. Voltarei agora para as articulações... não saia daqui, por favor!

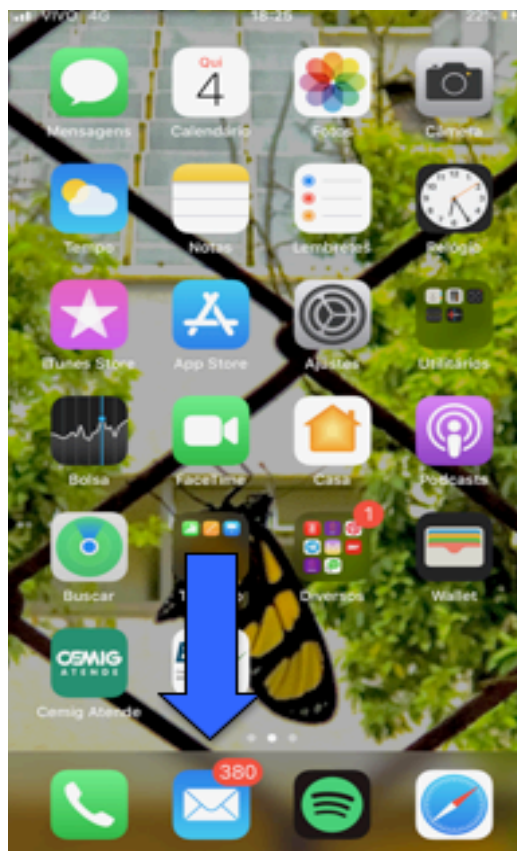
- Enquanto houver pizza, estarei. Esqueci: não se preocupe com *clareza*... esse nome já é perigoso por si só... preocupe-se em alegrar-se!

O melhor dos pontos: “imaginar formas de aprendizagem combinadas com formas de desaprendizagem” (SANTOS, 2019, p.191). Pensar em “desaprendizagens” remete-me a rupturas e ao incontrolável. Em outras palavras, desaprender pode ser o mesmo que incorporar novas formas de aprender, de significar, quem sabe, pelas sensações e estranhamentos que o meio e o outro nos acometem? Gosto mais de pensar assim... é mais palatável, no tocante à imaginação epistemológica, algum tipo de apropriação ou constituição de um conhecimento, Matemático ou não, que se consolide por meio de vivências. Arelado a este ponto, consigo “imaginar sujeitos onde as epistemologias do Norte veem objetos” (SANTOS, 2019, p. 191) e “imaginar as consequências da não separação entre vida e investigação” (SANTOS, 2019, p. 191). Excelentes passagens porque a noção de investigador/investigado, campo/Academia, escrita/experiências desaparecem ou parecem camuflar-se e misturar-se. É tangível, seguindo o pensamento que me proponho, não delimitar um processo de construção de conhecimento entre quem fornece o saber e quem o produz e o faz ser válido. Frase péssima que construí, mas a ideia era evidenciar as assimetrias. As epistemologias do Sul se propõem a isso: dar o microfone a todas as vozes movem um saber em luta. Será que desaprendizagem estaria ligada a algum tipo de desobediência? Uma escrita desobediente associada a uma matemática em desobediência? Sempre me disseram para ser obediente, mas acho que não dá mais.

Lá na fenda, na hora em que mudei o *idioma* das imagens, senti certo desconforto. Desconforto esse gerado por uma possível *tradução*. Grande desconforto. Não gosto de tradução. Não a tradução de algo comum para todos, por exemplo *sol* para *sun*. Mas, como reproduzir algo que faz parte do meu meio para um solo que não domina aquele termo, ou aquela vivência? Seria isso possível? De A para B, assim como de B para A. Nem tudo é essa via de mão dupla que costumamos desenhar. Filipe, mais uma vez: “(...) *como você, professor de matemática abala suas*

*certezas em relação à Matemática e percebe que outras relações podem ser estabelecidas?”*

**Foto 3 – Captura de tela do meu celular em 04 de junho de 2020**



Fonte: Arquivo pessoal (2020)

Protetor de tela bonito, modéstia à parte. Tirei no estacionamento da FaE num fim de tarde. A borboleta estava lá, bem sossegada. Fora a borboleta, notaram a seta bem discreta apontando para a minha caixa de e-mails? Tenho quatro contas cadastradas. Duas de escolas (uma pública e uma privada), uma pessoal e uma do próprio operacional do celular. Sempre verifico meus e-mails e tento respondê-los prontamente. Mas, desta vez, neste episódio de pandemia, a situação estava fora do meu controle.

Todos os 380 e-mails eram de uma única conta, juro! Todos eles da escola particular em que trabalho, mas não chamados da coordenação, direção ou de colegas professores. Todos eram de alunos postando atividades na plataforma virtual... a rotina havia mudado. E olha que esta escola é relativamente pequena. Qual o meu intuito em trazer esta passagem? Das 380 mensagens, algumas delas minhas,



nenhuma tratava (assumo o nenhuma também) de alguma atividade, exercício ou abordagem de alguma prática social que fosse problematizada e levantada no âmbito escolar tradicional. Nenhuma mensagem que desobedecesse aos sentidos.

Como tentar responder à questão central deste percurso que permeia a visibilização de corpos subalternizados no diálogo tradicional da Educação Matemática? Não é simples. Recorrendo à voz de George Ghevarughese Joseph (1987):

[...] não é geralmente reconhecido que praticamente todos os tópicos pensados na matemática escolar hoje são diretamente derivados do trabalho de matemáticos originários de fora da Europa Ocidental antes do século XII DC. O fracasso em reconhecer este fato é em parte uma função da natureza fortemente eurocêntrica dos currículos escolares e em parte devido à negligência infundada da história (e particularmente da história não eurocêntrica) da matemática na educação típica de um matemático<sup>45</sup> (JOSEPH, 1987, p. 22, tradução nossa).

Confesso que ainda não havia me atentado para isso: a matemática na educação típica de um matemático. Pelo que entendo de típico, diria que está ligado ao rotineiro, obediente, enclausurado. A educação (Matemática) ainda está enraizada em saberes eurocentrados, mesmo que esses mostrem-se híbridos de culturas orientais.

Estou aqui pensando em minhas estudantes e meus estudantes, especialmente os do ensino médio, que é onde tenho mais aulas. Não quero pensem: *“Ah, aquela artesã fez um cilindro e chamou de jarra. Aquela outra, fez várias esferas para construir um móbile. A de lá, coloriu uma flor seguindo padrões de uma circunferência com seus raios igualmente espaçados.”* Não! Esfera existe fora de um livro de Matemática? Apesar de estarmos inseridos em um sistema meritocrático de avaliação em que os melhores (os mais competentes e habilidosos – com base em um determinado paradigma de avaliação e conhecimento – entre brancos da elite e da classe média, em sua maioria) entram nas universidades e os demais tentam no ano seguinte, precisamos nos aproximar de outras formas de conceber o

---

<sup>45</sup> No original: “[...] it is not generally recognized that practically all topics thought in school mathematics today are directly derived from the work of mathematicians originating outside western Europe before the twelfth century AD. The failure to recognize this fact is partly a function of the heavily Eurocentred nature of school curricula and partly due to the unwarranted neglect of the history (and particularly non-Eurocentric history) of mathematics in a typical mathematician’s education.”

conhecimento. Não quero, também, pegar tudo o que foi me dado como Matemática e descartar. Minhas meninas e meus meninos almejam, de alguma forma, processos seletivos que são formalizados em avaliações tradicionais do conhecimento Matemático. Aliás, negar o conhecimento é perigoso, assim como assumir que a Terra é plana.

Nesse embate, não quero descrever uma prática matematicamente, tampouco enxergar a matemática em uma prática. Quero sentir o que aquele corpo fez, o que o movimento daquelas mãos trouxeram, o que os olhos enxergaram até, finalmente, conseguirem produzir um artefato que alguém insiste em chamar de “esfera”, por exemplo. Quero a *experiência do barro...*

- Rafael, você enlouqueceu? Bateu com a cabeça ou é o distanciamento social que está trazendo alucinações? É uma esfera, olha aqui! – Joana de súbito chega com um livro de Matemática e me mostra uma *esfera*

- Oi?

- O livro traz a definição escolar de uma esfera, uma foto e lugares onde encontramos esse sólido. Tem até o desenho de um desses móveis que você está falando. Como que não é uma esfera? É sim!

- Joana... sabemos que não é isso que eu quero dizer.

- Bom menino!

- Abusada...

- Só cheguei aqui para “causar” mesmo. Quero conversar com você sobre isso... propor um exercício contrário, que acho que você nunca fez.

- Manda! (Acho que a Joana deve ganhar o título de mestra depois disso tudo)

- Seguinte: pega esse mesmo livro com a imagem da esfera, com as definições escolares e com o desenho do móvel. O que você acha que uma artesã (a mesma que tenha produzido o artefato)

que não usufrua desse instrumento didático, significaria primeiro? Uma esfera ou as bolinhas de argila?

- Uai... bolinhas de argila! Ela pode até usar o termo esfera, mas acho que não atribui o *significado* que o Filipe e eu, por exemplo, atribuímos.

- É aqui que chego. Um deslocamento na forma de pensar.

- Veja se concorda comigo, Joana. Para além do deslocamento, reconhecimento sem traduções (da Academia) de uma prática cultural. É uma bolinha de argila? É uma bolinha de argila! Como foi feita? Com movimentos das mãos, controlados pelo saber do corpo. Ponto.

- Excelente! Vou retomar o que você disse agorinha, porque acho que é bom que você problematize um pouco mais: se, porventura, a mesma artesã do móbile fizer, também, *esferas*? As esferas que ela produz, são as mesmas que o seu solo concebe? Vou ali e depois volto... descasca isso e me conta depois. DESOBEDEÇA!

- Joana?

#### 4.3 entre desobediências e poder

Quero discutir com vocês, agora, sobre nosso modelo de transmissão de conhecimento escolarizado (longe do par experiência/sentido). Para George Ghevarughese Joseph, “Existe um viés eurocêntrico generalizado na produção, divulgação e avaliação do conhecimento científico. E isso é em parte resultado da maneira como muitos percebem o desenvolvimento da ciência ao longo dos tempos” JOSEPH, 1987, p.13)<sup>46</sup>. Nossa dita *ciência* não é tão nossa assim, ainda mais se pensarmos em uma produção de conhecimento Matemático. Quando digo *nossa* refiro-me a uma produção de saberes em um solo que foi sujeito a um processo de exploração de corpos em sua totalidade: corpos humanos e não-humanos. Dizer

---

<sup>46</sup> No original: “There exists a widespread Eurocentric bias in the production, dissemination and evaluation of scientific knowledge. And this is in part a result of the way many perceive the development of Science over the ages”.

Matemática (ou ciência) remete-me a algo que não é daqui, mas de um outro local tomado como referência. Nesse sentido,

Essas histórias enfatizaram o papel único da Europa como fornecedora do solo e do espírito para a descoberta científica. As contribuições dos colonizados foram ignoradas ou desvalorizadas como parte da justificativa para subjugação e domínio. E os desenvolvimentos da matemática antes dos gregos - notadamente no Egito e na Mesopotâmia - sofreram destino semelhante, sendo descartados como de pouca importância para o futuro do assunto<sup>47</sup> (JOSEPH, 1987, p. 15, tradução nossa).

Assisti a uma palestra da professora Carolina para o canal *Maturca*, do *Youtube*, em 18 de novembro de 2020. Nessa palestra, intitulada *Uma Etnomatemática para adiar o fim do mundo*, Carol coloca que a colonialidade é uma outra face da Modernidade e que cria sujeitos subalternos, legítimos lugares de fala nos quais certos grupos são excluídos ou subjugados. Mais ainda, o programa da Modernidade mostra, de fato, que existe um primeiro mundo que é moderno e um terceiro mundo que urge modernizar-se. Não existe, então, modernidade sem colonialidade. Partindo dessa lógica, tudo está explicado. E a Matemática nisso tudo? Segundo o pesquisador Emmanuel Lizcano, “as práticas matemáticas dos outros são, portanto, legitimadas – ou deslegitimadas – de acordo com sua maior ou menor semelhança com a matemática que ensinam em instituições acadêmicas”<sup>48</sup> (LIZCANO, 2020, *on-line*). Será que, no frígido dos ovos, tudo é uma questão de poder? Qual corpo tem a concessão de ser o “feitor” e a qual corpo é consentido o *dever/obrigação* de ser subalternizado?

É bonito porque é simétrico! Isso seria um pensamento antes da FaE e, especialmente, antes do campo. Problemas dessa frase: bonito para quem? Que beleza? Em qual campo de conhecimento a simetria *faz sentido*?

Há alguns textos, músicas, palestras e coisas da vida que paro e falo para mim mesmo: bem que eu queria ter escrito e pensado isso. Aconteceu demais com as

---

<sup>47</sup> No original: “These histories emphasized the unique role of Europe as providing the soil and spirit for scientific Discovery. The contributions of the colonized were ignored or devalued as part of the rationale for subjugation and dominance. And the developments in mathematics before the Greeks – notably in Egypt and Mesopotamia – suffered a similar fate, being dismissed as of little importance to the future of the subject”.

<sup>48</sup> No original: Las prácticas matemáticas de los otros quedan así legitimadas – o deslegitimadas – según su mayor o menor parecido con la matemática que hemos aprendido en las instituciones académicas.

referências que utilizo aqui na dissertação. Sobre o poder, uma matemática, a Matemática, práticas culturais, colonialidade e ciência, quero experimentar um diálogo entre Filipe, Carol, Krenak, Joseph, Lizcano, Foucault e, modestamente, eu. Vamos lá... Pensando no poder e na ciência,

Não seria necessário nos perguntarmos sobre a ambição de poder que vem com a pretensão de ser Ciência? A questão não seria: que tipo de conhecimento você deseja desqualificar no momento em que diz: 'este é uma ciência '? Quais temas falantes, quais temas de experiência e conhecimento você deseja subestimar quando você fala: 'Eu faço esse discurso, um discurso científico, eu sou um cientista'? Que vanguarda teórica você quer entronizar a política para desmarcá-la das formas de conhecimento circundantes e descontínuas?<sup>49</sup> (FOUCAULT apud LIZCANO, 2020, *on-line*, tradução nossa)

Tô com a voz do Filipe na minha cabeça: “Pensa nas suas conversas com as artesãs, volte nas falas delas. Como essas mulheres te tiram do seu lugar e mobilizam a sua pesquisa?” A Matemática como um discurso de poder. Eu nunca havia pensado nisso, tampouco, pensava que esse discurso era tão latente e que corpos são silenciados. Filipe, em uma palestra para o *Enamat 2020 – Encontro Acadêmico dos Cursos de Licenciatura em Matemática 2020*, no dia 09 de novembro de 2020, transmitida pelo *Youtube*, intitulada *A Matemática e o Clube da Humanidade: branquitude e frustração*, utiliza a expressão “corpo de conhecimento”. Custei entender, mas corpo, ali, não é situado como aquela biblioteca de saberes, aquele dispositivo segundo o qual teorias são construídas, mas sim como corpo, também físico, que produz, que se move, *co-move*, que mobiliza ações.

Atrevo-me a dizer que é esse corpo tem traços semelhantes àquele que a professora Carolina Tamayo fez menção na reunião do inSURgir, quando afirma que: “*A produção da razão através do corpo, entendendo a questão da razão para além do que temos denominado pensamento moderno*”. Atrevo-me, ainda mais, a afirmar que é corpo de que Tereza, artesã que estudou até a antiga quarta série, se dispõe ao dizer que “*Pelo tamanho da peça você vai saber mais ou menos a quantidade de barro... eu sou péssima para peso, mas deve dar 300g de barro*”. E Zezinha, também

---

<sup>49</sup> No original: ¿No sería preciso preguntarse sobre la ambición de poder que conlleva la pretensión de ser ciencia? ¿No sería la pregunta: qué tipo de saberes queréis descalificar en el momento en que decís: esto es una ciencia? ¿Qué sujetos hablantes, charlantes, qué sujetos de experiencia y de saber queréis infravalorar cuando decís: 'Hago este discurso, un discurso científico'? ¿Qué vanguardia teórico-política queréis entronizar para desmarca-la de las formas circundantes y discontinuas del saber?

artesã, ao afirmar que *“A gente não tem medida. Eu vou fazer 10 flores e vou precisar só de barro”*. E Deuzani, além de artesã, a poeta do Vale: *“A escola sempre nos ajuda, o que a gente aprende lá leva para o dia-a-dia. Mas, assim... em relação a medidas, essas coisas, não. Porque sem matemática a gente não consegue”*. O que é mais importante aqui?

Por suas falas, essas mulheres querem fazer parte do Clube da Humanidade? Quem pode incluí-las ou não? Tereza afirma, sobre as aulas de Matemática do seu tempo: *“Nas contas eu sou ‘mês’ boa! Eu gostava de Matemática.”* Choque, choque, choque! Em mim ou Tereza? É boa em Matemática, mas é *“péssima pra peso”*. Tereza: *“Com aquela quantidade de barro dava pra fazer 4 botijas, 10 peças pequenas ou 5 peças grandes.”* Zezinha: *“Você vai fazer uma boneca sentada, aí você tem um papel mais comprido, um pedaço de caixeta pra ela rodar na mesa”* (sobre a modelagem de uma boneca sentada com as pernas apoiadas no chão). Um certo Rafael diria que aqui temos uma aula pronta de razão e proporção, entretanto, um outro Rafael afirma que temos uma representação nítida de um conhecimento que coexiste espacial e temporalmente em relação a um outro escolarizado. Todos Rafaéis.

Em primeiro lugar, existem certas implicações para a natureza da relação entre conhecimento e poder (...). Em segundo lugar, há a questão de quem ‘faz’ a ciência e a tecnologia. Num sentido material e não elitista, pessoas de todos os continentes têm contribuído para o crescimento do conhecimento em geral e da Ciência em particular. Terceiro, se alguém está aprisionado no etnocentrismo de um determinado local/tempo, então a realidade não europeia pode apenas interferir marginalmente como uma experiência residual imutável a ser contrastada com o dinamismo e criatividade da Europa, ou como uma justificativa para a criação de disciplinas congeladas em temas como estudos de desenvolvimento, antropologia, orientalismo, sinologia e indologia. Esses assuntos servem de base a partir da qual as teorias do desenvolvimento social e da história podem ser desenvolvidas<sup>50</sup> (JOSEPH, 1987, p. 14, tradução nossa).

---

<sup>50</sup> No original: “First, there are certain implications for the nature of the relationship between knowledge and power (...). Second, there is the issue of who ‘makes’ Science and technology. In a material and non-elitist sense, people from all continents have contributed to the growth of knowledge in general and of Science in particular. Third, if one is imprisoned within the ethnocentricity of a particular place/time location, then non-European reality may only impinge marginally either as an unchanging residual experience to be contrasted with the dynamism and creativity of Europe, or as a rationale for the creation of disciplines congealed in subjects such as development studies, anthropology, Orientalism, Sinology and Indology. These subjects then serve as the basis from which theories of social development and history can be developed”.

“*Tem que ter muita ciência na hora da queima*”, diz Tereza sobre a surpresa e o cuidado que deve haver na hora de queimar o barro. Já Zezinha, “*A gente controla é no olho porque a gente não tem nada de medir. Se o fogo for muito ela (a boneca) perde a cor e, se for pouco, ela não chega na beleza que tem que ser.*” Como se não fosse suficiente para meu orgulho em frangalhos, Deuzani nos conta que, sobre o processo da queima, “*Quase 100% dá pra controlar. Tem que ir guardando na mente, a experiência mesmo. Vai fazendo, errando, acertando. É com o tempo mesmo. É na cabeça mesmo, sem registro.*” Será que elas fizeram as disciplinas de Termodinâmica, Máquinas Térmicas III e Ciência dos Materiais? Eu fiz na graduação em Engenharia Mecânica e, confesso sem vergonha, que não daria conta de fazer o que elas fazem. Ciência? Qual? Há mais de uma? Ciência sem experimento? Ciência *com* experiência? Eu faço ciência? Sim... Tereza, Deuzani e Zezinha fazem ciência? Sim, também. Nosso olhar enviesado que enxerga a Ciência enquanto produto do seletivo Clube – Academia – não nos permite(ia) o diálogo necessário entre a decolonização da Educação Matemática e a produção de saberes. Corpos fora da Academia produzem mais que artefatos. Filipe mais uma vez, na palestra pelo *YouTube*: “Não basta ver o corpo certo, mas olhar o outro corpo da forma certa. Você saber Matemática te faz mais humano do que o outro?” Puxado, bem puxado.

A Ciência, então, desumaniza e extrai o que deseja desses corpos? Triste, mas é a conclusão a que chego, mas sem pontos finais. Através da escola e da universidade relações de poder camuflam-se por trás do desejo do projeto da modernidade, como anunciado pela Carolina Tamayo em palestra para o *IX MatUrca – Matemática na Urca*, da Escola de Matemática da UNIRIO, em 18 de novembro de 2020.

Quando questionada se há algum roteiro a seguir para a confecção de suas peças, D. Pêdra afirma que “*Precisa de nada disso. Faz o que der. Não faz conta não. A gente busca na mente coisas diferentes, a mente tem que estar descansada.*” Rigor?

[...] há uma aceitação generalizada da visão de que a descoberta matemática só pode resultar de uma aplicação rigorosa de uma forma de lógica axiomática dedutiva, que é percebida como um produto único da matemática grega. Como consequência, os métodos "intuitivos" ou

empíricos são descartados como de pouca relevância na matemática<sup>51</sup> (JOSEPH, 1987, p. 22-23, tradução nossa).

Ixi! D. Pêdra, em algum momento do seu trabalho, precisou fazer aquilo que a academia chama de Matemática? Não! Também pudera, D. Pêdra não faz parte do Clube: ela é apenas um organismo vivo capaz de se comunicar em uma língua compreendida em um país inteiro, capaz de representar sua ancestralidade por meio de artefatos, dotado de criatividade, inventividade e gestão para negócios, afinal construiu sua casa, criou sua família e ajuda a movimentar a economia de sua região por meio do artesanato... Uma prática não-humana, pois não orientada pelo tempo e espaço que do Clubinho. D. Pêdra, D. Pêdra... a senhora deixa rastros por uma história que alegam meu coração. O que antigos olhares em pesquisas em Etnomatemática faziam com toda essa beleza que a senhora produz? O que aquela Matemática lógico-dedutiva fazia – ou ainda faz – com o seu *corpo de conhecimento*?

[...] apagam os rastros, esse esforço de fazer desaparecer os rastros, ambas as manifestações como aquelas que poderiam expor os preconceitos da tribo ocultos sob uma certa forma de fazer matemáticas... é uma constante nas histórias usuais das matemáticas<sup>52</sup> (LIZCANO, 2020, *on-line*, tradução nossa).

Percebo, com uma grande infelicidade, que a Ciência bacana e transformadora que eu imaginava é uma face (nem tão) oculta do poder. O conhecimento e o poder estão amarrados. E, nesse esforço acentuado pela constante revalidação das vozes da tribo europeia, perdemos magníficas explosões de conhecimento que eclodem a todo instante em todos os lugares. Quantas vezes eu mesmo fui um desses algozes, como na cena do assassinato do marido de D. Faustina? Quantas vezes eu deslegitimei algum saber e, por isso, alguma existência, porque eu não conseguia vislumbrar semelhança com o corpo de conhecimento da Academia e, muito mais, validei alguma forma de pensar apenas por ser parecida com a minha? Eu era

---

<sup>51</sup> No original: “[...] there is a widespread acceptance of the view that mathematical Discovery can only follow from a rigorous application of a form of deductive axiomatic logic, which is perceived as a unique product of Greek mathematics. As a consequence, ‘intuitive’ or empirical methods are dismissed as of little relevance in mathematics.”

<sup>52</sup> No original: “[...] borrar la huellas, ese empeño por hacer desaparecer los rastros, tanto de las demostraciones como los que pudieran delatar los prejuicios de la tribo ocultos bajo cierta manera de hacer matemáticas... es una constante en las habituales historias de las matemáticas.”



daqueles que pensava que a Matemática estava em tudo, que sem ela a vida na Terra não era possível... até eu conhecer essas mulheres.

Não pretendo apagar de mim ou de minhas práticas tudo o que foi categorizado, disciplinarizado e catalogado como Matemática, aquela da tribo europeia. Não gastarei suor para isso e nem acho que ninguém deva se empenhar nisso. Meu intuito é prestar maior atenção em outras vozes que não são a minha nem aquelas que eu repito. Fissurar barreiras. Outra constatação: olhando de perto, reafirmo que sou um membro desse Clube da Humanidade, ainda que na pretensão de fraturá-lo. Nesse sentido,

Esse elitismo é traduzido em nível de sala de aula para uma visão, muitas vezes implícita e não falada, de que a matemática real, em oposição a 'fazer somas', é uma atividade adequada para um grupo seletivo - que, quando estendido, fornece o argumento mais amplo de que a matemática é um produto único da cultura europeia. Assim, o elitismo na sala de aula está, em última análise, ligado à forma de racismo intelectual, que descrevi como eurocentrismo<sup>53</sup> (JOSEPH, 1987, p. 25-26, tradução nossa).

Será que as artesãs, ao dizerem que em suas práticas com o barro não havia matemática, queriam me colocar contra a parede? Seriam elas, desobedientes em *alguma medida*?

- Será, Rafa?

- Então, Joana. Tava pensando nisso aqui... já trouxe à tona essa discussão e um pedaço de mim acredita que aquelas mulheres queriam me desafiar. Não, mentira, não a mim. Mas a quem ou ao que eu dou cara.

- Bebeu?

- Gostaria, inclusive recusei um churrasco e mais três convites pra almoçar hoje.<sup>54</sup> Lembra quando você encontrou com aquela conhecida sua na padaria? Você não acha que ela quis confrontar

---

<sup>53</sup> No original: "This elitism is translated at a classroom level into a view, often implicit and not spoken, that real mathematics as opposed to 'doing sums' is an activity suited for a select few – which when extended provides the broader argument that mathematics is a unique product of European culture. Thus, elitism in the classroom is ultimately linked to the form of intellectual racism, which I have described as Eurocentrism."

<sup>54</sup> É a pura verdade... Parece mentira, mas não é. Domingo, 22 de novembro de 2020, quarentena.

as duas práticas? A da comunidade e a minha? Da nativa com a do forasteiro? Será que, após uma vida cheia de concessões, ela não se colocaria em posição de insurgência ao dizer que quem sabe do trabalho que é feito ali é o próprio povo dali mesmo?

- Continue... quero ver aonde você vai chegar. Não se esqueça, entretanto, que essas são as suas concepções de forasteiro, observador, homem, urbano e branco. O que você acha que as pessoas de lá pensaram de você? Veja bem se não é o mesmo jogo...

- Desenvolva...

- Olha só... Essa coisa de autoria está me incomodando. No começo, você achava que este processo era seu e ponto. Agora, nem tanto. Sabe aquela feira de artesanato da UFMG? Aquela na praça de serviços...

- Continue...

- Então. Fui lá uma vez. Havia várias comunidades artesãs expondo. Dava pra perceber a diferença de uma comunidade para outra, mas, na mesma, não dava pra saber o que era de quem.

- E...

- E é isso. As palavras não são só suas, mas **com** os outros.

- Custei a perceber, mas é assim que vislumbro, olhando de agora.

- Custou, mesmo... custou muito. Você ainda se amarra às formatações da Academia, às prescrições. Lembra daquela fala de D. Faustina? Aquela última, a que você engoliu em seco pela milésima vez.

- Qual?

- Essa aqui: *“Nosso lugar é muito abençoado para morar, porque do chão saiu nossa forma de, com as mãos, ser humano. E a terra que Deus deu, com a qualidade que ela é, as pessoas fazerem o jeito de vida que é aqui mesmo. Não precisa ir pra longe”*. Lembrou?

- Claro!

- Ouvindo agora, depois desse tanto de coisa que escreveu aí pra cima, consegue abstrair nada não?

- Putz, Joana... eu achava que D. Faustina era só encantadora, mas ela é f\*\*\* mesmo. Olha só... na sutileza de suas palavras ela consegue sintetizar o cerne deste trabalho: existe um clube do qual todos devem fazer parte, mas não é esse da humanidade, da modernidade, da exploração dos corpos e saberes. Todo mundo deve fazer parte desse clube...

- Clube da D. Faustina? Já quero!

- Isso! Olha só, que potente! Há uma disponibilidade de recursos para um povo ou território e, em sua forma de (r)existir, por mais que forças externas dizimem sua humanidade – epistemológica e física (ainda há Filhos de Fazendeiros por todo o lado) –, a sua sabedoria os faz fiéis à terra, coabitando-a. Não é necessário que os moradores dali busquem uma outra forma de (r)existir, a natureza provê os recursos. Nas mãos da D.Faustina, uma alegoria de todo um corpo que produz. A fala da Carol no inSURgir, do dia 20 de maio de 2020, está borbulhando aqui! A corporeidade desse grupo de pessoas resiste para não ser invisibilizada.

- Acho que finalmente você consegue usar as ferramentas da decolonialidade e da Etnomatemática em seu processo. Não se esqueça, entretanto, que a questão passa pela Matemática, também. Em que esse grupo de conhecimentos elitizados e elitizantes se volta contra você? Você consegue perceber que você está em uma montanha russa de emoções? Ora você está lá, ora você está cá...

- Mas é isso, Joana. Tô todo bagunçado. Mas, não acho que a Matemática se voltou contra mim. Há revelações emergindo. Talvez não sejam pontes que eu almeje.

- Rafa, você precisou ir para longe para conhecer mais sobre si mesmo. Olha a D.Faustina aí de novo. Você precisou conhecer outros solos e outros biomas para inacabar-se, ainda mais.

## 5 preciso, realmente, dar uma cara de fim?

Estou mudado, preciso admitir. Não sei se pelo excesso de café, pelo distanciamento social, pelos 380 e-mails em minha caixa ou, essencialmente, por este processo de escrita. Já me disseram que a escrita liberta, mas nunca pensei que isso pudesse me ocorrer. Acontece!

Fico pensando neste vai e vem que fiz em mim mesmo. Não cheguei em lugar algum, nem sei se dá pra chegar, nem sei aonde chegar. Quanto mais escrevo, mais percebo que me afasto de qualquer coisa que se pareça com um fim, com aquelas bandeiradas trêmulas em uma corrida de carros. Quanto mais caminho, mais poros se abrem em mim, mais interstícios, mais espaços a ocupar ou transitar. Tento não perder o fio desta dissertação: não ter fio, mas teias, emaranhados, redes, alçapões e por aí vai.

Ao chegar até aqui, após esse questionar(-me), fico com receio de ter sido prepotente ou repetitivo. Não é um trabalho de autoanálise, mas um percurso, um *percurso*, de visitas, implosões e reconstruções. O radical *per* conserva essa torção, como em *per-plexo* ou *per-verter*. Não se trata, então, de readaptar o antigo, dar-lhe uma nova pintura, ornar com belos arranjos, uma flor aqui, outra ali. Se deixei essa impressão, preciso me reavaliar. Não é isso.

Ao longo de tudo (alma, vida, barro, texto, Academia, escola, cerrado, mulher, práticas... matemática... Matemática?), percebo, fortemente, que ainda não sou capaz de uma fórmula mágica ou uma chave mestra que consiga “destrancar” a educação do nosso solo. E, se tivesse, o que foi feito até aqui talvez não teria sentido. O desejo de uma fórmula me move, mas da experiência do inacabamento e do processo nascem ricas problematizações. Quando coloco *nosso solo*, sem amarras, quero colocar o plural mesmo: vivenciamos, cotidianamente, uma educação que ainda não é pautada no sentir/ser/experienciar, que se mantem, sumariamente, no produzir, ao invés do sentir. No muito, degustamos. Nesse ponto, acho que fui conciso: não objetivo controle, nem a manutenção de algum padrão imposto de um modo de viver a educação. Às vezes me sinto utópico e prolixo, admito.

Existe algo de errado...

Não consigo apontar os erros dos outros, mas consigo perceber que, ao longo da minha experiência na docência, errei ao deixar o “toque” de uma matemática de lado, errei quando não senti a minha forma de educar. Enquadrei-me. Padronizei-me.

Fui uma nota em uma avaliação de desempenho. Quis me manter no Clube. Resisto, ainda que o fraturando, em sair dele.

Certa vez, ouvi de um conhecido que quando abraçamos alguém é bom fechar os olhos para que um dos sentidos se anule (a visão, no caso) e outro se potencialize (o tato... tão pouco utilizado por mim). É essa a minha proposta: abracemos nossas práticas de olhos fechados, abracemos as práticas dos outros de olhos fechados. Abracemos a memória, as vivências, as incertezas, as peculiaridades... abracemos o incontrolável, o intangível e o que não se pode reproduzir. Em cada abraço, avaliemos o tato do nosso jeito, mas tocados pela aspereza ou suavidade do outro.

Em época anterior à pandemia (a de saúde, não a da insensibilidade, que se arrasta desde sempre), pude abraçar Tereza, Dona Pêdra, Zezinha, Deuzani, Terezinha e Dona Faustina... física e mentalmente. Abracei suas vivências e, dali, tentei reconstruir a minha, em especial no ato de (re)educar.

Repetidamente me desconstruo, desintegro, rearranjo para, finalmente, tentar me reconstruir: além de admitir que a Matemática não está em tudo e nem precisa estar e que, certamente, existem diversas formas de se operar e produzir um conhecimento além da Academia, será que consigo pensar, a partir de agora, em uma linguagem que nasce do Vale ou de vales, que brota das mãos e do barro, e que transite potencialmente em salas de aula e pesquisas? Uma linguagem que preceda a Matemática, sem ser uma nota de rodapé em um livro didático?

Existe algo de cerrado...



## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Carolina. **Movimentos do Jequitinhonha**: corpo e narrativa. Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2015.

BORGES, Jorge Luis. **O idioma analítico de John Wilkins**. Disponível em: <<https://2serieintegralpaulinia.files.wordpress.com/2018/02/jorge-luis-borges-o-idioma-anal-c3adtico-de-john-wilkins.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

CALVA, Silvia Marcela Bénard. (Org.). **Autoetnografía**: uma metodologia cualitativa. Aguascalientes: [s.n.], 2019. San Luis Potosí: [s.n.], 2019.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Decolonizar la universidad**: la hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GOMÉZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (orgs). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá:lesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007.

CLARETO, Sônia Maria. **Terceiras margens**: um estudo etnomatemáticos de espacialidades em Laranjal do Jari (Amapá). 2003. 257f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

CORTAZAR, Julio. **Carta a uma senhorita em Paris**. Disponível em: <<https://nefasto.com.br/carta-a-uma-senhorita-em-paris-julio-cortazar/>>. Acesso em 15 jun. 2020.

DALGLISH, Lalada. **Noivas da seca**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

DOMINGO, José Contreras. (Coord.). **Enseñar tejiendo relaciones**: una aproximación narrativa a los docentes y a sus clases de educación infantil y primaria. Madrid: Ediciones Morata, 2017.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Outras inquisições: apontamentos sobre história oral e história da educação matemática. **Zetetiké**, Campinas, v.18, n. 34, p.259-304, jul.-dez. 2010.

HENRIQUES, Márcio Simeone. **Sobre o Vale do Jequitinhonha**. Belo Horizonte, 2018. In: Polo Jequitinhonha UFMG. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/o-vale/sobre-o-vale-do-jequitinhonha/>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

JOSEPH, George Ghevarughese. Foundations of Eurocentrism in mathematics. **Race and Class**, Pennsylvania, v. 28, n. 3, p.13-28, Jan. 1987.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Schwarcz S.A., 2019.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, xx, n.19, p.20-28, jan./abr. 2002.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

LIZCANO, Emmánuel. **Las matemáticas de la tribu europea**: un estudio de caso. Disponível em: < [http://www.unavarra.es/puresoc/pdfs/c\\_salaconfe/0-Lizcano-03-1.pdf](http://www.unavarra.es/puresoc/pdfs/c_salaconfe/0-Lizcano-03-1.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MARTINS, Saul. Contribuição ao estudo científico do artesanato. Belo Horizonte. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. 1973. Disponível em: < <https://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/artesanato.html>>. Acesso em: 20 out. 2020.

PARRA, Aldo. Intellectual property in ethnomathematics. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, San Juan de Pasto, v. 8, n. 2, p. 398-414, jun./set., 2015.

MATOS, Diego. **Encontro – 15/04/2020**. YouTube, 15 de abril de 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=0yQi-eSCSaM&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=0yQi-eSCSaM&feature=emb_logo). Acesso em: 15 abr. 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Elisabeth Falomir Archambault. Espanha: Editorial Melusina, 2011.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade**: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 set. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Deuzani. **A poeta do Vale**. São Paulo: [s.n.], 2018.

SOUZA, Elizabeth Gomes; MIGUEL, Antonio. A encenação de práticas culturais na tessitura de outras escolas: a vida como eixo da ação educativa. **REMATEC: Revista de Matemática, Ensino e Cultura**, Belém, ano 15, n.33, p.166-184, abr.2020.

TAMAYO, Carolina; PARRA, Aldo. Probelmatizando las relaciones de saber/poder de la Etnografía em la Etnomatemática. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ETNOMATEMÁTICA, 6., 2018, Medellín. **Anais...** Em edição.

TAMAYO, Carolina. **Encontro - 20/05/2020**. YouTube, 20 de maio de 2020. Disponível em :< [https://www.youtube.com/watch?v=htgvJIBxANY&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=htgvJIBxANY&feature=emb_title)>. Acesso em: 25 maio 2020.

TAMAYO, Carolina. **Humanos e não humanos: humanidade como algo separado da natureza?** YouTube. 18 de novembro de 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ExRXUrJ9tI0&t=2440s>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

TOKARCZUK, Olga. **Sobre os ossos dos mortos**. Tradução de Olga Baginska-Shinzato. [S.l.;s.n.], 2019.

TURMALINA. **Dossiê cerâmica popular artesanal de Turmalina**. Turmalina, 2018.

UZUNIAN, Armênio; BIRNER, Ernesto. **Biologia**. 4 ed. São Paulo: Harbra, 2013.

VEREDA. In: MICHAELIS online. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vereda/>>. Acesso em: 20 jul. 2020.



## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Apresentação pessoal;
2. Nível de escolaridade;
3. Constituição da renda familiar;
4. Contribuição financeira do artesanato para a região;
5. Guinada social e econômica com a expansão do artesanato;
6. Participação masculina antes e depois da presença significativa do artesanato;
7. Descrever/apresentar instrumentos utilizados na confecção das peças;
8. Como são feitas as medições (quantidade de material, proporções, tempo de queima) a confecção de certas peças;
9. Comentar sobre a participação de artesãs mais antigas no processo de transmissão e constituição de novos saberes;
10. Comentar sobre a transmissão e constituição de novos saberes frente às artesãs mais jovens (aprendizes), caso haja;
11. Comentar sobre a relação entre a vida de uma mulher nestas comunidades com o trabalho das mestras artesãs;
12. Verificar, em relação ao tópico anterior, se as artesãs conseguem vislumbrar um cotidiano fora da lida com o barro;
13. Comentar sobre a presença de instituições públicas ou privadas atuando em parceria com as artesãs;
14. Problematizar a presença de instituições públicas ou privadas atuando em parceria com as artesãs;
15. Comentar sobre a divulgação nacional e internacional dos trabalhos;
16. Problematizar as dificuldades enfrentadas na lida com o barro;
17. Incitar nas artesãs o que elas entendem por “matemática”;
18. Incitar nas artesãs o questionamento da presença ou não de algum saber que elas denominam por “matemático” em suas práticas;
19. Comentar sobre o valor econômico agregado em cada peça;
20. Comentar sobre a importância de algum registro escrito das suas práticas como forma de fortalecimento e preservação da cultura.

## APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE TRECHOS DAS ENTREVISTAS

### **Maria Tereza Gomes Lima Cordeiro**

T1 – “Pelo tamanho da peça você sabe mais ou menos a quantidade de barro”

T2 – “Eu sou péssima pra peso, mas deve dar 300g.” (Sobre uma massa que modelava para fazer uma botija)

T3 – “A gente trabalha somente com a mão e a mente”

T4 – “O aprendizado era na prática. Minha tia era muito exigente e não deixava a gente ter sossego.” (Sobre o aprendizado com a tia.)

T5 – “A gente deita na cama e pensa como a peça será feita. Amanhã eu quero fazer tal peça, e faz.” (Sobre o processo de preparação/design das peças)

T6 – “Não me arrependo de não ter estudado... Era muito difícil na época. Eu gostava de Matemática. Nas contas eu sou “mês” boa!”

T7 – “Nunca parei pra pensar na relação da matemática com a prática. Teve um curso que eles ensinavam a usar matemática, mas sozinha eu nunca fiz a relação.”

T8 – “A gente soca uma pedra e vai trocando a água até chegar na consistência e no tom desejado” (Sobre a preparação do óleo – tinta).

T9 – “Demora mais ou menos um dia para a peça secar”. (Após a modelagem, antes de passar o óleo)

T10 – “Será que se eu não morasse aqui eu faria artesanato?” (Sobre outras possibilidades...)

T11 – “Não meço nada, é tudo no olho mesmo.” (Sobre as proporções de uma peça)

T12 – “A gente percebe as características nos final. No final é que percebe que saiu igual a gente.” (Sobre as influências para criação de bonecas)

T13 – “Como artesã a gente trabalha com a mente”

T14 – “O espaço que deu é o tanto de pétala que faz. Não penso antes, só faço.” (Sobre o desenho de uma flor)

T15 – “Com essa quantidade de barro dá pra fazer umas 10 peças pequenas ou umas cinco grandes... ou umas quatro botijas” (Sobre a quantidade de barro socada inicialmente)

T16 – “Tem que ter muita ciência na hora da queima”

### **Pêdra Gomes Barbosa**

P1 – “Antes era difícil o dinheiro, mas a segurança era maior. O dinheiro hoje está sendo uma violência” (Sobre o papel da mulher antes e hoje)

P2 – “Precisa de nada disso. A gente faz o que der. Não faz conta não.” (Sobre quantidade de material para cada peça)

P3 – “A gente busca na mente coisas diferentes. A mente tem que estar descansada” (Sobre inspiração e registro das peças confeccionadas.)

P4 – “Tudo é manual mesmo. Tem gente que usa forma e sai tudo certinho... mas aí é problema, já não é manual.” (Sobre a criação das peças e moldes)

P5 – “Os mais novos acham tudo nas mãos e não tem interesse no barro, vão para outros estudos. O governo de hoje tá tirando é pra esses estudos pra aprender essas coisas que não é o que a gente aprendeu. (...) Sempre tem que ir avante. Não pode deixar perder o que aprendeu tempo atrás” (Sobre a tradição e continuidade da cultura no barro)

P6 – “‘Mió’ que minha casa só o céu” (Sobre outras possibilidades de moradia e trabalho)

P7 – “Os ‘homem’ ‘caçô’ outras atitudes, mas as menina-mulher sempre mexeram com barro” (Sobre a participação masculina e feminina no artesanato)

### **Maria José Gomes da Silva**

Z1 – “Eu achava que era normal pra todo mundo faltar tudo, passar necessidade. Você não imagina qual momento foi bom. Era a vida que a gente tinha.” (Sobre o início do barro como complementação de renda)

Z2 – “Antes os homens eram migrantes. A mulher ficava em casa e sobrava tempo para o artesanato.” (Sobre a migração dos homens para SP para a construção civil ou corte de cana.)

Z3 – “Ele assumiu a dona de casa e eu fui ser o homem” (Sobre a guinada do barro e o fim da migração para SP.)

Z4 – “Quem faz, não sabe vender” (Sobre o preço das peças. O marido administra a parte financeira)

Z5 – “Era mais escravizada. Hoje tem possibilidade de ser igual ao homem. Tem uma cabeça boa para gerenciar”

Z6 – “O processo é o mesmo de antigamente, mas você passa a ser professor de você mesmo”

Z7 – “O bom do artesanato é que é uma coisa sem peso e sem medida”.

Z8 – “Você vai fazer 10 flores, você traz uma ‘pelotrinha’ pequena (de barro). A gente não tem medida. Eu vou fazer 10 flores e vou precisar ‘x’ de barro. Você não tem dimensão do quanto você gasta de barro para fazer 10 flores. Você não mede, não pesa.” (Sobre alguma relação de medidas...)

Z9 – “A gente vai tentando até dar certo. Você vai fazendo até dar certo. A experiência de querer uma coisa mais ou menos perfeita é o que conta”

Z10 – “No meu tempo de criança eu queria ser professora” (Sobre outras possibilidades...)

Z11 – “Você não percebe que melhorou. Isso você conquista com o tempo. Você trabalha a vida toda e ainda morre sem chegar na perfeição” (Sobre aperfeiçoamento da sua técnica)

Z12 - “A matemática nossa era simples. Somar, subtrair, e multiplicar. Antes era resolver problemas. Hoje eu não tenho nem noção.” (Sobre a época em que frequentava a escola)

Z13 – “Eu não sei. Nunca parei pra pensar nisso. O que impulsiona é a necessidade. Faz você aprender coisas que nem tinha ideia” (Sobre relação entre a matemática que conhece e a sua prática)

Z14 – “A gente controla mesmo é no olho porque a gente não tem nada de medir. Se o fogo for muito, ela perde a cor, e se for pouco ela não chega na beleza que tem que ser.” (Sobre a queima das peças)

Z15 – “Para você ir para o artesanato (hoje) você tem que estar muito apaixonado pela arte. É bonito, mas você não tem garantias. A juventude quer ter um resultado imediato. É uma profissão a se perder na história em alguns anos, porque os mais novos vão ter outra opção.” (Sobre a continuidade do artesanato na região.)

Z16 – “Você vai fazer ruma boneca sentada, aí você tem uma papel (base da peça) mais comprido.” (Sobre o começo de uma boneca sentada. Base de papel para a proporção da peça)

Z17 – “De maneira que você vai dosando aí você tem o azul.” (Sobre a mistura de tabatinga com carvão para se chegar no pigmento azul)

Z18 – “Parece que você vê a sombra da artesã na peça.” (Sobre a identidade de cada artesã no seu trabalho)

Z19 – “Vai seguindo a quantidade de pingos, mas não é nada contado” (Sobre a ornamentação de uma peça)

Z20 – “O homem é ruim de vender. Uma notícia ruim pra você!” (Sobre a produção de figuras masculinas e femininas)

### **Deuzani Gomes dos Santos**

D1 – “Não sou artesã porque eu escolhi ser, mas porque eu precisava ajudar minha mãe a trabalhar. Se eu pudesse, teria estudado psicologia e queria escrever” (Sobre o início no barro)

D2 – “Pelo tamanho da peça, você já imagina mais ou menos a quantidade (de material).”

D3 – “Uma coisa boa é queimar. A gente vê mudar de cor, tem algumas decepções. Quase 100% dá pra controlar. Tem que ir guardando na mente. A experiência mesmo. Vai fazendo, errando, acertando. É com o tempo mesmo. É na cabeça mesmo. Não tem registro.”

D4 – “Sem medida, só na coordenação motora mesmo. Toda pessoa desenvolve seu jeito. Eu ensinei minha filha, mas hoje ela pinta 200% melhor do que eu. Minha mãe usava dois oleios só. Quando eu comecei, desenvolvi mais. A experiência dos oleios, misturar uma coisa com a outra.” (Sobre como aprendeu as técnicas e como ensinou)

D5 – “A escola sempre nos ajuda. O que a gente aprende lá leva para o dia a dia. Mas assim, em relação a medidas, essas coisas não. Porque sem matemática a gente não consegue”

D6 – “Se eu pensasse na minha história de vida a peça não teria preço”

D7 – “Mais novos não tem interesse. Do artesanato, não se espera. Demora fazer, demora ter nome, quando tem, já está cansado. Trabalha cedo e quer receber de tarde. Principalmente os homens que ainda são um pouco machistas de achar que o artesanato é só das mulheres. Eles têm dificuldade de esperar.” (Sobre a continuidade do artesanato na região).

D8 – “Já não é mais artesanato, vai modificando. Acho que já está industrializando” (Sobre produção por demanda comercial)

D9 – “Mulher é mais caprichosa. Tem diferença nos preços. Os homens que trabalham no artesanato sempre vendem mais caro. Não sei te explicar o porque, mas que é, é.”

D10 – “Na pintura, é a mão livre e cabeça. Nada registrado.”

D11 – “Você consegue imaginar: ‘Aqui vai caber 10 pétalas’. Não, vai fazendo.”

D12 – “Tem que saber o ponto certo de emendar. Se for mole, entorta. Se for duro, racha. Tudo na mente, não dá pra te explicar. Se eu fosse te explicar... vai estar nesse grau... Eu sei tocando na peça, não sei te explicar.” (Sobre “levantar” uma peça)

D13 – “Eu não divulgo só o meu trabalho, mas de todas as mulheres do Vale, da cidade, da comunidade. Não é o meu nome que vai, mas o de todo mundo.”

### **Terezinha Lopes dos Santos**

TE1 – “Os homens não tem habilidade” (Sobre a criação no barro)

TE2 – “A mulher hoje trabalha fora de casa, viaja. Antigamente, vivia com aquilo que o marido dava”

TE3 – “Imagina a quantidade de barro pra fazer aquela peça... isso aqui dá pra fazer aquela peça. Faz só um raciocínio ali. Isso de medir ou pesar a gente não tem não.”

TE4 – “Pelo tamanho da peça a gente controla a altura. Tem que ficar proporcional. Só na imaginação mesmo. Sempre pensando como a peça vai ficar. Só de cabeça, sem anotar. A gente vai pegando o barro e fazendo. A gente tem a experiência do barro”

TE5 – “Tudo é na intuição. Nada disso tem medida, nada disso foi programado, não. Na hora da pintura, você vai pintando e vai acontecendo. Você vai pegar a peça e olhar mais ou menos que tamanho vai dar (do desenho). Às vezes faz uma marcação pra ver se vai dar certinho. Como já tem prática, já dá certo. Na pintura, não tem molde”

TE6 – “A gente tem que dar um controle de tamanho, aí usa fôrma no começo. A gente faz as fôrmas.”

TE7 – “Do jeito que eu aprendi, eu ensino. Mas hoje eu tenho mais conhecimento.”

### **Faustina Lopes da Silva**

F1 – “Como que esse povo daqui vive? A terra não é de muita cultura. O próprio lugar oferece o jeito de viver. Foi assim que o povo descobriu o artesanato”

F2 – “Comia só da roça, o povo passava necessidade. A mulher criava a família sozinha. De uns 40 anos pra cá as mulheres estão mais na frente. Os homens não ocupam muito com isso não” (Sobre o artesanato e as mulheres)

F3 – “Através do artesanato, surgiu trabalho para todos”

F4 – “Foi uma derrota na vida das mulheres. Mulher passa mais apertado, Batalhadoras, mas no meio da batalha, não sei... derrotadas não, porque a gente só é derrotado se parar de lutar” (Sobre crise hídrica e tomada do eucalipto)

F5 – “Aqui ninguém deixou de ser agricultor. Confiando em Deus que Ele não vai deixar a gente perder nosso espaço” (Sobre a coexistência da agricultura e do artesanato)

F6 – “Muita gente pode pensar que quem mora na roça é bobo. A gente pode não ter estudado, mas a gente entende tudo do jeito da natureza” (Sobre a sabedoria popular... plantio, colheita, busca de alimento)

F7 – “Somos comunidades tradicionais. De avós e bisavós que vieram para cá e começaram o artesanato. Não pode dizer que a história acaba porque um povo teve que sair do lugar.” (Sobre possível abandono do lugar por causa da escassez de água)

F8 – “Gente pobre sonha e, se lutar, consegue”

F9 – “O tanto de menino que Deus dava” (D. Faustina tem 8 filhos).

F10 – “Manusear é coisa de Deus mesmo. Você esquece de tudo e viaja na arte.”

F11 – “Nosso lugar é muito abençoado para morar, porque do chão saiu essa forma de, com as mãos do ser humano e com a terra de Deus deu, com a qualidade que ela é, as pessoas fazerem o jeito de vida aqui mesmo. Não precisa ir pra longe”

## APÊNDICE C – APRESENTAÇÃO INICIAL DA PESQUISA

A pesquisa que realizaremos tem por finalidade o levantamento de dados empíricos para a dissertação de mestrado que será desenvolvida por *Rafael Antunes Machado* junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação (Fae) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a orientação do Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes.

O objetivo desta pesquisa é analisar como se dá a constituição de uma matemática no encontro entre narrativas de vida e de trabalho de mulheres ceramistas com idade de até 70 anos, das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, e o solo cultural de um professor de matemática.

Ressaltamos às colaboradoras desta pesquisa que, com os depoimentos, pretendemos: contextualizar histórica, social e economicamente as comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre; contextualizar as práticas culturais específicas, no que se refere à arte de moldar o barro; produzir e interpretar narrativas de artesãs, tendo como recurso metodológico a História Oral e analisar como o encontro dessas narrativas e do solo cultural do pesquisador permitem a constituição de uma matemática.

O procedimento metodológico a ser adotado terá diversas etapas, cujos registros serão disponibilizados na íntegra a cada colaboradora: a gravação em áudio e vídeo dos depoimentos, a transcrição literal do que foi dito, a textualização (edição do texto da transcrição). A apresentação dessas fases se dará para que o entrevistado dê sua aprovação ou proponha adequações, alterações, inclusões e/ou exclusões, mediante sua assinatura de uma carta de cessão de direitos dos documentos produzidos.

A entrevistada terá plena liberdade para, se desejar, restringir a utilização e/ou divulgação do material áudio/visual ou escrito resultante da entrevista. O material produzido pelas narrativas das artesãs será arquivado na sala 1649, de acesso restrito, gabinete de estudos e pesquisas coordenados pelo Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes, orientador desta pesquisa, na Faculdade de Educação, situada na Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, CEP 31270-901 e ficará sob a responsabilidade da instituição, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre pesquisador e colaboradores (via carta de cessão de direitos), o que também se aplica a qualquer uso futuro que venha a ser feito dessa fonte historiográfica.

Neste ensejo, agradecemos desde já a participação de cada colaboradora.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes  
Professor orientador da pesquisa

---

Rafael Antunes Machado  
Pesquisador

## APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada colaboradora,

Sou o Rafael Antunes Machado e você está sendo convidada a participar voluntariamente da pesquisa “*Da fala, das mãos, do corpo: a produção cultural nas comunidades artesãs de Campo Buriti e Campo Alegre/MG em uma abordagem Etnomatemática*” que tem como objetivo analisar como se dá a constituição de uma matemática no encontro entre narrativas de vida e de trabalho de ceramistas das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, e o solo cultural de um professor de matemática.

Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos gravar, em áudio e vídeo, as falas e ações de algumas artesãs ceramistas das comunidades acima citadas em sua rotina diária de trabalho e vida, afim de que essas atividades contribuam com o desenvolvimento deste trabalho. E é por isso que você está sendo convidada. A pesquisa será realizada nas comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre/MG e pretendo ficar hospedado em alguma pousada da região para que possa acompanhar mais proximamente possível o trabalho e a rotina das artesãs. A coleta de suas imagens, falas e depoimentos poderá acontecer em sua residência, comunidade que habita, ou local de trabalho, ou em qualquer outro local acordado entre você e o pesquisador. O tempo estimado para as ações e falas gravadas e a quantidade de encontros que realizaremos dependerá das atividades que você estiver desenvolvendo em sua rotina habitual, não podendo ser estipulado previamente.

Os benefícios desta pesquisa recaem na ampliação dos estudos da Etnomatemática para o campo acadêmico. Para as comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre/MG, a pesquisa contribuirá, mais ainda, para a divulgação do trabalho das artesãs e para a valorização da produção e continuidade de saberes característicos de um povo.

Esclarecemos que sua participação é voluntária e assumimos o compromisso de propiciar assistência e eventuais danos materiais e imateriais, decorrentes de sua participação na pesquisa. A sra. não terá qualquer tipo de despesa para participar desta pesquisa e não receberá qualquer remuneração por sua participação. Os riscos a que você estará exposta na pesquisa são mínimos e dizem respeito a algum possível tipo de ansiedade ou desconforto no tocante às perguntas que lhe serão feitas e também ao tempo dedicado a respondê-las. Para minimizar esses riscos, você terá acesso às perguntas antes do seu depoimento ser gravado, poderá se recusar a responder qualquer questão específica e, caso você considere necessário, a gravação poderá ser dividida em mais de uma sessão de modo a diminuir o desconforto pelo tempo despendido com ela. Além disso, você é livre para se recusar a participar da pesquisa e poderá retirar o seu consentimento em qualquer fase dela, sem qualquer penalidade.

Em hipótese alguma, seu nome ou o material coletado nas gravações em áudio e vídeo será divulgado sem sua autorização. Todo o material coletado será de responsabilidade do pesquisador, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador/pesquisador e entrevistado (via carta de cessão de direitos), o que também se aplica a qualquer uso futuro que venha a ser feito desta fonte historiográfica, desde que esses futuros projetos sejam aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP), bem como outras instâncias da Universidade Federal de Minas Gerais.

Caso seja autorizada a divulgação do material coletado, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. O destino final das gravações terá seu arquivamento, na sala 1649, de acesso restrito, gabinete de estudos e pesquisas coordenados pelo Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes, orientador desta pesquisa, na Faculdade de Educação, situada na Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, CEP 31270-901. O tempo de arquivamento é de 10 anos.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com os pesquisadores responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo telefone (31) 3409-4592, pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP 31.270-901, ou ainda pelo endereço eletrônico [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br).

Este documento será assinado em duas vias, em que uma fica com os pesquisadores responsável e corresponsável e outra com o participante da pesquisa.

Agradecemos desde já sua colaboração. Atenciosamente,

---

Assinatura do Orientador  
 Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes  
 E-mail: [fernandes.fjf@gmail.com](mailto:fernandes.fjf@gmail.com)  
 Telefone: (32) 99156-2085  
 Universidade Federal de Minas Gerais  
 Faculdade de Educação  
 Belo Horizonte - MG

---

Assinatura do Pesquisador Responsável  
 Rafael Antunes Machado  
 E-mail: [rafamachado87@hotmail.com](mailto:rafamachado87@hotmail.com)  
 Telefone: (31) 99255-6970  
 Universidade Federal de Minas Gerais  
 Faculdade de Educação  
 Belo Horizonte - MG

---

Nome legível da colaboradora

---

Assinatura da colaboradora

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.  
 Local e data

**CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO COMO COLABORADOR NA  
 PESQUISA: DA FALA, DAS MÃOS, DO CORPO: A PRODUÇÃO CULTURAL NAS**



COMUNIDADES ARTESÃS DE CAMPO BURITI E CAMPO ALEGRE/MG EM UMA  
ABORDAGEM ETNOMATEMÁTICA

Declaro que li e entendi as informações e os detalhes descritos neste documento.

Participarei desta pesquisa de acordo com os procedimentos descritos no corpo deste documento.

Autorizo a gravação em áudio e vídeo de minhas falas e ações durante a realização da pesquisa.

Todo o material coletado para o estudo pode ser guardado em banco de dados e utilizado na dissertação de mestrado para fins acadêmicos que resultará desta pesquisa e em outras pesquisas de natureza educacional.

Eu, voluntariamente, aceito participar desta pesquisa. Portanto, concordo com tudo que está escrito acima e dou meu consentimento.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.  
Local e data

---

Nome legível da colaboradora

---

Assinatura da colaboradora

**APÊNDICE E – CARTA DE SEÇÃO DE DIREITOS**

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG nº \_\_\_\_\_, declaro ceder a Rafael Antunes Machado,  
RG nº MG-12234741, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em  
\_\_\_\_\_, com duração de \_\_\_\_\_, os direitos sobre a  
transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas)  
do referido registro oral e, ainda, direitos referentes à publicação de imagens, áudios  
ou parte da gravação em vídeo para utilização em sua pesquisa de mestrado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão  
publicados em uma dissertação de mestrado, bem como em artigos a serem  
submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas  
educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da  
entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também  
nesses artigos, bem como imagens registradas durante o período de realização da  
pesquisa.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser  
publicado na dissertação e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte  
para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na  
dissertação de mestrado quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com o pesquisador  
responsável e a outra com o participante da pesquisa.

---

LOCAL E DATA DA CESSÃO

---

ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

---

ASSINATURA DO PESQUISADOR